

A VOZ do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultrammar, semestre - 600 *
Numero avulso, 30 réis
ANNUNCIOS — Preços convencionaes
Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

Salvé 5 de outubro!

(ATUALISADO)

*Depois de procelosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o sol a negra escuridade,
Removendo o temor do pensamento:
Assim na luz gente acontece
Depois que a vil monarchia faleceu*

CAMÕES

Em radiosa manhã d'outubro, faz precisamente dois anos, que povo, exercito e armada arrancaram das garras aduncas d'uma monarchia depravada, a tutela escravizadora que ha longos seculos vinha suportando o docil Povo Portuguez, proclamando a Republica.

Um punhado de herois somente bastou para a proclamação!

A monarchia não opoz resistencia, no primeiro solavanco, caiu de pobre! A Republica já ha muito estava proclamada, porque esse ideal, mercê d'uma intensa propaganda Democratica, já de ha muito tambem estava fortemente infiltrado na alma do povo e do exercito portuguez.

A monarchia em Portugal, foi como que a passagem assoladora d'um grande cataclismo candente, que tudo devastava e fundia. A Republica tem sido e ha de continuar a ser semelhante a um numeroso nucleo de archeologos de vontade ferrea, persistentes e incançaveis, que rebuscando pedra por pedra nos escombros lamacentos e miasmáticos do passado ignominioso da sua antecessora, fez surgir um Portugal novo, prometedor e digno do seu verdadeiro nome, igualando assim os melhores archeologos mundiais que a pouco e pouco fazem reviver toda a estetica da velha Pompêa.

E' pois hoje, 5 de outubro de 1912, uma data solenissima, festejada de norte a sul por todos os portuguezes verdadeiramente amantes da sua Patria, porque marca a morte d'uma monarchia, cujas saudades em nós são tantas como as que Nero deixou a Roma.

Eu te saúdo data gloriosissima, porque marcas tambem a a libertação d'um Povo ha seculos escravizado por uma monarchia ultra estigmatizada pela protervia, esbanjamento e devassidão!...

Eu te saúdo, porque recordas a leonica coragem de que do-taste povo e exercito, que n'um arranco de desespero quebrou para sempre os ferros que mais o algemavam!...

Eu te saúdo, porque vincas indelevelmente a fuga cobarde duma monarchia, personificada n'um garoto fanatisado, timido e já devasso!...

Eu te saúdo vezes mil sem fim, porque calcaste o embuste e realçaste a verdade; porque asseguraste a integridade d'uma Patria e a independencia d'um Povo, prestes a despenhar-se num abismo, d'onde a custo se salvaria somente a sua gloriosa tradição, porque foste o batel salvador onde se acolheu o naufrago, a quem poucas esperanças restavam de vida e finalmente, porque se coisa alguma me dás do muito que preciso para disfrutar a vida tambem como os outros, a que tenho incontestavel jus, o prometes todavia a meus filhos e netos, pelo que rejubilando de alegria bradarei:

Viva a Republica Portugueza!

Viva a Patria!

Salvé 5 d'outubro!

Argus Beirão.

Recordando

Corria o ano de 1910.

O Povo Portuguez jazia quasi inanimado, quasi sem forças.

Exgotados os seus haveres, as suas liberdades estavam dependentes do juizo de instrução criminal, cuja obra de destruição era completada pela guarda municipal, que nam contente em espadeira-lo, o espingardeava numa furia de canibae, de selvagens, de feras.

Nesta linda nesga da Europa, onde ha flores todo o ano, onde o Oceano enamorado vem beijar languidamente as suas praias, aspirar avidamente o ar aromatisado pelos seus poeticos laranjaes e jardins, pelos seus viridantes bosques e matas, vivia-se em sobresalto, nam se sabendo qual o momento em que uma masmorra devia abrir as suas portas, para nos privar da liberdade.

O direito social tinha desaparecido; e, em seu lugar, uns tantos esbirros preparavam e applicavam leis subtricias, tendentes a afundar-nos num pelago de lama.

O estrangeiro olhava-nos desconfiado, supondo mortas em nós todas aquelas qualidades de atavismo, que fizeram dos nossos antepassados os maiores capitães, os maiores almirantes de que fala a historia universal.

* * *

Numa estrelada e serena madrugada dum dos primeiros dias do mez de outubro' entra no quartel do 16 de infantaria, o commissario-naval Machado Santos; e, na presença de toda a officialidade do regimento, forma quasi a totalidade dos seus cabos e soldados, trazendo-os para a rua, depois de um dos sustentaculos da realesa ficar prostrado, sem vida, no mesmo quartel.

Ao mesmo tempo o capitão Afonso Pala forma artilharia 1, deixando os seus camaradas,

que nam querem acompanhalo, encerrados numa das salas do quartel.

No nosso lindo Tejo, os nossos marinheiros, comandados superiormente pelo tenente Parreira, assestam as suas peças para o coio habitado pela realesa.

Muitos civis, armados com todas as armas que podem conseguir, formam grupos em determinados locais.

Que se passava?

Eram os prenuncios da Revolução que nos devia libertar da monarchia, dos autocratas que a rodeavam, das serpentes monarchicas que enleando-se á alma nacional, tentavam aniquilar-lhe as suas qualidades guerreiras e liberaes.

* * *

Os dois regimentos, com bastantes grupos civis já agregados, dirigiram-se para a Rotunda; e, ali, sustentaram épica-mente, virilmente, como sôem heroes, os combates que lhe foram dirigidos pelos pretorianos da realesa, demonstrando ao mundo inteiro, que o portuguez d'hoje é digno descendente d'aqueles que Camões prepetuou em seus versos.

Um nosso marinheiro, com um certo tiro, lançou por terra a bandeira dos Braganças, hasteada nas Necessidades.

O ultimo representante dessa raça de chacaes, fuge espavorido, abandonado dos seus aulicos, lançar-se nos braços de sua mãe, essa moderna Lucrecia Borgia.

O nosso Povo, rompendo as fileiras dos nossos soldados, confraternisa com eles, saudando juntos a Bandeira Verde e Vermelha, simbolo de uma Patria nova.

Estava implantada a Republica Portugueza.

Ao mesmo tempo o telegrafo transmitia ás nossas provincias a feliz nova e de todos os labios honrados saio então, este vibrante grito, que atesta o nosso renascimento, a nossa vontade

de progredir, a nossa liberdade, a nossa heroicidade.

Viva a Republica Portugueza!

Elvas — outubro de 1912.

Manuel Antonio Vieira.

1.º sargento do 4.º grupo de metralhadoras de infantaria.

Bandidos e herois

O advento da Republica, ao mesmo tempo que efectivava as aspirações liberais da maioria dos portuguezes, impunha-se como unica solução para a manutenção da autonomia da sua patria.

Ele devia, portanto, ser acolhido com jubilo por todos.

Não aconteceu assim, infelizmente; mas nem por isso a Republica deixará de viver, escudada na força inquebrantavel e invencivel do povo republicano.

A minoria insignificante de degenerados que teem tentado por todas as formas derruil-a ha de esbravejar sem que consiga, sequer, abal-la; ha de escabujar de encontro á sua propria impotencia até que se convença, se é que já não está convencida, da solidez dos alicerces do edificio republicano, ha dois anos construido.

Isto ao passo que nós marcharemos, olhos fitos na sublimidade do nosso Ideal, serenamente, pela estrada do Progresso.

A PORTUGAL

Comemorando o segundo aniversario da Republica

O' belo Portugal, ó terra de ideais,
Onde é mais puro o ceu, mais doce a viração,
E o revolto Oceano oscula com paixão,
Como um sultão ardente, os brancos areais!

Onde as aves soltando os hinos de harmonia,
Fazem deste paiz eden de sonhadores;
Quando rompe a manhã, gorgoeja a cotovia,
A' noite, o rouxinol celebra os seus amores.

Um manto esmeraldino envolve com carinho
Esta terra ridente a quem Ceres bafeja.
Ondulam os rosais; e terna amante beija,
A brisa que perpassa, os lirios do caminho.

Das fontes, o murmuro ao deslizar parece
O canto sem rival do povo portuguez,
Quando a guitarra geme e desperta a mudez
Da noite que ao luar dirige intima prece.

Onde as moiras, segundo antiga tradição,
Roupagens cor de neve e soltos os cabelos,
Cumprindo o triste fado, em noite de S. João
Passeiam ao luar no alto dos castelos...

E são do Algarve ao Minho, ingenuos, amorosos,
Os simples corações dos habitantes teus;
Enlevam-se no azul sereno destes ceus.
Deleita-os o cantar dos melros maviosos!

Aqui nasceu Camões o épico imortal,
Cuja fama ninguem jámais pode egualar!
Poeta que legou ao nobre Portugal
Essa biblia que ao povo ensina a Patria a amar!

Descendente fiel da antiga Lusitania,
Gente que simbolisa audaz heroicidade!
Povo simples e bom que adora a Liberdade
E que o grilhão quebrou da depravada insânia!

Hoje, data festiva! Em vibrações, fremente,
Não sentes palpitar, ó minha patria amada,
Os corações leais da tua heroica gente,
Ao ver-te assim risonha e toda engalanada?

Minh'alma junta a sua á alegria publica
E ao ingente clamor da multidão feliz,
Saudando, entusiasta, este lindo paiz,
O Povo, a Liberdade, a Justiça e a Republica!

Tavira, 5 d'Outubro de 1912.

Laurinda Serytram.

Dois anos de Republica teem sido, ao mesmo tempo, dois anos de alegria e dois anos de desencadeamento de odios — alegria nossa porque temos visto a resistencia das instituições republicanas; odios contra nós atirados pela turba infame de bandoleiros que nos jurou guerra de morte, ainda que, com a nossa morte, rolasse para o abismo dos desaparecidos a Patria querida.

Felizmente que os designios dos segundos se teem frustrado de encontro á força invencivel dos primeiros.

A Justiça republicana tem sabido manejar o seu gladio immaculado, e a Historia ha de levar ás gerações vindouras, extremado-os, os nomes dos bandidos e os nomes dos herois.

ACACIO SERRA.

2.º aniversario da Republica

E' o seguinte o programa oficial das festas que se realisam em Coimbra, no dia 5 de outubro:

Dia 5, ás 6 horas, alvorada — As bandas de musica, saindo da Praça do Comercio, onde esteve o antigo Centro Republicano José Falcão, em cuja sede primeiro se soube da proclamação da Republica em Portugal, percorrerão as ruas executando o Hino Nacional.

As 11 horas. — Bôlo a 150 pöbres das diferentes freguezias da cidade, por meio de senhas que serão distribuidas pelas respetivas juntas de paróquia.

As 14 horas — Exercício pelos Bombeiros Municipaes e Voluntarios, em uma casa da Praça do Comercio.

As 20 horas — Iluminações; kermesse na Avenida Navarro, promovida pela Federação Operaria.

As 21 horas — Vistoso fogo de artificio, queimado no rio.

Este festival será abrilhantado pelas duas bandas regimentaes da guarnição.

A comissão executiva vae mandar distribuir profusamente pela cidade convite ao comercio e industria para fechar no sabado, ás 12 horas, para que o pessoal respetivo possa colaborar nos festejos, e aos habitantes da cidade para ornamentarem e iluminarem nesse dia as fachadas de suas casas, o que deve produzir um belo efeito.

No dia 5 será distribuido um bôlo a 300 pobres, pela comissão administrativa da freguezia de Santa Cruz.

O acto será o mais reconditamento possível e sem dar nas vistas, o que mais simpatico o torna.

Entre as iluminações publicas que haverá, sabemos que o novo edificio do Banco de Portugal iluminará com 100 bicos de gaz.

NOTICIAS MILITARES

Esteve nesta cidade, escoltando presos politicos, o tenente de infantaria 18 sr. Narciso José Gonçalves.

Solicitou autorisação para concorrer aos logares de professor interino dos liceus, o major-medico,

inspétor de saude da 5.ª divisão, sr. Julio Ernesto Lima Duque.

— Recolheu de Soure a diligencia do regimento d'infantaria 35, que para ali tinha ido sob o comando do alferes Anibal de Barros.

— Está nesta cidade em serviço judiciario o tenente d'infantaria 18, sr. José Augusto Gonçalves de Freitas.

— Estão nesta cidade gosando licença o capitão Patricio Xavier de Almeida e Brito e capitão Domingos Augusto Alves da Costa Oliveira, respetivamente de artilharia 7 e do estado maior de cavalaria.

— Pediram licenças disciplinares, os seguintes srs. officiaes: coronel Antonio Ernesto da Cunha, tenente-medico Custodio Luiz de Oliveira Pessoa, capitão Manuel Teixeira Lopes e tenente-coronel Antonio Rodrigues Mendes Castanheira, respetivamente, do D. R. 23, grupo de saude, infantaria 28 e D. R. 24.

— Pediu 25 dias de licença registada o alferes d'infantaria 20, sr. Henrique Ferreira.

— Ofereceram se para servir nas colonias nos termos do decreto de 14 de novembro de 1901, o capitão José dos Santos Ribeiro e tenente Helder Ribeiro, ambos d'infantaria 28.

— Marchou para Lisboa, a fim de tomar parte no concurso de tiro, o alferes d'infanteria 35, sr. Raul Torres Batista.

— Pediram para ser presentes á proxima junta hospitalar d'inspeção os majores d'infanteria 28, srs. João Lopes e Manuel Lucio de Loureiro.

— Esteve nesta cidade o alferes do regimento de artilharia 2, sr. Antonio da Silva Soares.

— Recolheu de Sever do Vouga, de serviço judiciario, o alferes de infantaria 23, sr. Augusto Casimiro dos Santos, acompanhado do 2.º sargento Carlos Augusto Martins.

— Foram concedidas licenças disciplinares aos seguintes srs. officiaes:

Major José Domingos Peres, capitães José Augusto Ferreira Lopes e Manuel Teixeira Lopes, tenentes Valerio dos Santos Moutinho e Joaquim Simões da Silva Trigueiros, alferes Amandio Bertoldo Machado e Francisco de Sousa Silva e Frias, respetivamente, d'infanteria 24, 35, 28 e cavalaria 8.

— Pediu para gosar o resto da licença da junta, na Figueira da Foz, o 2.º sargento d'infanteria 28, sr. Zeferino da Cunha Barbosa Vaz de Castro.

— Apresentou se na 5.ª divisão, por terminar a escola de repetição que foi prestar em infantaria 19, o capitão sr. Anibal Coelho de Montalvão.

EXPEDIENTE

Devido ao curto espaço que decorre da publicação deste numero ao numero imediato, assim como os muitos afazeres, não se publica a "A Voz do Sargento", na proxima semana.

Sempre ele!

Consta que o diretor de um jornal indigena, impávia de soberba quando acompanhado do seu sequito atravessava ha dias as ruas da Figueira em direção a Buarcos.

A deputação foi bem recebida, e agora é mais que certo...

Não o conhecem?
Aleunha-se martir do 31 de janeiro, e por ter passado á classe dos amarelos tem cadeira no teatro.

Fraternidade militar

É um facto, infelizmente por demais conhecido, que todas as iniciativas honestas morrem entre nós, vítimas da ironia de alguns, dos que ainda teem força para rir, e da indiferença apatia terrível da maioria.

(Do relatório que acompanha os estatutos da Fraternidade Militar.)

Um dos problemas que até hoje tem dado e dará bastante que pensar tem sido o de resolver a questão económico-social.

Bastante se tem pensado no assunto e alguma coisa de aproveitável já se tem feito, não entanto do que ha poucos se aproveitam.

Uma das coisas que sempre preocupou a vida dos sargentos foi a questão económica, atendendo aos poucos vencimentos que auferem, e antes de implantada a Republica muito mais os preocupava, visto terem menos vencimento do que atualmente teem.

Os sargentos d'engenharia com a intenção de melhorarem a vida de cada um, quanto a economia e poderem de pronto acudir a uma eventualidade que algum pudesse ter, procuraram no tempo da monarquia criar no extinto regimento de engenharia uma caixa económica e uma cooperativa de consumo de generos de primeira necessidade, chegando até a terem uns estatutos elaborados, mas atendendo á pouca importancia que a carunchosa monarquia ligava aos interesses sociais nunca conseguiram levar a efeito a sua obra, pois necessitavam de auxilio e autorisação e nada disso lhes foi dado, não entanto e já de data anterior, conseguiram criar por assim dizer um cofre, onde todos fossem depositando as suas economias para de pronto em determinado momento poderem acudir á qualquer eventualidade; este cofre a que deram o nome de «Caixa económica particular dos sargentos d'engenharia» ainda hoje gira e tem um capital aproximadamente a dois contos; teem sido inumeras as vantagens que esta caixa tem dado aos seus associados e não associados, fazendo empréstimos e servindo por assim dizer de mialheiro dos socios.

Depois de implantada a Republica pensou-se alguma coisa na vida económica dos sargentos e assim foi creada a grande associação Fraternidade Militar da qual fazem parte cooperativas de consumo, caixas de previdencia, etc., com as quais se procura assegurar aos associados uma vida menos pezáda e mais económica, quer fornecendo-lhe generos alimenticios mais baratos e de primeira qualidade e estabelecendo a igualdade no pezo, o que é raro existir no comerciante, pois este só pensa em se enriquecer, pelo principio de pelo homem explorar o homem, o que é bastante condenavel; a Republica acabou com alguns direitos alfandegarios nos generos de 1.^a necessidade para tornar mais suave, menos custosa a vida das classes trabalhadoras, mas o comerciante pouco pensou no fim que houve, em abolir o direito de consumo, pensando só no condenavel principio acima citado; quer creando as caixas de Previdencia pelas quais os associados poderão ser socorridos num momento critico, quer fazendo delas mialheiro para juntarem as suas economias produto de insano trabalho,

São bastantes as vantagens que a Fraternidade Militar oferece, mas é para lamentar que quasi todas as unidades onde se deviam ter creado os nucleos ou união de nucleos não tivessem ainda pensado no assunto a valer, pois unidades ha onde nada existe feito e que com um pouco de boa vontade bastante se poderia fazer em prol duma classe que pelos seus serviços bem o merece.

Lisboa, 30 de setembro de 1912.

JOÃO ANTONIO DA VELHA,
2.^a sargento d'engenharia.

Festas da cidade

Desempenhando-se do encargo que lhes foi cometido, os secretarios da comissão promotora da festa da cidade para o ano de 1913, vão enviar a seguinte circular, acompanhada dos boletins respectivos, ao commercio e a outras entidades conimbricenses:

Ex.^{mo} Sr.

A Comissão nomeada para levar a efeito as festas da cidade de Coimbra no proximo ano, toma a liberdade de se dirigir a V. Ex.^{ta}, solicitando o seu auxilio para a subscrição publica que acaba de ser aberta.

Junto remetemos a V. Ex.^{ta} um boletim de subscrição, a fim de que V. Ex.^{ta} consiga, de entre as pessoas das suas relações, qualquer quantia para a referida subscrição.

Para que as Festas da Cidade se possam conseguir com o brilliantismo que Coimbra, como terceira cidade requer, necessario se torna que V. Ex.^{ta} e bem assim todos os cidadãos que pertencem ás classes que constituem as forças vivas desta terra, se interessem para que a subscrição atinja uma importancia consideravel.

Saude e Fraternidade.

Pela Comissão,

João Rodrigues de Moura Marques.

Os boletins devem ser enviados á Associação Commercial de Coimbra. A cobrança de quotas e donativos será feita pelo continuo desta Associação.

TRIBUNAL MILITAR

Funcionou terça feira pela 3.^a vez este tribunal, julgando Manuel Bernardes e Adriano Bernardes, implicados no *complot* da Azoia, Leiria.

Foram condenados, o primeiro em 2 anos de prisão maior celular ou na alternativa de 3 de degredo em possessão de 1.^a classe, e o segundo 2 anos de prisão correcional.

General Silva Monteiro

Faleceu repentinamente em Viana do Castelo, contando 64 anos, o general sr. José Joaquim da Silva Monteiro, que foi por algum tempo comandante da divisão militar com sede nesta cidade.

O extinto, que deixou aqui simpatias, foi transferido para o Porto, por, segundo se disse, quaesquer sustos factos que figuravam ou figuraram em processos contra alguns conspiradores.

O illustre poeta Guerra Junqueiro, nosso ministro em Berne, é conhecido do falecido.

Batalhão voluntario

O sr. ministro da guerra ordenou ao sr. general desta divisão que o batalhão de voluntarios desta cidade seja acompanhado a Lisboa, onde vai tomar parte na parada de 6 do corrente, pelos officiaes, sargentos,

cabos e corneteiros que entenda necessarios para regularidade do serviço.

O batalhão irá desarmado até Lisboa, devendo ali ser armado e equipado no quartel destinado para seu alojamento.

GUIA MEDICO

PARA OS

COLONOS DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

Parto permaturo. — É o que se dá antes dos nove mezes.

Aborto, motivo ou desmancho, é a expulsão pela vagina, do ovo (feto e anexos), contido na madre numa época em que o feto não é ainda viavel e por isso sempre antes dos 6 mezes seguintes á menstruação.

O parto pode tambem ser retardado e demorar-se alguns dias alem dos nove mezes, pelo menos tantos quantos decorreram da ultima menstruação até á concepção.

O parto diz-se espontaneo quando se dá só sob a influencia das causas naturaes proprias. É provocado quando se faz intervir alguma influencia extranha. O conjunto de factos que concorrem para a execução do parto chama-se «trabalho».

Quando todo o trabalho do parto leve este á sua terminação diz-se que o parto foi «natural». Quando haja necessidade de auxilio cirurgico — chama-se «artificial».

O trabalho do parto pode durar de 10 a 14 horas, 6 a 8, etc., conforme as circunstancias. Pode ser facil, difficil, laborioso, lento, rapido, etc.

Cuidados a prestar á parturiente

Quando se anuncia o parto pelas dores, peso no baixo ventre, etc., deve-se estar prevenido com algodão, um irrigador de 1 litro ou 2 com o canulo de vidro de preferencia, agua antiseptica de acido borico ou de chloral boratado, ou de permanganato de potassio ou de creatina ou sobreol. Deve tambem haver gaze.

Logo que o parto se dê e que tenha sido completo, isto é, depois da quitadura, far-se-ha uma lavagem dos orgãos genitais externos; vulva, grandes e pequenos labios e regiões em volta, com o soluto quente de acido borico a 4 por cento e será colocado em frente á vulva uma pasta de algodão, coberte de gaze, ficando esta para a vulva e partes visinhas. O todo sustentado pela atadura que, passando por entre as coxas, vai prender atraz e adiante a outra que se colocará em volta da cintura.

Este penso será renovado, assim como a lavagem de 4 em 4 horas. Se estes corrimentos que aparecem e se seguem aos partes, chamados lochios, se infectarem e tomarem cheiro fetido é necessario proceder a lavagens vaginaes com os desinfetantes acima referidos, tanto mais frequentemente quanto mais alta fôr a febre (em geral de 4 em 4 horas é bastante).

Se porém a febre continuar, dar-se-ha a quinina e um purgante continuando sempre com as injeções.

Finalmente se tudo ceder, febre e mau cheiro, diminuir-se-hão a quinina e as injeções. Do contrario é necessario a presença do medico para intervir mais convenientemente. A alimentação das partu-

rientes será nos primeiros dias liquida, caldos e leite, e depois voltará á ordinaria pouco a pouco, regulando-se pelo apetite e facilidade de digestão dos alimentos. Nos primeiros 6 ou dias convirá que a parturiense esteja no decubito dorsal ou de ventre para cima na cama, porém se isso incomodar muito á mulher, poderá mudar durante o somno, de posição.

Quanto ao sair da cama só o fará dos 15 aos 20 ou 25 dias. A respeito do trabalho ordinario, só o retomará lentamente e se ele fôr exigente em esforços, só depois de 2 mezes ou 3. O coito só será permitido depois da primeira menstruação seguinte ao parto.

Os seios serão objeto de cuidados especiais já anteriores ao parto que consistirão em sueções com pomada borica e nas proximidades do parto em sueções com tetinas para formar bico nas mulheres que vão realizar o primeiro parto e que se chamam primiparas. Nas outras que já teem os bicos feitos bastará a sucção com a pomada para evitar que se gremem ou inflamem.

VIII

Molestias de pele e do tecido celular — Furunculose ou biceços

a) Definição — É um pequeno tumor inflamatorio limitado a um ponto qualquer da pele, é conico, duro e doloroso, supura quasi sempre e deixa sair com o pus uma pequena massa mole, esponjosa, cinzenta, chamada carnicão.

b) Sintomas — O furunculo principia por uma pequena trucefação, tendo muitas vezes no centro uma vesicula avermelhada. Passados 3 a 4 dias está o furunculo pronto a abrir e a supurar. As dores são bastantes incomodativas.

Por vezes ha um ou dois, mas casos e não raros existem em que ha grande numero d'elles em varios pontos do corpo, de preferencia nos sitios mais expostos e que suportam mais attritos e onde o suor é abundante.

Esta ultima circunstancia que dá logar á grande frequencia destes tumores na provincia, clima tropical.

Quando existem muitos diz-se que ha furunculose.

Pode sobretudo quando ha furunculose, haver febre, estado catarrhal das vias digestivas, grande abatimento de forças e mesmo estado grave geral.

A albuminuria e a diabete favorecem muita estas erupções furunculares e portanto neste caso em que ha desenvolvimento grande de furunculose nunca devem deixar de ser verificados pelo exame da ureia.

c) Tratamento — O tratamento dos furunculose e da furunculose dividem-se em local e geral.

O primeiro varia conforme se está no principio ou já existe pus. Se está no principio usem-se compressas humidas de sublimado a 50 cent. por mil, cobertas de tela impermeavel e renovadas frequentemente, que produzem o efeito emoliente e sedativo das antigas cataplasmas sem terem os seus detestaveis inconvenientes.

Nos furunculose do canal auditivo pode oom vantagem no principio usar-se uma torcida de algodão embebida de oleo mentolado ou em soluto de chloral boratado (2 lenticulos a 0,5 em 100 gramas de agua).

(Continua).

UTOPIA?

Conclusão

Camaradas! Não devemos declinar nos Governos esta responsabilidade moral, este dever humano que só a nós pertence!

Unamo-nos e trabalhemos para este fim que não prejudica ninguém. Admitindo a hipótese de haver em Portugal e nas colónias 4500 sargentos que queiram quotizar-se para o Ideal mais sublime que devemos conceber;

Dez contos e oitocentos mil reis! Que entrada tão linda!

Admitindo agora outra hipótese também viável, entrando 3000 sargentos da metrópole com 200 reis e 1500 das colónias com 600 reis, mensais e a joia de 1:000 reis cada um, teremos:

3000 x 200 = 600:000 x 12 = 7:200:000
1500 x 600 = 900:000 x 12 = 10:800:000
4500 x 1:000 = 4:500:000
Total... 22:500:000

no fim de um ano! Vinte e dois contos e quinhentos mil reis de capital para uma Associação de socorros mútuos, no seu início, era uma base segura para um futuro prospero, tanto mais que iriamos acumulando todos os anos eguaes quantias, não contando com os juros minimos de 2 por cento.

Nestes termo, caros camaradas, dado o lamiré, só espero que me succedeis nesta obra, e que tanto em Portugal como nas colónias se principie já a propagação neste sentido e se cumpra desde já também, o seguinte:

- 1.º Os sargentos do exercito metropolitano, armada, etc., fundarão uma Associação para acumulação de fundos, sem outro caracter, em Lisboa.
2.º Os sargentos das Colónias inscrever-se-hão como socios nas associações de Loanda e Macau.
3.º Os semadarios O sargento e Voz do Sargento serão os órgãos da classe e os propulsores das ideias da agremiação geral, e neles se irão transcrevendo os resultados dos trabalhos e os balanços dos fundos existentes.
4.º As associações de Angola e Macau, unir-se-hão in mente e terão os seus respectivos representantes nas sedes das mesmas, para o que os alegrarão.
5.º A data da iniciação dos trabalhos deve ser publicada nos referidos semanarios. Um ano após, far-se-ha a fusão das associações.
6.º As direcções das associações entender-se-hão sempre e darão conta dos seu trabalhos umas ás outras.
7.º A base do triangulo associativo será em Lisboa.
8.º Os fundos da associação de Lisboa serão depositados no Banco de Portugal; os das as-

sociações de Angola e Macau, nas respectivas agências do Banco Nacional Ultramarino.

9.º Para maior facilidade de escripturação, isto é, para não se sobrecarregar uma só associação com o muito expediente, deverão os sargentos da Índia e Timor inscreverem-se no club de Macau, e os das demais colónias, em Angola.

10.º Quando se der a fusão das associações, podem ficar existindo como filiais, as actuaes de Angola e Macau, o que custam grande acumulação de expediente na sede de Lisboa, devendo as filiais fazer os seus movimentos, balanços e propostas directamente á sede geral.

Termino meus caros camaradas, desejando uma feliz hora a este meu desprezencioso artigo.

Loanda, 22 8 912.

Vosso camarada dedicado, Manuel Mendes Ventura

2.º sargento d'infantaria Presidente do Centro Militar de Instrução e Recreio

Despedida

Ao deixar o regimento de cavalaria n.º 3, por ser transferido para o de cavalaria n.º 10, não posso de forma alguma fazel-o sem patentear bem alto a satisfação e o desgosto que me vão na alma; satisfação, por sair dum regimento, onde, dois ou tres membros da nossa corporação, tem semeado a intriga e a desordem, a tal ponto, que esta se acha vexada perante varias corporações, entre ellas, a dos sargentos doutras unidades, conhecedoras da falta de boa camaradagem que ali existe, e ainda, por ser transferido para um regimento onde bem longe chegam os ecos da verdadeira camaradagem que ali existe, e devida consideração que é dispensada aos sargentos; desgosto, por ter que me afastar de Estremoz, onde permaneci quasi treze anos, e de verdadeiros e sinceros amigos, tanto na classe civil, como na militar.

No regimento a que, com satisfação deixo de pertencer, ao sargento não é dada a consideração nem força, que lhe assiste, o que provo com uma falta bastante grave cometida por um soldado em que este se insubordinou comigo e outro sargento e do que dei devido conhecimento por escrito, isto em 5 do corrente, sem que até á data se lhe tenha ligado a menor importância. Com casos desta natureza, como poderá o sargento ser um bom e leal cumpridor dos seus deveres?...

Não o pode, visto lhe faltar o apoio de quem tem por dever dar-lh'o.

E' pois com saudade que me despeço dos verdadeiros amigos, entre os quaes não posso deixar de especialisar o 1.º sargento Manuel Carpinteiro, onde sempre encontrei uma retidão de carater sem limites. Devido ao seu correto procedimento tem grangeado dos superiores, as mais agradaveis referencias, não tendo, pelo mesmo motivo escapado ás piores infamias, vomitadas por varios malandrins seus inimigos.

Votados ao completo desprezo deixo um, que pelas suas proezas tem sido expulso de varios regi-

mentos, a pedido dos camaradas, cujo contacto se torna mais perigoso do que o de qualquer animal raivoso; outro que só se encontra feliz enlameando toda a gente com a sua babuje peçonhenta, a quem a impertinencia da tuberculose, só torna feliz, aconselhando-lhe a maldade.

Leandro Augusto Pires, 2.º sargento de cavalaria 10.

Não!

A bondade humana tem limites. Mal vae á bondade, se se sevam-dija, se se deixa ir até ao fastigio da tolerancia. Prostituir-se-ha e mudará de nome.

Passará a chamar-se «cobardia», «estupidez» «medo» etc.

Mais: — será isto, — a propria «conspiração»!

Não se admite que a bondade humana vá ao ponto de antepôr-se á Patria. Simplesmente porque, quem pratica crimes de lesa-patria, cai na alçada do feticidio: — e então, o manicómio ou a Penitenciaria.

Ha, houve conspirantes assalariados? que ganhavam o seu dia? que não percebiam do crime que praticavam?

A esses, sim, abra-se lhes o cerebro bronco a picareta, ponha-se-lhe lá dentro um lampião com este dizer, a vermelho: «A Patria é a Mãe!»

Toque-se-lhes ao coração brutal mas generoso, e — dê-se-lhes liberdade, mandem-nos ouvir missas e arrotear o terreno sáfaro.

Aos judas, aos mandões aos imbecis, adoradores dum fedelho e feticistas dum trono de lama e gatinice, — é lapidá-los, — é cremá-los, porque esses tem a consciencia do crime, manifestam frisantemente que a sua patria se resume num reisito de opereta, — no estomago, em conclusão.

Piedade, mesericordia para os bandidos que matava em plena luz da civilização, que tem em vista a hecatombe de todos os patriotas, que querem ver leiloado, partilhado o seu rincão?...

Não! Rocha Tarpeia, — Boca do Inferno com eles!

E' preciso que a sua raça desapareça de todo, — que os seus ossos cremados vão para as profundezas do mar.

Faça-se-lhes o que o povo vem de fazer, no distrito da Guarda, a um padre assassino e vil: — linchem-se, esquartejem-se, queimem-se em petrolio!

Qual bondade, qual diabo! Ha pouco, em Paris, um bando de terríveis apaches foi dinamitizado. E Paris é a torre eifel da luz, do Amor, da liberdade.

Para os grandes males, grandes remedios. Unha por unha, dente por dente.

Não! Amnistia, não! Seria um escarro atirado á Republica, e conspurcar-la-hia, e aos seus homens, para sempre, para sempre!

Artur Doria.

No goso de licença da junta entrou ha dias o nosso amigo e illustre colaborador Henrique Herminio Branco.

Este nosso amigo pediu passagem ao grupo de metralhadoras n.º 5.

Balancete de 1 de julho a 30 de setembro de 1912

Table with columns for Despesa (Composição dos n.ºs 75 a 87, Expediente gasto, Cobrança postal, Selo, Benificencia) and Soma (112\$990).

Table with columns for Receita (Saldo do antecedente, Recebido como consta do n.º 76, Idem do n.º 78, 79, 80, 82, 86, 87) and Soma (37\$710, 75\$280, 112\$990).

Table for Subscrição da «Voz do Sargento» para a defesa nacional, listing Transporte (3\$380), Bento da Silva Fernandes (900), Antonio Nunes Queiroz (880), and Soma (5\$160).

A amnistia aos sargentos

Por motivos bastante reservados, que foram comunicados ao nosso diretor, deixou de fazer parte da comissão encarregada de tratar da amnistia para os sargentos, o nosso presado amigo e camarada Bento da Silva Fernandes.

Os motivos apresentados trazem-nos a convicção de que nada se pode conseguir por enquanto, o que levou a comissão a pôr de parte os seus trabalhos.

Esperaremos!...

O «Domingo», de Aldogalega

Este nosso brilhante colega, transcreveu na sua secção «cofre de perolas» os versos do nosso colaborador Henrique Herminio Branco, intitulados A «Burguesia».

A proposito rectificaremos neles as seguintes erratas:

No 3.º verso da 2.ª quadra onde se lê mergulhas, deve ler-se mergulho; no 1.º verso da 7.ª quadra, onde se lê ou justiça, deve ler-se O' justiça, no 3.º verso da 8.ª quadra onde se lê suculis, deve ler-se sucumbis.

Agradecemos a deferencia.

Bibliographia

Oferecido pela Biblioteca da Universidade, recebemos e muito agradecemos o Anuario daquele estabelecimento, acompanhado de um folheto intitulado: Informaçoes gerais sobre matriculas e horarios. Ambas as obras são muito uteis e indispensaveis.

Seguiram para Lisboa os nossos camaradas Goes Nogueira, Antonio Soares e Lopes Custodio, a fim de tomarem parte no concurso de tiro pelo 2.º aniversario da Republica.



A voz do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600 •
Numero avulso, 30 reis
ANNUNCIOS — Preços convencionaes
Anunciam-se todas as obras offercidas á redacção

AS FESTAS

Do ruido das festas do aniversario da Republica ficou indelevelmente gravada no espirito de todos os portuguezes e estrangeiros que estavam em Lisboa, naqueles dias, a certeza de que a Republica está solidamente ligada ao pensamento do povo. Se alguem quizer contradizer esta afirmação ha-de primeiro atraiçoar a sua consciencia, ha-de dizer antes que não é affecto ao regimen, porque a prova, a verdade estabelecida pelo povo que encheu as ruas da capital, n'uma alegria constante, não admite a mais pequena duvida sobre o seu modo de sentir, a mais insignificante hesitação sobre o seu incondicional apoio á Republica.

Quer isto dizer que esse mesmo povo, identificado com a Republica, veja as suas aspirações realisadas dentro do regimen, para a implantação do qual elle deu o melhor do seu esforço? Não; mas quer dizer, claramente, que podem contar sempre com o valor dos seus braços e com o seu decidido concurso para servir e defender leal e patrioticamente a Republica, enquanto tiver esperança de que esta venha a ser d'elle e para elle. E enquanto os homens dos governos se lembrarem de quem deve ser a Republica, por quem e para quem, o povo esperará pacientemente o cumprimento das promessas que para com ele foram insistentemente contrahidas.

Naqueles dias festivos apagaram-se as rivalidades e desapareceram totalmente os despeitos partidarios e todas as duvidas, para darem lugar sómente a uma confraternisação nacional em que todo o povo compartilhou cheio de entusiasmo e de fé, sem haver a mais pequena quebra de solidariedade.

Não foi certamente o esplendor das festas que reuniu essa multidão de gente, que durante muitas horas, nas ruas da capital, viveu sob a impressão verdadeira

de que a Republica é bem o regimen querido do povo trabalhador e honesto. Não foram os tristes enbandeiramentos e as quasi funebres iluminações que lograram satisfazer esses milhares de pessoas que vieram a Lisboa propositadamente.

Excessivamente pobres e mal preparadas foram as festas de 1912, o que talvez não acontecerá nos anos futuros se forem antecipadamente organisadas com criterio.

Mas o que sem a mais pequena duvida, calou profundamente no espirito de todos que vieram a Lisboa, foi a demonstração sincera e grandiosa de que a Republica é amada e respeitada pelo povo. E de entre todas as afirmações de patriotismo e de todas as galas que revestiram as festas d'este aniversario, fica em primeiro plano e em relevo a palavra sublime do mais alto magistrado da Republica, cujo discurso brilhantissimo ficará perduravel na memoria de todos os portuguezes, sem distincção de idéas politicas.

Aquelas palavras amigas e insinuantes, sinceras e amoveis deviam ser profusamente espalhadas por todo o paiz, chamando os desavindos e estabelecendo a concordia entre todos os portuguezes, porque do trabalho de todos precisa a Republica para se fortalecer e consolidar.

Bento da Silva Fernandes.

TRABALHEMOS

O paiz está em aberta tranquillidade. Esse estranho remor, essa indefinida agitação que se notou algum tempo antes e depois da tentativa de invasão conceirista, que alguns discolors aproveitaram para fazerem ver aos de fora os excessos da demagogia triunfante, desapareceu por completo. O Povo retomou o seu ar satisfeito e activo, e só se nota em todos os que trabalham uma actividade insitada.

A paz, e a alegria vieram nova-

mente estender suas azas sobre esta terra, em que, por alguns dias, um bando de negragados bandidos espalhou a desordem.

Restabelecida a ordem, todos se sentem bem.

E' em meio de este bem-estar geral que a Republica tem de cumprir a sua missão.

Se até ha pouco tem sido difficil o trabalho pelo resurgimento nacional, agora parece-nos o momento propicio a elle.

A Republica tem definitivamente assegurada a sua estabilidade e parece não ter agora perigo algum a debelar.

O que resta agora é trabalhar.

Convençamo-nos todos de que temos de atirar para longe a indiferença que tem sido a principal origem do nosso descalabro material. Não é continuando a viver na lua que remediaremos os nossos males.

Para que os dirigentes possam fazer alguma coisa é preciso, é imprescindivel, o auxilio gigantesco do Povo.

Sem elle é que nada se poderá fazer.

De nada valeria termos feito a Republica se não estivessemos prontos a engrandecel-a, engrandecendo o paiz. De contrario, os males agravar-se-iam e a ruina seria inevitavel e rapida. Esta é que é a verdade, e mal nos irá se a esquecermos.

Temos muito a fazer e o tempo vai decorrendo vertiginosamente. Aproveitemo-lo todos num trabalho são.

Conjuguemos esforços e atiremos, por agora, para o canto as divergencias partidarias.

O inimigo, o terrivel inimigo que agora precisa de combate sem treguas somos nós mesmo — a nossa propria inercia.

ACACIO SERRA.

Padre José de Abreu (Rebeca)

Este ratão, da vizinha povoação do Mosteirinho, que tambem faz côro com os seus colegas da seita, viu-se ha dias atrapalhado com uma doença natural da sua ama.

Nos fins de setembro o inclito varão via aproximar-se a lua nova, e por este motivo flagelava a pobre governanta, insistindo para que saísse e fosse aliviar-se para casa dos pais.

Ela, tão manhosa como o patrão, foi suportando todas as im-

pertinencias até que ele, convencido de que pelejava baldadamente, resolveu-se a dar um passeio até á cidade de Viriato.

Uma vez ali, em tempo de feira franca, facil lhe era minorar o pesadêlo que o importunava, quer apreciando o desenrolar das variadas fitas cinematograficas, quer fazendo saltar na barraca do Januario meio teles e um bife, até que no entretanto a lua passasse!

Mas, qual historia!
O padre Zé havia-se enganado na consulta do seringador e a lua só veio quando ele regressou a casa.

Então é que o padre Zé se viu na camisa de onze varas.

Por felicidade, trazia nesse dia ao seu serviço dois rapazes, Francisco Salgueiro e Antonio d'Almeida, que de boa vontade o auxiliaram naquele momento acre da sua vida.

Padre Zé nunca se viu em tamanha atrapalhação e nervoso exclamava: Antonio, não permitas a entrada a ninguem, e tu ó Xico, prepara já combustível para aquecer agua de que vou precisar.

E, enquanto proferia estas ultimas palavras, saltava-lhe nos braços o primeiro vagido, o fruto ilegitimo dos seus amores!

(D'A Voz de Torredeita)

Tribunal militar

Funcionou no sabado o tribunal militar constituído nesta cidade para julgamento dos conspirantes padre Domingos José Campos, Virgilio O. P. Santos Mota e dr. Antão Dias Paredes, este ausente.

Estes individuos eram acusados de cortarem linhas telegraficas e inutilisarem as comunicações no concelho de Amares, quando da ultima incursão, tendo já sido condenados a pena ultima no tribunal de Braga, mas recorrendo da sentença, pelo que foram julgados de novo.

Foram todos absolvidos, excetuando o dr. Antão, que foi condenado a pena maior.

Na quinta feira foram absolvidos os trabalhadores Manuel Marques, de Oleiros, e João Duarte, de Fuiellas, por se provar que estavam embriagados quando atravessaram as ruas de Castelo Branco, dando vivas subversivos.

PENSAMENTOS

No azul siderio
Vai lentamente
O sol ardente
A flutuar;
Rufam as leves,
Negras azinhas,
As andorinhas
Cortando o ar.

Tambem minh'alma
Voar quizera
— Doce quimera! —
Na imensidade.
Buscar nos prados
De grato odor,
Modesta flor,
Terna saudade.

Sim, a saudade
Desse passado
Tão lembrado
Por mim agora!...
Do teu olhar,
Meu casto anelo,
Tudo que é belo
E alma chora!

E' doloroso
Hoje o presente,
Em que não sente
Teu coração
Nem um vislumbre
Enternecido,
Do encanto ido
Dessa afeição!

Apesar disto,
Chego a supor
Que sempre amor
Me dedicaste;
Pois tambem n'alma
Guardo secreto
O doce affecto
Que me inspiraste.

LAURINDA SERYTRAM.

1.ºs cabos do exercito

Nada se fala, por enquanto, em beneficiar esta classe, tão precisa na manutenção da disciplina nas casernas, onde a sua falta já bastante se faz sentir.

Companhia ha em que devido ás exigencias de serviço, são obrigadas a conservar um grande efetivo, onde muitas das vezes nem um simples 2.º cabo existe para manutenção da ordem e harmonia que é mister haver na conyencia do soldado.

Emquanto se não trata de pensar de melhorar a sua situação, não seria conveniente autorisar o 1.º cabo a comer no rancho dos sargentos sem que fosse obrigado ao pagamento do excesso da contribuição?

Creemos bem que esta pequena regalia, com certeza viria estimular esta classe, contribuindo ao mesmo tempo para o bom andamento do serviço, fazendo-lhes antever que melhor sorte os espera.

Uma simples circular imanada da secretaria da guerra, seria o bastante para despertar o contentamento geral na classe dos cabos.

Ahi fica o alvitre.

NOTICIAS MILITARES

Apresentou-se na 5.ª divisão do exercito, a fim de desempenhar uma comissão de serviço, o coronel medico, chefe da 5.ª repartição da 2.ª direção geral da secretaria da guerra, sr. Abel da Silva.

Foi colocado em infantaria 10, pelo pedir, o tenente d'infanteria, sr. José Quirino da Camara.

Por ter terminado seis mezes de inatividade temporaria, pediu para entrar no quadro da arma a

que pertence, o tenente de cavalaria sr. Alfredo de Melo Pereira de Carvalho.

— Apresentou-se da diligencia a Lisboa, onde foi em serviço da comissão tecnica de remonta do exercito, de que faz parte, o sub-chefe do estado maior da 5.ª divisão, sr. capitão do estado maior Antonio Mario Figueiredo Campos.

— Pediu passagem a um dos corpos da guarnição do Porto, o tenente d'infanteria 24, sr. Zeferino Camóssa Ferraz de Abreu.

— Foram concedidos 30 dias de licença nos termos do regulamento disciplinar, ao alferes d'infanteria 35, sr. Eduardo dos Santos Guerra.

— Foram aprovados pelo ministerio da guerra, os programas do concurso de tiro que se deve realizar na carreira de tiro desta cidade no dia 20 do corrente, promovido pelo grupo de atiradoras civis.

— Regressou da Figueira da Foz, onde foi em serviço da comissão de material de guerra, o coronel de artilharia inspetor, sr. Decio Augusto da Rocha Dantas.

— Regressou de Lisboa, onde foi ao concurso de tiro, o alferes d'infanteria n.º 35, sr. Raul Torres Batista.

— Estiveram nesta cidade, o tenente veterinario José da Conceição Ortins Junior e alferes Antonio Marques Monteiro, ambos do regimento d'artilharia 2.

— Está gosando, nesta cidade, licença disciplinar, o sargento ajudante de cavalaria 4, sr. Eduardo d'Albuquerque.

— Foram concedidos 30 dias de licença nos termos do regulamento disciplinar, ao capitão de infantaria 28, sr. Alvaro Colen Godinho e tenente do grupo de metralhadoras 5, sr. Belizario Pimenta.

— Foram deferidos os requerimentos em que o capitão de infantaria 23, sr. Boaventura da Cunha Figueiredo e alferes de infantaria 28, sr. Fausto de Matos, pediam para ser presentes á junta hospitalar de inspecção, que reuniu nesta cidade.

— Recolheu ao corpo a que pertence, por ter vindo a esta cidade escoltar presos de Fafe, o tenente

de infantaria 31 sr. Henrique Pereira da Silva.

— Por terem regressado do concurso de tiro realizado em Lisboa por ocasião dos festejos do 2.º aniversario da Republica, em que foram tomar parte, apresentaram-se no comando da 5.ª divisão os tenentes srs. Raul Torres Batista e Herculano Jorge Ferreira.

— Apresentaram-se na 5.ª divisão, afim de gosarem nesta cidade diversas licenças, o capitão sr. Manuel Feliciano da Costa Bandarra e tenente sr. Abilio de Figueiredo Carneira Gusmão, ambos de infantaria n.º 12.

CARTAS D'ALÉM MAR

Principaes factos da revolta em Timór?

Muitos teem vindo a publico dizer de sua justiça sobre as causas prováveis que motivaram a actual sublevação, sem nada afirmarem de positivo a tal respeito, é que o assumpto se torna um bocado escabroso, principalmente quando nele se tem de meter uma outra nação, com quem temos mantido relações «da mais estreita cordealidade» embora o seu procedimento desleal para connosco se tenha acentuado bastante, desde que banimos o trono e emancipamos as consciencias, todavia, não quero dizer, que todos os cidadãos da floreseente nação a que me reporto aproveem o procedimento d'alguns desvairados a quem confiaram cargos de responsabilidade, porque como nós estão tambem sujeitos a ser ludibriados na sua boa fé, e por assim pensar é que venho declarar ante os meus concidadãos o que diversos factos me tem sugerido, que se não são a expressão da verdade aproximam-se muito dela; e se não, vejamos.

Fez no corrente mês um ano que se deram as contestações da Holanda sobre os terrenos de Bi Come e Vum-Baba em O'kussi e de Laca Maras em Bobonaro, nestes ultimos e sem para o qual houvesse motivo, foi cercado e tomado, por milhares de holandezes, o posto que ali haviamos montado e feita presoneira a sua guarnição; o choque que então sofremos no nosso prestigio, foi enormicissimo, e desde então o indigena que sempre nos tem num conceito de superioridade, começou a olharnos e ter-nos por inferiores, e daqui a germinar lhes no cerebro que eles podiam fazer o mesmo e a pôr em pratica os seus designios, foi coisa de mezes e o momento chegou, que foi no começo das chuvas porquanto preparados já estavam, com polvora roubada no paiol do governo uma, e fornecida pelos holandeses outras, pois que o então comandante de Bobonaro, sr. capitão Janssem Alves, teve ocasião de mandar alguma ao sr. comandante superior da fronteira, que indigenas do seu comando, convidados pelo do holandez lhe entregaram. Segundo me consta a dita polvora tinha sido dada pelo comandante das terras que balisam com as nossas.

Mas ha mais. No territorio holandez ha povoações, como a de Vato Mano, constituida por naturaes do nosso, que ali se refugiaram em 901, quando da rebelia de Lei-Meian e Cai-Laco, os quaes aconselhados, incitaram os nossos a rebelar-se porque, diziam eles, lhe forneceram polvora e armas!

Para isto teve o Nae Luisse, ex-

chefe de Lei-Meian e regulo no holandez desde 901 — algumas conferencias com indigenas nossos e seus proximos parentes, assim como o chefe de Man-Cartax — holandes(?) as teve com um irmão do regulo de Bobonaro, chamado Nae Vato e o Boaventura regulo de Mano-Fahi. Ainda poucos dias antes de Mano-Fae ser ocupado, tiveram o Boaventura e Nae Vato uma entrevista com o chefe de Man-Catax e dizem tambem, que com o respectivo, comandante da citada região.

O que se disse nessa entrevista não se sabe, mas o que é certo é que os Mano fahistas roubaram 5000 cartuchos / Remington, — que tantos eram os que estavam em carga ao comando — e depois de tantos recontros, ainda tem cartuchos! Alem disto apresentam-se disciplinados e tem abrigos de tal natureza, que para se lançarem pelos ares, tem de se fazer contaminas!

Mas temos mais ainda como se verá.

Timor, junho de 1912.

Agostinho Leonardo Rodrigues.

2.º sargento d'artilharia

Conspiradores

193 individuos presos como conspiradores na Penitenciaria de Coimbra, enviaram ao sr. Presidente da Republica, o seguinte memorial:

Ex.º Sr. Presidente da Republica Portuguesa.

Os abaixo assinados, já julgados e condenados nos tribunaes marciais como cúmplices no crime de rebelião por virtude dos lamentaveis acontecimentos que na Nossa Querida Patria se desenrolaram em julho findo, e todos reclusos na Penitenciaria de Coimbra, veem mui humildemente e com a maior submissão implorar a vossa clemencia e perdão, porque

Ex.º Senhor:

A grande quantidade de homens que nesta Penitenciaria se acham presos (alguns dos quaes até innocentes) foram levados á pratica do crime movidos por influencias que sobre eles tinham predominio e sem a verdadeira consciencia da falta que tão levemente praticaram, pois que a maior parte dos reclusos são homens do campo, faltos de instrução e outros se instrução teem, habituados a viver na aldea como estão, não tinham tambem, por sua parte, o conhecimento preciso dessa falta.

E todos os signatarios, unidos como estão, declaram sob sua honra, ser completamente submissos e leaes á Republica, regimen da Patria, unico que ha-de conservar a nossa nacionalidade quasi sepultada no abismo pelo regimen extinto.

Ex.º Senhor:

Centenas de familias jazem na miseria por lhes faltar o braço angariador do pão quotidiano para seu sustento, e muitas dessas familias com suas tenras creanças estendem a mão á caridade publica implorando umas miserias migalhas desse pão para mitigar a fome que talvez os devore, e eles encarcerados, lembrando-se destas lancinantes cenas, sem poderem, por si, valer aos que lhe são caros, teem regado o chão das suas celas com as lagrimas que de seus olhos brotam.

Mas, porque todos os signatarios estão completamente penitenciados e arrependidos da sua falta, veem perante V. Ex.º, como Chefe Supremo da Nação, pedir para serem perdoados e anistiados, afim de uns poderem ir para suas casas ganhar o sustento de seus filhos, e outros juntar-se a suas familias que se encontram ao desamparo, faltando-lhe o braço guiador da vida domestica, e todos serem considerados cidadãos livres da Patria hoje tambem livre.

Os signatarios esperam ser atendidos e com a maior sinceridade desejam a V. Ex.º

Saude e Fraternidade

Está entre nós o nosso velho camarada e amigo Eduardo d'Albuquerque, sargento ajudante de cavalaria n.º 4.

GUIA MEDICO
PARA OS
COLONOS DE ANGOLA
(CONTINUAÇÃO)

No segundo caso quando haja supuração deve-se dar saída ao puz o mais completamente possível e depois apressou a cicatrização na ausencia completa, se possível, da supuração. A incisão a bisturi ou com canivete é o processo ordinario para evacuar o puz, mas ás vezes não deixa de convir o thermocauterio quando ha extensão maior.

Evacuando o puz, devem usar-se courprusas humidas, cobertas de tela, de algodão ensopado em sublimado a 50 centigramas por mil Internamente devem usar-se os desinfectantes o benzoato de naphotol e o sulfareto de calcio lenticulas respectivamente a 25 centigramas e a 10 centigramas.

d) *Profilaxia*.—Estando hoje averiguado que os furunculos são devidos a uma infecção pelos estaphylococos, é dever de quem quizer evitar esta doença fugir dessas infecções e para isso tomar banho diariamente com sabonete de acido fenico, de alcatrão, etc.

Deve evitar o uso de roupas brancas pouco limpas, fazendo mudanças amiudadas, evitar a arranhadura e polvilhar com os pós antisepticos de Silva Ferraz, as partes onde o suor for abundante, tanto depois do banho como quando se sentir muito mado o que evitará tambem que se corte. Ao mesmo tempo terá todo o cuidado com a liberdade do ventre e sua limpeza.

Estes cuidados serão tanto mais rigorosos quando mais debil for o sujeito ou se sofrer de albuminuria ou diabete.

Antrax

a) *Definição* — E' um conjunto de furunculos reunidos em um pequeno ponto, de forma a constituir um tumor.

b) *Sintomas* — São os de um furunculo exaggerados. E' de notar a tendência que apresentam a gangrena, sobretudo se o sujeito é diabetico ou albuminurico.

c) *Tratamento* — E' o mesmo dos furunculos, sendo aqui mais de rigor e de necessidade o termocauterio.

Fleimão

a) *Definição* — Alceno, fleimão, ou apostema, são termos sinonimos e designam um tumor inflamatorio que se resolve em uma coleção furulenta. Conforme o lugar onde apparecem tem por vezes nomes diferentes:

Se existem nos aedos chamam-se panaricios, se nos ganglios limfaticos, supurados ou bobões, etc.

b) *Sintomas* — Alem dos proprios da inflamação, tumor, rubor, calor e dôr.

Ha tambem o embaraço que causa ao desempenho das funções do orgão em que se desenvolve a febre vespereal que pode ter o caracter intermitente e differença-se da palustre porque aparece sempre á tarde e desaparece sem outra medicação alem da evacuação do pus.

Ha um symptoma importante que denota quando o puz está colectado e que se chama fluctuação, que consiste numa onda perceptivel pela palpação bi manual ou bi-digetal, feita de modo que um dedo ou uma das mãos, exercendo pressão, a ou-

tra, recuando ou esperando a onda, a percebe e sente.

Para verificar a existencia de pus, pode-se fazer uma função previa antes da abertura.

c) *Tratamento*—Durante o periodo inflamatorio, emquanto não se nota a fluctuação, deve-se aplicar compressas de algodão embebidas em soluto de sublimado ou chloratbatavado, que pode ser protegido por uma tela impremiavel de cautechouc para manter uma atmospherahumida que dá um resultado emoliente e anticeptico muito superior ás antigas cataplasmas.

Estas porém ainda podem ser toleradas com os mesmos referidos solutos ou agua borica normal.

Logo que o periodo inflamatorio começa a ceder e se reconheça a fluctuação, deve dar-se saída ao pus pela incisão com ou sem drenagem. Assim: se o apothema for pequeno e facilmente compressivel bastará, e muito convirá, que apenas se evacue o pus completamente e se não drene, applicando apenas um penso humido em sublimado de 50 centigr. por mil d'agua; se a cavidade abcedaria for larga e difficil de comprimir a ponto de ficar não fechada ou com as paredes unidas, deve-se drenar com linho proprio para dreno ou com mecha de gaze embebida em pomada borica.

d) *Prophylaxia*—E' a dos furunculos ou licenços.

Recebemos nesta redação a agradável visita do nosso velho amigo Domingos da Silva, da Pampilhosa do Botão, que agradecemos com um abraço.

Autentico

Uma viuva á porta da redação de um orgão de classe:

— Vinha ver se o senhor me podia dar alguma coisinha.

Resposta do proprietario com aquela *amabilidade* que lhe é peculiar:

— Não posso, vá ter com o...

— Esse senhor já me tem dado alguma coisa.

— Então vá ter com os... que me paguem.

Foi colocado no regimento d'infantaria n.º 8, o nosso camarada e amigo José de Sousa e Silva, 1.º sargento d'infanteria 15.

Sul da Beira

Entrou no 2.º anno da sua publicação este nosso colega de Mortagua, pelo que muito o felicitamos.

Estado sanitario

Tendo, evidentemente com fins malevolos, sido propalado na Figueira da Foz que em Coimbra grassava uma epidemia de variola e sarampo, a Sociedade de Defeza e Propaganda vem declarar:

Que, pelos ex.ºs delegado e subdelegado de saude, com quem procurou informar-se, lhe foi afirmado que o estado sanitario da cidade era bom, porquanto apenas de 1 a 17 de outubro se havia registado, de doença infeciosa, um caso de variola numa criança de um ano.

COMENSAES

Recebem-se de ambos os sexos, na rua do Cabido, n.º 11.

Os meninos não devem ter idade superior a 15 anos.

E' casa séria e fica proxima da Escola Normal do Sexo Feminino.

Não pode ser!

Um dos principios em que se baseia o regulamento disciplinar, é o de nenhuma praça poder ser punida mais de uma vez pela mesma infração de disciplina.

Justissimo era, pois, que este principio fosse estritamente observado, não só para estabelecimento do salutar equilibrio da justiça, como tambem para varrer de uma vez para sempre um preconceito velhissimo, e que, mercê não sei de que, se encontra ainda de pé.

Ora por um caso que agora se deu, se sabe que uma praça que comete uma falta não é uma só vez castigado, e o é 2, 3, 4 e tantas quantas houver ensejo para isso.

Querem um exemplo?

Ei-lo: em tempos foi punido um sargento cujo nome não vem para o caso, por causa da tão debatida questão da espada, com 15 dias de prisão disciplinar, seguidamente é transferido de regimento pela mesma falta e agora convidado por outro colega a permutarem de regimento, sendo o convidante o interessado, é a este negado deferimento á sua pretensão, ainda em virtude da gravidade da falta porque foi punido o sargento com quem o convidante desejava permutar.

Como vêm está o desgraçado sargento constantemente a ser punido por uma falta que cometeu e de que já foi punido.

Ora isto não é justo, não é humanitario, nem sequer consentaneo com os mais rudimentares principios da justiça.

O sargento ou outra qualquer praça cometeu a falta, foi punido nada mais temos que ver com ele.

Punir o sargento ou outra qualquer praça, por qualquer falta cometida, com mais d'um castigo, é trair o principio em que, como já disse, se baseia o atual regulamento disciplinar, é deshumanitario.

Não pode ser!

ARGUS BEIRAO.

PLACARD

Tornando-se difficil e bastante dispendiosa a cobrança pelo correio, novamente pedimos aos nossos assignantes em debito, a fineza de nos enviarem a importancia de suas assignaturas em vales ou selos do correio, ou ainda por meio da agencia militar.

A moeda da Republica

Um escudo ou avo de ouro (1\$000 réis) divide-se em 100 centavos:

1/4 de centavo equivale a 2 1/2 réis

Cupro-nikel

1/2 centavo (5 milavos) equivale a 5 réis
1 " (10 ") " a 10 "
5 " (20 ") " a 20 "
2 " correspondem a 50 "

Prata

10 centavos (1 decavo) equivale a 100 réis
20 " (2 ") " a 200 "
50 " (5 " ou 1/2 escudo) 500 "

Ouro

1 escudo (100 centavos) equivale 1\$000 réis
2 " (200 ") " 2\$000 "
5 " (500 ") " 5\$000 "

COLEGIO PORTUGUES

Internato, simi-internato e externato para o sexo feminino

DIRECTORA

Adelaide Etelvina Pereira de Barros

Praça da Republica, 32

COIMBRA

Além do ensino infantil e do ensino primario do 1.º e 2.º grau, ha neste collegio um curso geral constituído pelos conhecimentos que modernamente são considerados como base da educação de uma senhora que se destine a carreiras literarias ou scientificas.

Este curso compreende o ensino essencialmente pratico das linguas e literaturas portugueza, franceza e inglesa; noções essenciais de geografia, cosmografia, historia e ciencias naturais; noções de moral, de direito usual, de higiene e economia domestica, de arimetica e escrituração, desenho com a sua applicação a trabalhos praticos, como seja, corte de roupa branca e de côr, confecção de bordados e rendas em todos os gêneros, etc.

Serve de complemento ao curso geral o ensino da musica e da ginastica.

Ainda, como complemento deste curso, se poderá ensinar ás alunas Pintura, Piano, Canto, Violino e Violoncelo.

Ha tambem neste Collegio um curso com a 1.ª, 2.ª e 3.ª classes dos liceus, 4.ª para meninas

Ensinam-se, além do que fica mencionado, todos os trabalhos modernos, como pirogravatura, talha, couro repoussé, etc.

Enviem-se prospectos a quem os requisitar.

INTERNATO ESCOLAR

R. VENANCIO RODRIGUES

COIMBRA

Nesta antiga casa de educação e ensino, recebe o professor da Escola annexa á Normal, alumnos que frequentem o Lyceu, Escola Normal ou collegios, por preços rasoaveis.

Recebe tambem alumnas da Escola Normal, para o que ha casa separada e em boas condições.

Todos os alumnos darão referencias do seu bom comportamento.

Ha rigorosa vigilancia no estudo e com portamento dos alumnos.

O edificio, recentemente construido para este fim, possui excellentes condições hygienicas, e está situado no novo Bairro de Santa Cruz, quasi ao fundo das Escadas do Lyceu, e a pequena distancia do conceituado Collegio de S. Pedro.

Ha aulas de Instrução primaria, e de habilitação para exame de admissão á Escola Normal.

Prestam-se os esclarecimentos na Rua de Venancio Rodrigues.

João Pires da Silva

ALBERTO PITA D'OLIVEIRA

SOLICITADOR

Escritorio — 121, A, Rua da Sofia, 123. Residencia — Estrada de Lisboa, Santa Clara.

Trata-se de todos os assuntos forenses, commerciaes e civis. Cobrança de dividas. Empréstimo sobre hipotecas.

Os melhores retratos

SÃO OS DA
FOTOGRAFIA UNIAO
Estrada da Beira — COIMBRA

TIPOGRAFIA DO JORNAL DE COIMBRA

25, 27 - Rua do Pateo da Inquisição - 29, 31

Nesta tipografia, montada com materiaes modernos, executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos tipograficos, taes como: — Memorias, memoranduns, circulares, prospectos, programas, recibos, faturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mapas, papel timbrado, envelopes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc., etc.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO DE JORNALIS

PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

TRABALHOS A CÔRES

PREÇOS MODICOS

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.
Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.
Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confeção e paños finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado
Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro
58 — RUA DA SOPHIA — 61
COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.
Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.
Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.
Especialidade em varinos d'Aveiro Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — mais de quatro mil endereços — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMARIAS

Em harmonia com os actuais programas de instrução primária

por Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscrição Escolar, professor diplomado de instrução primária e sócio honorario de El Fomento de Las Artes Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado..... 160 réis
Cartonado..... 210

A' venda na livraria F. FRANÇA AMADO
Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 123
COIMBRA

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depois a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 14600 RÉIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora — Moura Marques & Paraizos — 19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Codigo do Registo Civil, 200 réis

Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrução Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Política da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Ortografia Portuguesa, 100 réis.

BONETS

E

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

A VOZ do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 166

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultrammar, semestre - 500
Numero unico - 30 reis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

OS SARGENTOS

Repetidas vezes se ouve dizer que a classe dos sargentos não tem ganho no conceito das estações superiores o grau de consideração que deve merecer quem, como a mesma classe, prestou de um modo bem manifesto importantíssimos serviços á causa da Republica. Da eficacia d'esses serviços e do valioso concurso que trouxeram ao campo da propaganda pela palavra e pelo facto e mais tarde ao campo da luta rapazes dedicadíssimos, não há que duvidar. Estão vivos e occupam logares de destaque dentro do novo regimen, homens de honrada reputação que não podem negar o valor das attribuições que couberam a muitos sargentos para que a Republica fosse um dia realisada. Esses homens não podem contestar que encontraram sempre na classe dos sargentos bons companheiros do seu ideal e magnificos elementos de propaganda no exercito, alguns dos quaes, mais tarde, se evidenciaram na proclamação da Republica.

A que devemos pois attribuir a pouca conta em que tem sido tomados serviços tão relevantes? A' ineptia dos sargentos? A' incuria dos governos? E' o que resta averiguar.

Não evitarei dizer que uma grande desorganisação na forma como foram conduzidos os trabalhos tendentes a pugnar pelos interesses da classe prejudicou, certamente, a boa intenção e até mesmo a decidida vontade dos primeiros governos em atender parte das reclamações dos sargentos. Falou-se e discutiu-se demasiadamente, como faz sempre todo o portuguez, e quando era oportuno apresentar alguns alvitres, ainda os sargentos se perdiam em discussões inuteis e desperdiçavam um tempo precioso sem concluirem as suas propostas.

Nas propostas de utilidade pediram de menos e nas secundarias pediram demais. Como é possível admitir-se que os sar-

gentos não tenham ainda redução no preço das passagens nas linhas do caminho de ferro que não são do Estado? Como pode tolerar-se que os sargentos não tenham um montepio que garanta a suas familias uma pequena pensão quando lhes falte o seu amparo? Como é que não causa admiração que os sargentos tenham tão ridiculo vencimento quando reformados? E muitas outras lacunas seriam aqui apontadas se não soubesse antecipadamente que elas são do conhecimento da grande maioria dos sargentos.

E' possível que estas reclamações tivessem sido previstas nas propostas apresentadas, mas o que é certo é que até hoje não ha o mais pequeno indício de se executaram.

Pelo menos n'estas simples aspirações eu gostaria de ver a classe dos sargentos perfeitamente unida e de comum acôrdo. Trabalhar sem precipitação, sem excesso de palavras, com metodo, com intelligencia e principalmente com disciplina. Não seria difficil alcançar a realisação de muitos dos nossos desejos se conseguissemos reunir em pouca gente tão importantes qualidades.

O que prejudicou altamente o bom intuito das comissões incumbidas de apresentar as reclamações da classe dos sargentos foi, sem duvida, a má orientação que lhe deram as reuniões a que tiveram de se sujeitar. As assembleias nunca apresentaram a disciplina que é licito esperar da educação dos sargentos e d'ahi o haver sempre um resultado negativo derivado das apreciações desfavoraveis colhidas pelas estações superiores.

Sirva isto ao menos de lição aos que de futuro tiveram o honroso mas difficil encargo de continuar a obra grandiosa, necessaria, de tornar a classe dos sargentos crédora de maior simpatia e melhor consideração.

S. FERNANDES.

DEFEZA NACIONAL

Pode efetuar-se sem grandes encargos

Temos feito no nosso jornal *A Voz do Sargento* uma parte de propaganda a favor da defeza nacional, e, mesmo até, pedir a todos os patriotas que concorram para esta benemerita empresa e tão grande elemento de segurança para o paiz. Surgem, porém, por toda a imprensa grandes alvitres e muita propaganda a favor do resurgimento da patria e assim se hão de levar a cabo as nossas aspirações. O elemento militar provas incontestaveis e exuberantes tem dado a favor deste momentoso assunto, como o reconhece o sr. Pereira Bastos, visto que disso fez ciente, na reunião da comissão de propaganda, em Lisboa.

Levantam-se a cada passo suspeitas de que Portugal está numa situação inquietadora, assim o assevera a imprensa estrangeira, e em Bombaim, que não proseguirá por certo calunhando Portugal, devido ás providencias tomadas pelo respectivo governador. São estas e outras que nós portuguezes e patriotas não havemos de esquecer!...

Não é com palavras que nós havemos de resuscitar, é com obras.

O facto urgente da defeza nacional é a segura garantia da Patria, da Republica e do povo portuguez!

A propaganda a fazer nas vilas e especialmente nas aldeias não é sobretudo sufficiente, conquanto seja nelas que existe o maior numero de analfabetos e portanto ignorantes. Não resta duvida que para o fim da defeza nacional pouco ou nada adeantarão, atentas as precarias circunstancias em que se encontram essas populações.

Uma comissão está nomeada para esse fim, a qual merece o apoio de todo o bom portuguez; mas não deixamos de concretisar que tudo isso acarretará maiores encargos para o governo do que se tal objetivo — Defeza Nacional — tomasse outro rumo: Da referida comissão de propaganda fazem parte homens de talento e sabedoria; Portugal comporta muitos patriotas e sobretudo está numa situação honrosa; porque se não estabelece uma norma logica e racional de todos os funcionarios publicos e militares, além dos que concorreriam como reconhecidos da necessidade, correrem com uma quota mensal?

Fazendo-se esse convite, porque não é nossa opinião obrigar ninguém a contribuir, estou convencidissimo que o governo se não ha de ver coagido e sobrecarregar-se com um emprestimo para construir uma esquadra, etc.

A propaganda é necessaria; para isso seria conveniente estabelecer

em cada concelho ou freguezia um individuo de reconhecida competencia, sob vistas das autoridades, que fazendo ciente as necessidades da Nação e o perigo que ameaça todo o portuguez, não se eximirá tambem por esta fórma a coadjuvar com as posses dos seus recursos. Posto que saiba positivamente que em algumas aldeias e vilas, só com muita preponderancia isso se conseguirá, atentas as cataratas que o talassismo mete nos olhos de certa gente.

Cá está o sinatario, numa localidade onde tem sido vitima das maiores difamações e desprestígio, tudo causado pelo seu reto capricho de fazer cumprir as leis da Republica que constantemente eram transgredidas, e sem juctancia o pode dizer, pela propaganda a favor da defeza nacional, etc., mas tudo movido pelo talassismo duma povoação proxima desta e que é a sede do concelho!?

Do povo pobre nada ha a esperar e mesmo é contraproducente estar a exigir-lhe sacrificios, mas temos meios solidos para equilibrar algumas coisas sem grandes encargos para a nação, e este meio é o já apontado: temos muitos officiais, sargentos e funcionarios publicos, etc., que não era sacrificio nenhum, se todos dessem, mas coisa certa, um dia de vencimento em cada mez dentro dum ano, enviando-se pelas repartições dependentes, as quais por sua vez as remetêrjam aos respectivos Ministerios, e assim, no primeiro mez poder-se-hia começar a obra e no fim do ano estavamos prontos para o que desse e viesse...

Ha um meio muito simples de se saber antecipadamente com que receita se poderia contar, bastaria que cada contribuinte se oferecesse, formando-se uma lista da sua totalidade.

Ortiga, 23-10-912.

Manuel Pires Rosendo,
1.º sargento de cavalaria.

Teve passagem ao regimento de infantaria n.º 7, por o pedir, o nosso camarada e amigo Joaquim de Gois Nogueira, 1.º sargento d'infantaria n.º 23, onde só saube captar simpatias.

Felicitemos o nosso amigo por conseguir o seu desejo, e os nossos camaradas d'infantaria n.º 7 pelo honrado companheiro que vão ter.

Bandas de musica

Em alguns estabelecimentos d'esta cidade foram expostas folhas para receber as assignaturas das pessoas que se interessam pela conservação das bandas militares e reorganisação das extintas.

Apoiamos a ideia e que ela seja tomada na devida consideração é o nosso desejo.

O BRAVO REI

Naquella verão, o sol faiscando a prumo por sobre as searas que de temporão se iam amarelecendo, caia numa desesperação horrível a endurecêr o solo da lavrança; e, os lavradôres olhando a água das fontes a diminuir num murmúrio de góttas crystallinas, de dia para dia, imploravam da omnipotência celeste o bálsamo da chuva a ensopar a terra, fructificando as messes.

O rei, e os grandes da côrte mediéva, tinha-se retirado a Sintra; e, á sombra do arvoredô denso, ouvia de olhar perturbado pêla cólera do peito, o que se lhe cantava de Castela, e o que se lhe agoirava do infante Pêdro. Ao fim, a sós com o valido, despia num ódio impetuôso tôda a ferocidade do seu peito de forte batalhadôr. E Diôgo, sempre na servidão dos seus máus pensamentos, aceitava de boamente o azedume colérico do rei, certo da impunidade nas suas falsas accusações, consciencioso de têr andado mais um passo na ampla confiança do monarcha.

De dona Beatriz de Castella, houve Affonso IV dois filhos: Maria, e o rei que depois, na successão do governo foi chamado o *justiceiro*. A infanta mais velha que a seu irmão foi ainda môça, dada em casamento ao rei castelhano Affonso XI; e, ou por excessiva differença de idades, ou pêla carência do recíproco entendimento entre aquellas duas almas que nunca se tinham visto antes, ou como dizem as velhas chônicas contemporâneas, pêla falta de dons physicos a realçar e fazer amada a rainha, aquelle lar de nobreza e luxo foi, desde o início, o tablado de cruéis brutalidades, coroadas quasi sempre pêla desfaçatêz da infidelidade marital, ás quais o rei, e mais do que o rei, o pai, começava de olhar turvado a ruminar no peito largo, profundos ódios que a occasião própria deveria abrir em guerra sanguinolenta.

E assim, vista a esterilidade da linda Branca, esposa do infante Pêdro de sôb as românicas abobadas da velha Sé de Lisboa, o monarcha, pêla voz imperiosa da politica da nação, obtêve do papa a annullação d'este matrimonio; e, alcovitando-se com a casa castelhana poderosa e fidalga de D. João Manuel, mercadejou a belleza miúdiha daquella que, nos primeiros tempos da vida real portugueza foi, senão a mais santa, pêlo menos a mais encorajada e honesta mulher que em condições tão miseráveis, sustentou na bôca rosada e pequenina

PRÓ TURQUIA

Quem com um pouco de atenção tiver acompanhado a serie de narrações que quotidianamente, de ha um ano a esta parte, a imprensa diaria vem relatando, facilmente comprehende que uma serie de infortúnios, para a Turquia, teve começo na brusca declaração de guerra feita pela Italia áquêle Paiz.

Facilmente comprehende tambem, que uma infrene corrente de absorção, tenta subverter, sanguinolenta-

o dôce sorriso da espôsa traida, resignada, e... sempre amante: Constança. Mas, Affonso XI, inimigo fidalgo do castelhano, oppôs-se directa e tenazmente ao consórcio, prendendo e encarcerando a futura pryncesa. Pára o rei de Portugal, foi chegado o momento e a razão franca do rompimento da fingida paz entre os dois reinos. A guerra começou; e, na brutal rudêz dos homens d'armas, cavalleiros e peões de cá e de lá, entravam a devastar os casais, desflorando as virgens, apunhalando quem dentre as herdades a sangue frio, defendia a riqueza do seu lar e a honra do seu nome.

Alguns annos se passaram, sem vantagens para um ou outro reino. Entretanto os árabes, encurrados em Granada e pouco mais, observando a insânia dos fossados em terras de christãos, tão inúteis a estes quando propícios ao desinvolvimento do poder muçulmano, chamaram, com grandes promessas de futuro, do norte de Africa, muitos dos seus irmãos em velhas crenças e em antigas lutas; e, em um arranco final, concertando a reconquista de antigos territórios, acordaram por toda a parte no grito da *guerra santa*, o terror dos castellos fronteiriços, desguarnecidos então nas lutas intestinas dos christãos. Os dois reis beligerantes, mediram então o perigo; e, em pouco tempo era levada a tôda a parte de cá e de lá, a bôa nova da paz.

Porém esta paz, ficou envolvendo para o rei de Portugal um caso de guerra; pois que, Affonso XI, enviando a Lisboa sua mulher dona Maria, solicitara do intrépido rei sobre a manutenção da paz eterna, um grande número de homens a engrossar as fileiras do exército castelhano que ia combater a impulsiva audácia dos mosléms. Affonso IV perdoou as offensas do passado, pois que a própria vitima lhe implorava o auxilio ao seu verdugo; e, sentindo ainda aquelle sangue rutilante, e vencedor das antigas montarias aos javalis dos sertanejos, prometteu coadjuvar o genro *como lhe cumpria*.

Quando de sôbre o solo ardente dos campos de Tolêdo, o exército castelhano se preparava para a partida, notou-se de que, das bandas da raia portugueza se evolava no ar uma nuvem de pó que se avizinhava rapidamente. Era o trôço da gente portugueza, que commandada pelo próprio rei, dias depois na cruêza da chacinna, se cobria de glória nas margens do Salado.

(Continua).

mente, esse povo, agora por esse motivo tantas vezes simpatico

Iniciada e proseguida a guerra Italo Turca, não seria facil prever de que lado estaria a victoria. A Italia dispunha dum exército e armada sufficientemente disciplinado e instruido na arte da guerra, mas á sua causa faltava o primacial elemento das probabilidades da victoria, que era o cunho da razão. Se a esta circumstancia aumentarmos ainda o desfavor e antipatia com que, quasi a Europa inteira, acolheu a sua declaração de guerra, reconheceremos

que não será injusto duvidar a qual dos litigantes pertenceria a victoria.

Embrenhada pois na luta, a Turquia, defendia a *outrance* todos os seus direitos, repellido todas as intervenções pacifistas das grandes potencias, tendentes á conciliação dos dois povos, sempre que estas não trouxessem como consequencia o completo resguardo de todo o seu dominio. Tal era a razão de que se achava possuida a Sublime Porta.

Acho bela e sublime a união dos fracos para repelir a tirania opressora dos fortes; e, como produto da doença que, os agros desenganos duma sociedade corrompida me contagiou, me insulfassem na alma, toda odio, toda rancor, um singular tedio pela vida, um entranhado amor, uma particular dedicacão, que me poderá levar se tanto fôr preciso ao holocausto pelo pobre, pelo faminto, pelo que sofre, emfim, por tudo o que a burguezia denomina de escoria, e assim como ha mezes me choco profundamente o apelo do povo Persa, que a Russia e Inglaterra pretendiam partilhar entre si, ao mundo civilisado, para que não deixasse diluir a sua nacionalidade e autonomia no liquido asqueroso da ambição feudalista daquellas duas Senhoras grandes proprietarias, e como tambem nos chocou, um pouco mais, a nossa falsidade para com esse heroico povo Boer, invicto e digno de universal admiracão que a Inglaterra, não obstante o seu formidavel exercito contra meia duzia d'homens, não venceria se não fosse a falsidade a que nos coagiu a aliança Anglo-Luza, assim tambem nos poderia ser simpatica a união dos Povos Balkanicos contra a Turquia, se o gesto daqueles povos, fosse diademado pela altivez que sem duvida o caracterisaria se no conluio que precedeu a declaração de guerra á Turquia, se não aproveitasse o momento critico, em que ela se achava empenhada em luta encarnicada contra outra sua antagonista, a Italia, cujo rei, precisava justificar ao seu povo a vaidade de querer denominar-se **Imperador romano**, conquistando a Trepolitania.

Da traição dos Povos Balkanicos, resultou que a infeliz Turquia, quasi simultaneamente invadida e envolvida por todos os lados, se viu forçada a tratar a paz com a Italia, em condições bastante desvantajosas e deprimentes para si.

Não me manifesto contra a guerra, porque atenta a minha situação seria irrisorio, mas lamento sómente que os exercitos tenham a applicação que tem qualquer escadote, servindo sómente a ambição do seu respetivo Rei ou Nação, para alargarem o seu dominio, perdendo-se na luta milhares e milhares de vidas, enquanto que eles disfrutam do alto de qualquer montanha, em completa segurança vulneravel, o soberbo panorama que oferece uma batalha terrestre ou naval, o desenrolar de toda uma fita sanguinolenta; fôra da impressão desagradavel causada pelos arrancos estertorisantes dos moribundos que agonisam.

Porisso a existencia de nações e estados, para mim está perfectamente identificada com a dos grandes proprietarios e industriais: aquelles só pensam em aumentar o seu dominio e poderio e estes as suas propriedades e capitais.

O que os Povos Balkanicos reclamam, segundo opinião dos verdadeiros conhecedores do assunto, é justo e de razão, mas toda essa justiça e razão desaparece ao lembrar o ensejo aproveitado por eles, para satisfação dos seus designios absorventes e alargadores, principal fator da questão.

Eis, pois, a razão, porque a Turquia me é neste momento simpatica e desejo que, a ser inevitavel a paz, a victoria lhe caiba.

Argus Beirão.

NOTÍCIAS MILITARES

Seguiu para Lisboa a fim de se apresentar ao juri de exames para 1.º sargentos, o 2.º sargento d'infantaria n.º 18, sr. Manuel Alves Pinho.

— Pediu para ser provido no lugar de escriptorario de 3.ª classe dos caminhos de ferro do Minho e Douro, o 2.º sargento d'infantaria n.º 32, sr. Julio Augusto da Conceição de Oliveira Guimarães, e no lugar de amanuense da repartição de contabilidade dos ministerios, o 2.º sargento de infantaria n.º 6, sr. Guilherme Alves Nunes.

— Pediram 30 dias de licença disciplinar, o sargento ajudante de infantaria n.º 32, sr. José Antonio Afonso; e 20 dias de igual licença o 2.º sargento de artilharia 6, sr. Ernesto d'Almeida Campos.

— Foram convidados os sargentos da marinha, classificados para empregos publicos de 1.ª categoria, para declarar se desejam ser providos desde já no lugar de escriptorario encarregado da catalogação e ajudante do conservador do Museu Botânico da faculdade de Ciencias de Lisboa.

— Assumiu o comando interino do regimento de infantaria de reserva n.º 23, o tenente de infantaria n.º 23, sr. Eduardo Augusto Marques.

— Requeru 35 dias de licença registada o tenente de cavalaria 8, sr. Leopoldino Xavier de Palma Paiva.

— Foram concedidas licenças disciplinares aos srs. alferes Augusto Casimiro dos Santos, capitão Luiz Marrecos da Trindade, alferes Augusto do Santos Pinto, respectivamente de infantaria 23 e 28.

— Apresentou-se no comando da divisão, por ter sido promovido a alferes para o 2.º grupo de administração militar, o 1.º sargento, sr. Martiniano Homem de Figueiredo, do 3.º grupo.

— Marchou para Aveiro, em serviço da sua especialidade, o coronel de engenharia, inspetor, Antonio Candido Cerdeira d'Almeida Soeiro de Gamba, acompanhado do tenente José Maria da Silva Figueiredo.

Felicitações

Com um abraço damos-as ao nosso amigo Carlos Alberto Pinto d'Abreu, pela merecida nomeação de professor official da escola primaria de Santa Clara, que intelligentemente já regia como interino.

Sub-chefe de musica

Entrou no goso de 30 dias de licença o sub-chefe de musica de infantaria 23, sr. Manuel Martins Candido, ficando a substituí-lo o musico de 1.ª classe, sr. Antonio José de Lemos.

LITTERATURA

A ALGUEM

Singela rosa
Vive contente
Em seu canteiro;
Mas de repente,

Fitou um cravo
Lindo, viçoso,
Que lhe sorria
Todo amoroso.

Depois a brisa
Soprou ventosa,
Por brejeirice
Tocou na rosa,

Que sendo fragil
Logo tombou
Ao pé do cravo
Que a osculou.

Dias depois
Eram amados;
Lá ia o zephyro
Levar recados.

Odivelas, 1912.

Meigos protestos
Dum terno amor
Fazia o cravo
A' meiga flôr...

Mas uma tarde,
Tão dolorosa!
Faltou-lhe o amor,
Morreu a rosa.

Repara nisto,
Casta donzela,
Sendo tu rosa,
E's tal qual ela.

Hoje és amada
Mas amanhã,
Podes não ser
Rosa louçã!

Luiz Vaz.

CARTAS D'ALÉM MAR

Principais facções da revolta em Timor?

Além do exposto consta me que gente fiel de Bobonano matou a algumas horas da balisa — fronteira — e proximo a Cai Laco, um chefe indigena dos holandezes, quando este regressava de conferenciar com os rebeldes da referida região de Cai Laco; não aviria aqui interferencias estranhas?

Tambem é notorio que quando andavamos a tombos com os de Lei-Meirs e Atsabe e nas palestras que os rebeldes destas regiões tinham com os fieis, lhes diziam que possuiam muita polvora e espingardas, que os holandeses lhe haviam dado, que esperassem mais alguns dias e quando lhe chegassem forças holandezas eles conversariam conosco, etc., etc.!

Tambem é igualmente um facto que os fieis e rebeldes, se definem por brancos e pretos, nomes porque definem os portuguezes e holandezes respectivamente!

Eu não queria acusar os delegados que a Holanda tem em Timor, de induzirem os indigenas portuguezes á revolta, mas perante tantos factos não tenho remedio senão curvar-me, estranhando bastante que individuos mais ou menos civilizados, se rebaixassem ante individuos em meio estado selvagem e os intrigasse em desprestigio de autoridades com quem tem mantido, por escrito e palavras, as mais cordeais relações de amizade...

Resumindo: em volta do exposto, estou convencido que os representantes da Holanda em Timor, tiveram parte activa, ainda que indirectamente, na actual sublevação, e se alguém me provar o contrario... dou-lhe um doce.

Timor, julho de 1912.

Agostinho Leonardo Rodrigues,
2.º sargento d'artilharia.

Instrução preparatoria

Começa no segundo domingo de novembro proximo a instrução preparatoria obrigatoria para os manobros 16 aos 20 annos.

Como instrutores foram já nomeados no regimento d'infantaria n.º 22, os seguintes srs.:

Tenentes Luiz José da Mota, e Manuel de Jesus Moreira e aspirante a official Henrique Alberto de Souza Guerra, 1.º sargento Manuel Afonso Pais Gomes, e 2.º sargentos Carlos Augusto Martins, Julio Lopes Custodio, Fernando d'Oliveira Leite, José de Jesus Pita e Joaquim Camilo Garcez Palha d'Almeida.

A' imprensa

A empresa editora do «Anuario Agrícola, Commercial e Industrial da Provincia do Alentejo O Informador», no louvavel intuito de organizar uma estatistica da imprensa em Portugal para ser incerta no mesmo Anuario, roga a todos os ex.ºs colegas da imprensa a fineza do envio d'um exemplar para a séde da sua administração — Freiria de Baixo, 25, 1.º, Evora.

(Pede-se a transcrição em toda a imprensa portugueza).

Manuel Antonio Vieira

Foi promovido a sargento ajudante para o regimento d'infantaria n.º 21, este nosso dedicado amigo e illustre colaborador d'A Voz do Sargento, pelo que o abraçamos muito cordealmente, desejando-lhe um futuro todo cheio de felicidades.

Cabe aqui, tambem, pedir ao nosso amigo para que não esqueça o nosso jornal, continuando a honrar o com a sua brilhante colaboração, que tantos admiradores tem.

Esperamos, pois, que o caracter d'este nosso brioso camarada não seguirá o exemplo de alguns outros que sahindo das divisas, esqueceram por completo o orgão da classe.

Resultado da nossa cobrança

Procedencia	A receber	Recebido
Alcanhões.....	2\$100	—
Alcobaça.....	600	570
Amarante.....	2\$700	1\$760
A. de Val de Vez	600	—
Braga.....	13\$700	2\$340
Bragança.....	17\$725	995
Caxias.....	3\$825	—
Chaves.....	1\$675	1\$760
Covilhã.....	3\$350	1\$260
Elvas.....	7\$325	2\$060
Extremoz.....	600	570
Figueira da Foz..	900	—
Gaia.....	2\$125	1\$160
Guimarães.....	2\$575	1\$460
Lagos.....	1\$300	570
Lamego.....	3\$450	2\$360
Leiria.....	5\$850	3\$260
Lisboa.....	29\$855	13\$035
Lixa.....	225	—
Louzã.....	600	—
Luzo.....	1\$500	1\$440
Mirandella.....	600	570
Olhão.....	600	570
Penafiel.....	6\$075	5\$320
Penamacôr.....	1\$800	870
Pombal.....	600	570
Soure.....	3\$500	—
Tancos.....	600	570
Thomar.....	2\$375	1\$460
Viana do Castello	2\$125	—
Villa Flôr.....	525	—
V.ª N.ª de Fozcôa	1\$500	—
Villa Viçosa.....	6\$300	3\$860
Villar Formoso..	1\$300	—
Soma.....	141\$480	48\$390

N. R. — Nas quantias recebidas está descontado o premio do vale do correio.

Ao Sr. Director dos caminhos de ferro portuguezes da Beira Alta

Não estranhe v. ex.ª que o nosso jornal o venha importunar, mas trata-se de um chefe de estação e não de um simples praticante a quem não podemos exigir o exato cumprimento dos seus deveres, por que não é obrigado a ter conhecimento verdadeiro de todos os serviços, por isso que está ainda na pratica.

Doe-nos ter de vir a este campo chamar a atenção de v. ex.ª mas o publico é que não pode estar á mercê de uns incompetentes como o demonstrou ha dias o chefe de Murte de.

Eis o caso:

Um nosso camarada, nomeado ha pouco para seguir para Mafra afim de ali frequentar a Escola Central, pediu para casa para que lhe despachassem para Mafra uns certos objectos que precisava, e qual não é o seu espanto ao receber noticia da familia em que o informaram que tendo ido á estação de Murte de para efetuar o despacho, o chefe lhe havia dito que não existia tal estação, e que por isso lhe não fazia o despacho.

O nosso colega um pouco intrigado com a novidade veio á nossa redacção para o elucidar-mos sobre este assumpto e não tivemos duvida em lhe afirmar que sim, que existia a estação porque com certeza não estaríamos, (como o chefe de Murte de) a sonhar quando em 1908 ali desembarcamos em 1909 embarcamos, pelo que novamente o nosso camarada deu novas ordens para que o seu desejo fosse satisfeito.

Isto não parece dos tempos presentes, mas infelizmente o atraso na nossa instrução cada vez augmenta. Não seria possivel fornecer ao chefe da Murte de um guia official dos caminhos de ferro de Portugal onde se encontram os nomes de todas as estações de toda a rede ferro viaria?

Que taes provas de ignorancia se não repitam é o nosso mais ardente desejo.

A moeda da Republica

Um escudo ou avo de ouro (1\$000 réis) divide-se em 100 centavos:

1/4 de centavo equivale a 2 1/2 réis

Cupro-nikel

1/2 centavo (5 milavos) equivale a 5 réis
1 " (10 ") " a 10 " " " (20 ") " a 20 " " " correspondem a 50 "

Prata

10 centavos (1 decavo) equivale a 100 réis
20 " (2 ") " a 200 " " " (5 " ou 1/2 escudo) 500 "

Ouro

1 escudo (100 centavos) equivale 1\$000 réis
200 " " " " a 2\$000 " " " (500 ") " a 5\$000 "

Novidade literaria

AZAS

CONTOS POR DR. ORLANDO MARÇAL

Lindissimo livro de emoção artistica escrito com alma por quem tem um admiravel talento já afirmado em varias composições aclamadas no paiz e no estrangeiro, em especial no Brazil onde o seu nome é querido.

Elegante edição da Livraria Francisco Franca Amado, rua Ferreira Borges — COIMBRA!

A venda em todas as livrarias

INTERNATO ESCOLAR

R. VENANCIO RODRIGUES
COIMBRA

Nesta antiga casa de educação e ensino, recebe o professor da Escola annexa á Normal, alumnos que frequentem o Lyceu, Escola Normal ou collegios, por preços rasoaveis.

Recebe tambem alumnas da Escola Normal, para o que ha casa separada e em boas condições.

Todos os alumnos darão referencias do seu bom comportamento.

Ha rigorosa vigilancia no estudo e com portamento dos alumnos.

O edificio, recentemente construido para este fim, possui excellentes condições hygienicas, e está situado no novo Bairro de Santa Cruz, quasi ao fundo das Escadas do Lyceu, e a pequena distancia do conceituado Collegio de S. Pedro.

Ha aulas de Instrução primaria, e de habilitação para exame de admissão á Escola Normal.

Préstam-se os esclarecimentos na Rua de Venancio Rodrigues.

João Pires da Silva

RELOJOARIA PAIXAO

ARCO D'ALMEDINA

Executa toda a especie de concertos e vende relógios de todas as marcas.

JORNAL DE COIMBRA

TIPOGRAFIA DO

25, 27 - Rua do Pateo da Inquisição - 29, 31

Nesta tipografia, montada com materiaes modernos, executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos tipograficos, taes como: — Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programas, recibos, faturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mapas, papel timbrado, envelopes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc., etc.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO DE JORNALIS

PREÇOS MODICOS

PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

TRABALHOS A CÔRES

BILHETES DE VISITA

DROGARIA VILLAÇA
COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párcos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anúncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em harmonia com os actuais program.as de instrução primária

POR

Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscricção Escolar, professor diplomado de instrução primária e sócio honorario de El Fomento de Las Artes Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado..... 160 réis
Cartonado..... 210

A' venda na livreria F. FRANÇA AMADO

Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 123
COIMBRA

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarquia

Para a historia da revolução que depôs a monarquia

2 GROSSOS VOLUMES, 1\$600 RÉIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora — Moura Marques & Paraizos — 19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Codigo do Registo Civil, 200 réis

Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrucción Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Política da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2\$500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Goncalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.



A Voz do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS: Continente, trimestre - 300 réis
Ultramar, semestre - 600 réis
Numero avulso, 30 réis
ANNUNCIOS - Preços convencionaes
Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

ADESÕES

Naturalmente o novo regimen tem trazido á consideração dos homens sérios deste paiz e que se prezam de ser patriotas acima de tudo, fartos exemplos de pulhice em que o caracter de certos individuos, outr'ora reacionarios, se revela e se salienta abastardado e corrompido, umas vezes pela sua prompta adesão a todas as idéas jacobinas, sem um pestanejar d'olhos e com cinicas afirmações de que nunca haviam pensado d'outra fôrma, outras vezes lembrando processos detirania que no fundo são os mesmos que empregavam no antigo regimen, de que eles se julgavam reis e senhores.

Não será preciso ter grande perspicacia para advinhar que os cavalheiros que assim procedem, são os mesmos que andavam atraz da carruagem do rei, em constantes e entusiasticas manifestações, que osculavam a mão do monarca, que levantavam a cauda do vestido da rainha e cujo dorso se curva e se ageita em todos os regimens, em quaesquer governos e com todas as idéas.

Honro-me ainda hoje e não estou arrependido de me enfileirado ao lado dos que pugnavam pela idéa de que a Republica devia acolher todos aqueles que de boamente viessem para ela com intenção de a servir com lealdade. Mas ao fim de dois anos é pasmoso o espetáculo! Invadeno o espirito um grande tristeza e abate-nos o animo uma forte deceção. Pois como pode ser que homens que ainda ha dois dias andavam em manifesta adulação no regimen deposto, estejam já em destaque dentro da Republica? Como é crível que em tão completa transformação de idéas a consciencia se molde a aceitar o que ainda ontem lhe repugnava aprovar? E as perseguições aos republicanos? As denuncias? Quem as fazia? Eram eles, os mesmos. Só possuem sentimento abandalhados e cons-

ciencias de aluguer, ignobeis qualidades e criminosos intentos. Nunca tiveram, nem hão-de ter o valor de uma crença, a coragem moral de defender o relicario de uma idéa.

No grande numero de adesões vieram elementos de reconhecido valôr e que nada deviam á monarchia senão o terem servido o regimen com ingenua credulidade. A sua espetativa actual é simpatica e exatamente porque servem a Republica sem manifestações demagogicas, concorrem para a sua felicidade e os seus serviços devem ser apreciados. Mas aqueles que tendo disfrutada na monarchia altas honras e proventos, com um triste cortejo de insidias, e agora estão querendo tomar a vanguarda das idéas democraticas de homens que trabalharam, sacrificando grande parte da sua vida pela Republica, manietados muitas vezes nos porões dos navios e atirados para o fundo das prisões, sempre pela luta dos seus ideaes, esses serventuarios que o seriam amanhã d'outro regimen, esses homens sem fé sem crença e sem dignidade não devem ser contados para a grande obra da regeneração deste paiz, nem os seus serviços são uteis a qualquer regimen. Nem a qualidades de portugueses pode recomendar-os.

Bento da Silva Fernandes.

A ANISTIA

Tem-se feito pelo paiz fora uma verdadeira campanha pró e contra a anistia aos conspiradores.

A maior parte dos que a defendem a ideia de uma anistia restringem-se aos que deixarem arrastar inconscientemente.

Por nossa parte, julgamos a anistia, por emquanto, extemporanea e pernicioso, tanto para os que conscientemente conspiraram, como para os que incons-

cientemente se deixaram arrebanhar.

Nem anistia geral, nem restrita, por emquanto, repetimos.

Os que contra a estabilidade da Patria pegaram em armas, na convicção plena do seu crime, merecem punição.

Os que para o crime se deixaram arrastar victimas da ignorancia e por influencia dos primeiros, não deverão tão cedo ter perdão.

A um homem ignorante que comete um assassinato não o salva da prisão a sua ignorancia.

Ao homem analfabeto que comete um roubo não se perdôa o crime com a atenuante do seu analfabetismo.

Ora o que é certo é que os homens rudes que na penitenciarria estão expiando o crime de rebelião uns pegaram, outros tentaram pegar em armas contra os seus irmãos.

Verdadeiramente, nem são criminosos politicos: são feras que deram vazão a instintos canibalescos.

Ha esposas, filhos, mães, paes que choram a sua prisão e vivem na miseria pela sua falta?

Consolem-se, e alivie-se-lhes a miseria de qualquer maneira.

Não vale aqui sentimentalismo.

Raras vezes a piedade humana se lembra das familias do que mata e do que rouba.

E, a meu vêr, tão criminosos são estes, como os que a esta hora, na Penitenciarria, expiam o crime, mil vezes monstruoso, de atentar contra a sua Patria e contra seus irmãos.

ACACIO SERRA.

Regresso

Com sua ex.^{ma} familia, regressou da Guarda, onde esteve de licença da junta, o nosso estimado amigo e assinante, sr. tenente d'infantaria n.º 23, Manuel da Silva Piedade, a quem cumprimentamos cordealmente.

"O Progresso de Alquerubim.."

Com o n.º 54 entrou no seu 2.º ano de publicação este nosso denodado colega, cuja divisa é igual á nossa: *Pela Patria e Pela Republica*. Felicitamos muito cordealmente, desejando-lhe um longo e um futuro todo sorridente.

ATENÇÃO!

Chamamos a atenção dos nossos leitores para mais uma transcrição que no proximo numero fazemos de um importante documento denominado UM SARGENTO TALASSA, que encontramos no nosso presado colega de Beja, "O Poryr", de 21 de setembro ultimo, e que se refere ao sargento licenciado Rafael Ribeiro, para quem varias gazetas tem pedido auxilio.

Por ele se vê qual o republicanismo daquele cidadão e quanto ele merece o auxilio dos que trabalharam para derrubar o extinto regimen.

Não é talvez novidade para os camaradas desta guarnição o documento referido, e se tal dizemos, é por nos constar que esse documento esteve em exposição numa agencia de publicações desta cidade, de que é proprietario o proprietario de um jornal de classe de que Rafael Ribeiro é colaborador.

Esperem pois para o proximo numero.

Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha

Desta prestante Sociedade recebemos a seguinte circular, que gososamente publicamos:

Lisboa, 31 d'outubro de 1912.

Sr. diretor do jornal *A Voz do Sargento*.

A comissão central da Cruz Vermelha portugueza resolveu, em sua sessão de hontem, reunir donativos de dinheiro para socorro dos feridos e doentes da guerra do Oriente, para serem distribuidos pelas sociedades da Cruz Vermelha da Bulgaria, Grecia, Montenegro e Servia e pela do Crescente Vermelho otomano, as quaes todas pertencem á união universal da Cruz Vermelha, estando portanto em fraternal correspondencia com a Cruz Vermelha portugueza.

A distribuição será feita sem qualquer preocupação ou preferéncia de nacionalidades ou de religiões, e proporcionalmente aos efetivos dos diferentes exercitos em tempo de guerra.

N'estas circunstancias e certa de que o seu apêlo encontrará benevolente acolhimento da imprensa periodica e em geral do povo portuguez, que embora extranho aos motivos da guerra segue com anciedade a narrativa dos combates e manifesta o maior interesse e simpatia pela sorte dos feridos que em qual.

quer dos campos são vítimas do mesmo dever militar, vem a Comissão Central da Cruz Vermelha portuguesa implorar de v. e dos assinantes e leitores do seu jornal um sinal de adesão á sua ideia humanitária, ou seja pela propaganda em favor da subscrição aberta, ou pela entrega de um donativo em dinheiro, por menor que seja a sua importância.

A Cruz Vermelha portuguesa garante aos srs. subscritores a integral aplicação dos donativos recebidos ao fim que se tem em vista, e oportunamente por á disposição do publico, como sempre o tem feito em casos semelhantes, os documentos justificativos da sua aplicação.

Os donativos recebem-se desde hoje no escritorio da sociedade, Praça do Comercio, das 11 ás 15 horas de todos os dias uteis e serão mencionados nos jornais que queiram fazer esse favor logo no dia immediato. Os subscritores de fóra de Lisboa podem remeter os seus donativos em vales ou ordens postais nominais a favor do sr. tesoureiro da sociedade.

De todas as quantias entradas se passará recibo.

Não se fornecem listas de subscrição para fóra da sede social.

Agradecendo a v. a sua generosa cooperação nesta obra humanitária, sou com a maior consideração

De v. etc. — Pela Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha

O Presidente,

Domingos Tasso de Figueiredo.

A IMPEDIMENTA

Nalgumas terras do paiz appareceram, agora, umas listas para assignaturas que, não deixam de constituir novidade velha e de que é bom transcrever o respectivo cabeçalho que resa assim:

«Os abaixo assinados, cidadãos portugueses, no goso legitimo dos seus direitos, manifestam por esta forma aos seus dignos representantes nas Constituintes, a sua inalteravel vontade de que se conservem as bandas existentes, se organisem novamente as já extintas e que umas e outras sejam convenientemente remodeladas, a fim de bem desempenharem o importante papel que lhes compete na educação do povo, como unica manifestação artistica ao alcance das classes trabalhadoras».

Pelo que fica transcrito, se vê bem claramente, que não são hespanhoes, francezes, etc., presos na Penitenciaria ou degredados que se encontram nas nossas possessões ultramarinas que manifestam a sua inalteravel vontade aos seus dignos representantes nas Constituintes, assembleia que já não ha, para que se organisem novamente as bandas militares extintas, etc., etc.

Ainda mais, fala se nas classes trabalhadoras, quando é certo, elas pouco se importarem com bandas de musica, pois que, raro lhes é dado ouvir musica.

É esta mais uma prova de que, se a organização do exercito não tivesse sido feita em ditadura e decretada em tal circumstancia, só teriamos organização do exercito, quando o ministro da guerra puzesse um regimento em cada cidade e vila e uma banda de musica junto da porta de cada um dos seus grandes e respeitaveis amadores.

Tudo isto quer dizer que, Sua Ex.^a o sr. Coronel Baretto, actual

ministro da guerra, não tivesse o talento, energia e coragem precisa, ainda hoje estaríamos como dantes e continuariamos a estar sem organização do exercito.

Mas, os influentes, pedem bandas de musica e a sua conveniente remodelação, como se tudo neste paiz corresse ás mil maravilhas e, não houvesse mais nada em que pensar e ainda mais, como se tal pedido tivesse razão de ser feito.

Certa gente, quando lhe falam em musica e foguetes, já não quer saber de mais nada; tal e qual como se endoidecesse.

Contudo e isto é que interessa mais, se lhe disserem que não ha dinheiro, e, por isso o exercito é milicianissimo, que não ha razão portanto de num exercito nestas condições, que não é permanente, existirem bandas de musica permanentes, a não ser aquelas que devem existir na sede dos quartéis generais; se lhe disserem que, nos regimentos de cavalaria não ha cavalos e que, alguns regimentos até chegam a fazer serviço com os cavalos emprestados doutro regimento; que até já recolheram aos respectivos corpos os distribuidos para montada dos officiais d'infantaria com direito, a montada; se lhes disserem que não ha material d'artilharia e que os respectivos regimentos pedem material emprestado uns aos outros; se lhe disserem que nos regimentos d'infantaria, faltam talvez mais de dois terços de material preciso para campanha; se lhe disserem que nos quartéis não ha os compartimentos necessarios, faltando-lhes até casas de banho, mobilia e utensilios, precisando alguns de grandes reparações; que ha muitos artigos de material de guerra por concertar; se lhe disserem que as escolas de repetição deviam pelo menos durar 15 dias e só duraram 7; que a Guarda Republicana é insufficientissima; que não ha material escolar; que os professores andam mal pagos, recebendo até o ordenado atrazadissimo; que os não ha precisos; que as escolas que ha não chegam para a instrução das creanças e do povo; que o governo, com uma paciencia de santo, luta com dificuldades para tornar mais suave a vida dos pobres e dos humildes, tudo isto já se vê devido á grande herança que nos deixou a realza indigna e traiçoeira, tudo isto por não termos dinheiro e, que, como disse Sua Ex.^a o actual Ministro da Guerra, se poupariam 60 contos anuais com a medida que ele tentava adoptar a respeito das bandas de musica, sim, se lhe disserem isto, dirão talvez: «nós não queremos saber nada disso, o que queremos é musica».

Mas, o governo e o parlamento talvez lhe respondam, «pois o que nós queremos e precisamos é de ordem, trabalho, economia e nada de luxos».

Natal.

NOTICIAS MILITARES

Marcharam para Aveiro, em serviço das suas especialidades, os seguintes srs.: coronel de engenharia Antonio Candido Cordeiro de Almeida Soeiro de Gambôa; major medico Julio Ernesto de Lima Duque; capitão de engenharia Abel Augusto Dias Urbano e capitão medico José Afonso Bacta Neves.

Está nesta cidade, gosando a licença que lhe foi arbitrada pela junta das colonias, o capitão farmaceutico sr. Estanislaw Monteiro dos Santos.

— Apresentou-se na 5.^a divisão, por ter terminado a inspecção dos animaes e vehiculos, o capitão de cavalaria, adjunto ao serviço do recenseamento, sr. Fernando Luiz Mousinho de Albuquerque.

— Apresentou-se em infantaria 35, para onde foi transferido, pelo pedir, o capitão de infantaria 10, sr. Joaquim Emiliano da Costa.

— Regressou de Aveiro, onde foi em serviço, o tenente sr. José Maria da Silva Figueiredo.

— Assumiu o comando do regimento de infantaria 28, com sede na Figueira da Foz, onde ultimamente foi colocado, o major sr. José Coelho Correia da Cruz, que serviu muito tempo, na guarnição d'esta cidade.

SECRETARIADO MILITAR

OS MEUS REPAROS

Ha muito que não dou acôrdo de mim; que deixei de remeter para esse jornal um ou outro artigo, uma ou outra carta, o que de resto e mesmo nada tem perdido por não lhes faltar quem melhor do que eu, com os seus escritos, o sirva. Muitas prosperidades.

O n.º 7 do artigo 431 da organização geral do exercito de 26 de maio do ano findo, diz: que são condições indispensaveis, entre outras, para a promoção a alferes no quadro do secretariado militar:

- 1) Ser sargento ajudante ou 1.º sargento;
- 2) Ter o curso da escola central de sargentos ou o 1.º ano da escola de guerra;
- 3) Ter pelo menos tres anos de bom e efetivo serviço como 1.º sargento;
- 4) Ter boas informações e bom comportamento;
- 5) Ser apurado num concurso de provas praticas estabelecidas em regulamento especial.

O § 2.º do mesmo artigo diz que podem ser admitidos aos concursos a que se refere a alinea e) do n.º 7 os individuos a que se refere o § 1.º do artigo 188.

Ora vejamos o que diz o § 1.º do artigo 188:

Que poderão ser admitidos aos concursos que se realizarem em virtude da applicação da presente lei, os atuais amanuenses do secretariado militar e os atuais amanuenses do arsenal do exercito que estejam uns e outros nas seguintes condições:

- 1) Ter menos de 45 anos de idade.
- 2) Ter pelo menos tres anos de serviço efetivo como amanuense.
- 3) Ter bom comportamento e competencia profissional, comprovada por atestado passado pelos chefes sob cujas ordens tenham servido.

d) Não terem sofrido penas impostas pelos tribunaes ou penas disciplinares que os inibam da promoção a official.

O curso da escola central ou o 1.º ano da escola de guerra exigido aos sargentos ajudantes, 1.º sargentos ou 1.º sargentos graduados cadetes, como condição indispensavel para poderem ascender ao officialato em qualquer quadro, deixa de o ser excepcionalmente a estes privilegiados da sorte e do favoritismo.

O artigo 189 (transitorio) da citada lei completa o resto, permitindo que ascendam a officiaes individuos com idade superior a 45 anos, quando é certo que na arma d'infanteria sargentos ajudantes ha que tendo completado 45 anos de idade, mezes depois de lhe pertencerem a promoção a alferes, não poderam ascender a este posto.

Se atendermos a que os sargentos ajudantes immediatamente mais modernos promovidos a alferes lhes contaram a antiguidade do posto quasi dois anos antes, isto é, o mesmo que teria sucedido aos preteridos se fossem promovidos, é inegavel que estes, sem grande favor, podiam ser promovidos por não contarem ainda 45 anos de idade.

Ora isto, com mais razão, não se fez, não se faz, motivo porque o citado artigo 189 (transitorio) não deixou de merecer os devidos reparos a todos aqueles que anhelam por iquidade e justiça em vão.

O artigo 190 diz que os amanuenses do secretariado militar são empregados civis e a legislação anterior a esta acrescentava: sem acesso.

Com raras exceções estes funcionarios do Estado são oriundos da classe dos sargentos que não tendo no exercito futuro por falta de habilitações ou por serem preteridos por outros nos concursos de 1.º sargentos preferiram fazerem-se nomear amanuenses do secretariado militar, muito embora soubessem de antemão não terem acesso.

A legislação vigente permite-lhes agora o acesso a official do referido quadro sem o curso da escola central ou o 1.º ano da escola de guerra, não o permitindo comtudo aos 1.º sargentos ou 1.º sargentos graduados cadetes que satisfaçam a todas as condições menos a de terem as referidas habilitações.

Não é isto exceção, favoritismo? Uma vez que se desejou favorecer os amanuenses do secretariado militar, permitindo-se-lhes o acesso a official e sendo certo que nessa corporação existem alguns individuos com as habilitações legais, parece que só estes deviam concorrer com os citados sargentos.

Pois tal não sucedeu. De futuro é de crer que continue o mesmo, o que a dar-se, me convence mais uma vez que, ou aqueles possuem uma protecção escandalosa ou então ha uma manifesta má vontade contra os sargentos em geral e nomeadamente contra os da arma de infantaria.

Está prestes a realizar se o concurso para alferes do secretariado militar, concurso a que decerto serão admitidos os referidos amanuenses, mas, antes que tal suceda, não quero deixar de lavrar aqui, por este meio, os meus humildes mas vehementes protestos e oxalá que eles cheguem aos ouvidos de S. Ex.^a o Ministro da Guerra e que este, com a devida permissão, os tome em consideração.

Hermiterio.

Club Recreativo

Correu muitissimo animado o baile que no domingo se realizou no Club Recreativo Conimbricense.

Agradecemos o convite.

Fraternidade Militar

Por ordem superior foi mandado suster o desconto que era feito ás praças de pret para a associação denominada *Fraternidade Militar*.

LITERATURA

MORTA!

Havia arrulhos, havia ninhos,
Na transparência daquele olhar...
Olhar que os longos, negros caminhos,
Me iluminava como o luar!...
Havia queixas, meigos carinhos,
Na branca esteira daquele olhar!
Aquele bôca, meu Deus, aquela
Bôca — onde os anjos vinham cantar —
Quando por vezes me lembro dela
Inda prosterno-me a soluçar!
Aquele bôca donde a procêla
Dos beijos se iam como a cantar.

Um dia arcanjos de azas douradas
Do ceu baixaram para a levar
Em nuvens pardas, aurilavradas,
Do azul marinho, do azul do mar,
Anjos formosos, risonhas fadas,
Todos vieram para a levar!

Amortalhada, da côr dos lírios,
Dos brancos lírios, junto do altar,
Parece ainda rezar uns kyrios
Por entre os lábios a sussurrar
Branca, tão branca! da côr dos lírios
Que ardem ás santas virgens do altar!

Todas as flôres cantavam hinos,
Quando a levaram para enterrar!
Cahia a tarde... sons vespertinos
Se balouçavam no azul do ar,
E muito longe plangiam sinos,
Quando a levaram para enterrar!

Arnaldo Damasceno Vieira.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importancias de suas assinaturas, ficando pagos até ao

N.º 78

O sr. José Alves da Silva, 2.º sargento d'infantaria n.º 23; até ao

N.º 80

O sr. Casimiro Ramires, 2.º sargento d'engenharia; até ao

N.º 83

Os srs. José Salas, sargento-ajudante d'engenharia; Joaquim da Fonseca, 1.º sargento d'artilharia n.º 2; António Videira, 1.º sargento de cavalaria n.º 6; Hipolito Antonio Ferreira, 1.º sargento d'infantaria n.º 9; Augusto Nunes Tiago, 1.º sargento d'infantaria n.º 35; João Ruivo da Silva, 1.º sargento d'artilharia n.º 8; até ao

N.º 85

José Antunes Salvador, Rodrigo, Antonio Osorio Martins de Figueiredo, todos 2.º sargentos d'engenharia; até ao

N.º 86

O sr. Anibal Soares da Cruz, comerciante em Luso; até ao

N.º 89

Os srs. Joaquim Abrantes, Joaquim Viegas Batista, 1.º sargentos; Antonio Dionisio Soares, Joaquim

dos Santos Ferragôta, 2.º sargentos, todos d'infantaria n.º 4; até ao

N.º 91

Os srs. Joaquim Maria Ferreira, tenente-coronel; João Batista Loureiro, sargento-ajudante; Luiz Vila Verde, 1.º sargento, todos d'infantaria n.º 35; Eduardo da Cunha Oliveira, alferes; José Augusto da Cruz Vaz e Joaquim Gomes Maximio, 1.º sargentos, todos do Grupo de metralhadoras n.º 5; Ricardo Freire dos Reis, tenente, e Luiz Rodrigues Jacob, 2.º sargento, ambos d'infantaria n.º 23; Antonio José Pires, 1.º sargento d'infantaria n.º 6; Bernardino Correia, Manuel Gonçalves da Costa Pacheco, 1.º sargentos d'infantaria n.º 18; João Maria Boléo Cezario, 2.º sargento d'infantaria n.º 21; Antonio Gomes Santiago, sargento-ajudante d'infantaria n.º 31; João de Brito Pimenta d'Almeida, capitão da Administração Militar; Pedro Vilas Bôas, 2.º sargento d'artilharia, Oeiras; Manuel Mendes da Rocha, 2.º sargento d'artilharia n.º 2; José Joaquim Afonso, 1.º sargento d'infantaria n.º 10; José Rodrigues Mata, 1.º sargento; Antonio Ferreira da Silva, 2.º sargento da Guarda Republicana de Lisboa; João Bandarra, 2.º sargento da guarda fiscal; Gaspar Augusto Porfirio, 2.º sargento reformado; Antonio Ribeiro Alves, chefe de musica; Verol & Companhia, Lisboa; Manuel Rodrigues Simões, Manuel Rodrigues Simões Junior, José Maria Henriques, Cortinhas & Ferreira, Evaristo José Cerveira, Prim Antonio de Fi

gueiredo, Antonio Caetano, Joaquim dos Santos, Eduardo Simões de Faria Couto, todos de Coimbra.

Joaquim José Fradique, 2.º sargento; Albino Augusto Soares, seileiro; todos de cavalaria n.º 10; Antonio Rodrigues d'Almeida, 2.º sargento; José dos Reis Severo, alferes da Administração Militar; José Joaquim, Celestino Pestana, Emigdio da Silva, 2.º sargentos reformados; Bernardino Lopes Pereira, 1.º sargento reformado, todos de Penafiel; José Carlos de Castor, 2.º sargento da administração militar; Manuel João Afonso, sargento-ajudante d'infantaria n.º 19; José Antonio Vieira d'Azevedo, José Gonçalves Loza e Luiz de Lima Castela, 1.º sargentos d'infantaria n.º 8; José Duarte Figueiredo e Manuel Rodrigues Pedro, ambos de Luzo; José Francisco Esteves, 2.º sargento do D. R. n.º 10; Adriano Gabriel d'Aguiar Dias, capitão; Fernando Egídio da Conceição Rego, tenente; Emilio José da Mata, 2.º sargento, todos do Forte da Graça; José Pires Batista, Francisco Maria Queiroz da Silva, 2.º sargentos e Julio Fernandes Sanches, espingardeiro do grupo de metralhadoras n.º 4; Antonio Couto e Vasconcelos, 1.º sargento d'infantaria 20; José Manuel de Jesus Rodrigues, 1.º sargento e Raul Benjamin Roseiro, 2.º sargento d'infantaria n.º 9; Manuel Maria da Costa, 2.º sargento da guarda fiscal; Antonio Luiz da Fonseca, 2.º sargento reformado; Leandro Augusto Pires, 2.º sargento de cavalaria n.º 10; Joaquim Silva, 1.º sargento d'infantaria n.º 33.

José da Costa Carneiro, alferes; José Marques da Cruz, Francisco Pereira de Barros, Julio Marques dos Santos e Silva, José Augusto d'Oliveira Dias, 1.º sargentos d'infantaria n.º 7; Manuel Coelho Pereira e Anselmo da Mota Lobo, Alberto Joaquim Correia, 1.º sargentos d'artilharia n.º 4; Artur Martins Dionisio, alferes; Manuel de Souza Neves, 1.º sargento d'infantaria n.º 32; Fernandes & Companhia, Lisboa; Manuel Joaquim Magro, 1.º sargento d'infantaria 2; Manuel Pinto da Fonseca, 1.º sargento d'infantaria n.º 1; José Francisco Guerra, 1.º sargento; Joaquim Franco, 2.º sargento; Manuel Pombo, corfêiro; Sala dos sargentos d'engenharia; João Emidio Adauta de Figueiredo Mendonça, alferes de artilharia; Eduardo d'Albuquerque, sargento-ajudante de cavalaria n.º 4; José da Cruz Dimiz Esteves, 1.º sargento d'infantaria n.º 5; Abel Augusto Lopes d'Almeida, amanuense do secretariado militar; Artur Jerardo Bastos dos Reis, José Joaquim de Jesus, 1.º sargentos d'infantaria n.º 15; Augusto Emiliano Gonçalves, 2.º sargento d'artilharia; Domingos dos Reis Severo, 1.º sargento d'infantaria 22; Anibal de Lemos Guardado, solicitador em Pombal.

Instrução Militar Preparatoria

Aviso importante

São avisados todos os mancebos de 17 anos d'idade, domiciliados nas freguezias da Sé Nova, Santa Cruz e Santo Antonio dos Olivais, de que tem de comparecer no Quartel do Regimento de Infantaria n.º 23, no proximo dia 10 do corrente, pelas 8 horas, para frequentarem os cursos de Instrução Militar Preparatoria do 2.º grau.

Esta apresentação é obrigatoria para todos os mancebos de 17 anos

d'idade, que tenham o seu domicilio até a distancia de 5 kilometros do Quartel, sendo punidos, nos termos da lei do recrutamento e do Decreto de 26 de Maio de 1911, os mancebos que faltarem sem motivo justificado.

Os mancebos de 18 e 19 anos d'idade, domiciliados nesta cidade que desejem aproveitar as vantagens concedidas pelo Ministerio da Guerra, podem frequentar os exames da Instrução Militar Preparatoria, desde que se inscrevam como socios da Sociedade de Instrução Militar Preparatoria, com séde nesta cidade, e que recentemente se organizou para este fim.

Resultado da nossa cobrança

Procedencia	A receber	Recebido
Transporte ..	141.480	48.390
Abrantes	1.500	1.460
Aveiro	4.050	1.760
Beja	5.325	3.010
Castelo Branco ..	600	570
Evora	2.575	—
Espinho	850	—
Figueira da Foz ..	5.600	570
Goes	1.500	1.460
Guarda	5.525	1.160
Leiria	1.075	—
Mafra	600	—
Mogadouro	600	—
Nelas	1.200	—
Niza	825	—
Oeiras	3.300	570
Pinhel	1.200	—
Porto	10.550	3.260
Queluz	600	580
Riachos	1.400	—
Santarem	1.000	570
Setubal	475	—
Tavira	600	570
Valença	8.275	3.560
Vila do Conde ..	600	570
Vila Real	600	570
Vizeu	10.325	600
Soma	204.130	69.230

N. R. — Nas quantias recebidas está descontado o premio do vale do correio.

Mais um republicano!

Alguns jesuitas estrangeiros descompõem agora Paiva Couceiro, acusando-o de ter traído a monarchia, feito com a Republica Portuguesa!

Apresentou-se no regimento de infantaria de reserva n.º 23, onde foi colocado, o nosso amigo sargento ajudante, sr. Germaniano Saraiva.

De visita

Esteve entre nós o nosso camarada e amigo 1.º sargento d'infantaria n.º 15, sr. Constantino de Carvalho.

Juramento de bandeira

Com a solemnidade do costume realisou-se em infantaria 23 no dia 3 do corrente, o juramento de bandeira para as praças que ainda o não tinham feito.

O sr. aspirante a oficial Henrique Alberto de Sousa Guerra, nam inspirado discurso, fez comprehender aos soldados o que é a bandeira, o quanto vale e o que era preciso fazer para a conservar sem mancha, e que no ultimo alento ainda podessem dizer: Viva Portugal!

TIPOGRAFIA DO JORNAL DE COIMBRA

25, 27 - Rua do Pateo da Inquisição - 29, 31

Nesta tipografia, montada com materiaes modernos, execuam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos tipograficos, taes como: — Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programas, recibos, faturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mapas, papel timbrado, envelopes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc., etc.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO DE JORNALIS

PREÇOS MODICOS PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO TRABALHOS A CÔRES

BILHETES DE VISITA

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.
Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.
Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

Modelo francez
Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa
H. Santos Calleya
Rua de Santo Antão, 82
Proximo ao Colyseu — LISBOA

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado
Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro
58 — RUA DA SOPHIA — 61
COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.
Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.
Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.
Especialidade em varinos d'Aveiro
Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párcos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS
Em harmonia com os actuais programas de instrução primária

por **Ricardo Dinis de Carvalho**
Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscrição Escolar, professor diplomado de instrução primária e sócio honorario de El Fomento de Las Artes Madrid

Décima sétima edição
ILUSTRADA COM GRAVURAS e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO
Brochado 160 réis
Cartonado 210

A venda na livreria **F. FRANÇA AMADO**
Livreiro - editor
115 — Rua Ferreira Borges — 125
COIMBRA

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA
Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depôs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 1\$600 RÉIS
Remessas franco de porte contra vale do correio.
Livraria Editora — Moura Marques & Paraizos — 19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA **LIVRARIA F. FRANÇA AMADO**

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS
Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.
Codigo do Registo Civil, 200 réis
Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.
Lei da Instrução Primaria, 100 réis.
Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.
Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.
Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.
Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82
Proximo ao Colyseu LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2\$500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pag), rua de S. Paulo, 12, 4.ª e Ferregial de Baixo, 31, 2.ª — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

A Voz do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 186

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultrammar, semestre - 600
Numero avulso, 30 reis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

MILICIANOS

Nas ultimas Ordens do Exército tem sido demitidos, pelo pedirem, alguns dos poucos officiaes milicianos de que a Nação dispunha.

Nam é meu designio apreciar a conduta desses individuos que, por vezes, vimos arrastando as suas durindanas, cujo fragor os enchia de orgulho, deixando embevecidos os incautos que supunham ver neles algo de valor; e obrigando algum inferior distraido, á respectiva continencia.

Todos eles fruíam ciosamente aquelas regalias que lhes eram dadas, sem medirem as responsabilidades que tal proceder implicitamente lhes impanha.

Bastou uma simples escola de repetição, com a duração de sete dias, á qual foram chamados a prestar o seu concurso, para que esses a quem temos o direito de chamar maus portuguezes, peores militares e pessimos patriotas (é obvio que me refiro áqueles que foram demetidos) fugirem desordenadamente das fileiras, nam corando pelo que de aviltante teve esse gesto.

Nam souberam ver que o pequeno sacrificio a que eram obrigados tinha por fim familiarisalos com o uso das armas; prepara-los para as agruras que tem a vida militar; instrui-los para que nam fossem officiaes só nos cartões de visita e quando os jornaes citavam os seus nomes.

Se tivéssemos de entrar em operações para a defeza da nossa Patria, onde iriamos encontrar estes comodistas?

Quicá refugiados em alguma alcova

Estes factos devem ter dado que pensar a quem tiver de rever a nossa organização do exercito, na parte respeitante aos seus quadros; porque, a grande quantidade de officiaes milicianos com que se contou, tarde ou talvez nunca se ha de conseguir.

A Alemanha, nação aonde as questões militares sam tratadas com um cuidado inexcedível, tem

os seus quadros de officiaes de reserva, que, na sua maioria, sam tirados dos quadros dos sargentos profissionaes, depois de fazerem os seus cursos e concursos e de permanecerem, por alguns anos, nas fileiras do exercito ativo.

Mas, em que circunstancias passa o sargento alemão a official de reserva, quando ele pode, tambem, ser official do exercito ativo, sem tantas diferenças entre os seus camaradas da escola como no nosso paiz existem entre os officiaes saídos da Escola de Guerra e os oriundos da classe dos sargentos?

Porque vam ocupar na vida burocratica empregos publicos em harmonia com as suas habilitações e com a posição de official do exercito e com um vencimento muito superior áquele que na vida de sargento, na qual tinham de permanecer por alguns anos, percebiam.

Em Portugal, é nossa opinião, que tambem se conseguiria uma corporação de officiaes milicianos competentissimos, dando na vida civil bons empregos aos sargentos, depois de se alargar a matricula na Escola Central e de se rever o quadro de empregos publicos, banindo alguns, tal como os de *porteiro*, *continuo*, *guarda de penitenciarios*, etc., porque nam só aviltam aqueles a quem sam destinados, como tambem a todos quantos vestem uma farda, por incoerentes e falhos de logica: deve sim introduzir-se-lhes outros, tal como chefes de conservação de via e obras, apontadores e pagadores do ministerio do fomento, officiaes do registo civil, secretarios dos municipios e administrações de concelho, agrimensores, aspirantes da fazenda, etc., etc.

E nam diga algum mal intencionado que ao sargento portuguez falta competencia para o desempenho dos citados logares, porque mente como um monarchico, visto que nas fileiras do

exercito desempenham serviços de tanta ou mais responsabilidade e que exigem muito estudo e amor ao trabalho.

E' axiomatico que a monarchia e os sicarios que a rodeavam trataram sempre a classe dos sargentos, como uma classe perigosa que desde o recolher á alvorada tinha de permanecer prisioneira. Para eles o termo sargento era sinonimo da peor palavra que o mais completo lexicon podia conter. E', pois, nam só como o mais elementar principio de justiça exige e como uma necessidade para a defeza do Paiz, que o quadro dos empregos publicos para sargentos necessita de levar o caminho que levou a carta constitucional, organisando-se um outro que permita ao Paiz possuir excelentes empregados publicos e ao Exército competentes officiaes milicianos. A nam ser por este meio, o quadro destes nam passará de uma boa aspiração.

Elvas, 2-11-912.

Manuel Antonio Vieira

Sargento ajudante de infantari 22

DEMOCRACIA

A ignorancia prepositada de muita gente que tem ludibriado o verdadeiro sentido da palavra *democracia*, no malevolo intuito de obter para si proventos de diversa especie, deozo a que almas simples e honestas, que receberiam de bom grado os verdadeiros exemplos democraticos, estejam persuadidas de que a Republica é tanto mais bela e mais democratica quanto maior for a sua penuria.

O convencimento d'esta illusão está tão inveterado no espirito ingenuo d'esses crédulos, que não é facil fazel-os acreditar de que a Republica tem de possuir as suas galas e as suas pompas para poder acompanhar a civilização.

Deve mesmo possuir uma grande elite de homens de esmerada educação, que se deve revelar no trato, no traje, nos mil conhecimentos da diplomacia, nas ciencias, etc.

A representação da nossa Republica não deve ser amesquinhada, nem dentro nem fora do paiz.

A sociedade ha de sempre dividir-se em fracções, consoante a instrução que cada um tem e os meios de fortuna que cada um possui.

A Republica tambem ha de vir a

ter, se já não tiver, a sua primeira sociedade.

Quer isto dizer que os favorecidos da fortuna ou os que tem a instrução superior sejam incompativeis com o regimen democratico? De forma alguma é admissivel esta hipotese.

Muita gente mal intencionada e, certamente, peor instruida, tem querido propalar que a Republica deve andar andrajosa para significar bem que ela é do povo.

Ainda aqui se nota, nesta significação, um grande erro, se não for uma intencionada perfidia.

O povo é constituído por mil classes e estas por individuos de educação diferente e diversos meios de fortuna.

A face do direito e do dever todos constituem essa enorme coléctividade que se chama povo.

Se a Republica conseguir um dia nivelar esse povo, já não digo em bens de fortuna, mas em bens de intelligencia, ela ocupará um logar de destaque na historia universal.

Creio que um dia, tarde naturalmente, virá a realizar esse grande desideratum, e quando começar a desempenhar essa obra civilisadora a Republica não irá buscar para bitola nem o mais rico nem o menos intelligente.

S. Fernandes.

Vendidos que querem corromper

A maquiavelica campanha a favor da anistia tem adquirido atenções imerecidas e fóros injustificaveis e demasiados.

Felizmente que na politica portugueza ainda se contam eos verdadeiramente grandes homens que presentem as necessidades que vão surgir, os acontecimentos preparados pelo passado e indicam o caminho pelo qual se deve enveredar.

Com o que se passa a respeito da anistia dá-se o grande caso de não haver nela, pelo menos, simples força moral que se encontre em presença doutra força grandiosa e bela qual é a força moral da Patria e da Republica.

Bem pensado, talvez, aquilo não passe de absurdo garrido, ou pilula dourada, creada na alta roda para entreter certos jornalistas duvidosos e, dar que fazer aos tipografos.

Antes fosse assim.

Mas não; antes entendem certas creaturas de intellectualidade inferior e de olhos inflamados, que não está hoje reconhecido causar desmoralização, a generosidade sem discernimento, talvez seja isto o que elas querem, e que a lei é uma arma indispensavel de que se serve a intelligencia contra todos os males, especialmente contra a malvadez.

Como se enganam!

São estúpidos e maus querendo disfarçadamente dar aspecto duplo á questão, pois que tentam zombar da razão e da justiça e, seja qual for o resultado, custeados a ocultas, servir-se d'ele para futura campanha talvez ainda peor do que qualquer dos anteriores, procedendo já, para conseguirem o que desejam, com alvitres infames, servindo-se de termos anti-patrióticos, emfim, empregando rancorosamente todos os processos jesuíticos.

Posto isto e, para que não sejam de todo esquecidas algumas palavras escritas pelos tais vendidos, a respeito da anistia, vamos aqui reproduzi-las:

«Estamos absolutamente convencidos de que assim pensa e quer a enormíssima maioria do paiz. Mas se essa maioria continua só a pensar e não souber querer esta e muitas outras coisas, parecia-nos melhor dar tudo por liquidado e deixar então que se cumpram até final e sem demora... as profecias sinistras de lord Salisbury.»

Ainda mais transcrevemos as seguintes palavras que merecem atenção, escritas por Tavares Proença:

«Mas creia meu amigo que, se assim não fosse (a derrota couceiral), nós apenas tínhamos algumas probabilidades de satisfação no esforço aliás ainda muito hipotético a tirar da canelha que lá está dentro e mais nada.»

E' preciso que as palavras de Guerra Junqueiro, honra e gloria da raça latina, que vou também transcrever, tenham algum valor:

«Libertamo-nos. Varramos para sempre os fracos reis que fazem fraca a forte gente, os despotas e os tiranos cuja vontade manda mais que a justiça e que a verdade. Foram-se os abutres e emigraram os corvos. Partimos algemas, expulsamos os verdugos, destruimos carceres. Não basta. A' volta de nós, mortos no chão, as ruínas escuras do passado embargam-nos o transitio. E' necessario erguer, ordenar, edificar. Demos corpo concreto e realidade ao que hontem foi sonho e aspiração. Cremos juntos no trabalho comum — a Patria Nova.»

Cremos juntos no trabalho sim, com todos os de boa fé e de bom patriotismo e não com os traidores que nos querem corromper, e senão vejamos as seguintes palavras do abade Antonio Pinto de Paiva Freixo, escritas em officio dirigido ao administrador do concelho de Gaia:

«Nós os padres, chegamos a ter nostalgia da Patria, na propria Patria e muitos haverá (e eu sou um d'elles) que de bom grado trocariam por outra nacionalidade que lhes fosse mãe, embora adótiva, áquella que sendo sua legitima e verdadeira, passou a tratá-los como madrastra. Ocorre-me a proposito aquella tão conhecida frase do imperador Augusto, quando teve conhecimento das atrocidades praticadas por Herodes, que como V. Ex.^{ma} sabem não poupou os proprios filhos. Vale mais ser... (um certo bicho) que filho de Herodes. Adaptando ao nosso caso aquelle dito do grande imperador, direi que é mil vezes preferível viver na Hontentoria ou na Papuasias sob o chicote do negreiro ou arrastado á grilheta do forçado do que nos braços desta mãe patria que nos estreita contra o peito, não para nos cobrir de beijos mas para nos torturar ás dentadas.»

Agora comparem estas indignas e injuriosas palavras com o que eles

pedem e digam se são ou não vendidos que querem corromper.

Natal.

“GILVÁZ,”

Quando será que os pequenos se convencerão de que na sociedade actual nada mais representam que uma escada, exclusivamente utilizada pelos felizes?

Tarde será, mas não de convencer-se dessa verdade.

Nada, decididamente nada ha como a experiencia e a pratica para se colherem os ensinamentos indispensaveis para bem se corrigir a orientação na restante vida futura.

Quando toda essa enorme legião de famintos, que constituem a plebe tiver conhecimento geral de que está sendo lograda ha muitos seculos e tente no primeiro esfregar de olhos, despertar do letargo em que está mergulhada, despontando lhe dos labios meio resequidos a palavra emancipação, não mais lançará

foguetes e soltará vivas a este ou áquelle, por ter obtido triumpho nas eleições do seu partido; não mais fará côro no tradicional vivório da recécção dos ministros; não mais acompanhará manifestações de simpatia ou desagrado a este ou áquelle; não mais tomará parte em revoltas internas de qualquer character, em cujos despojos se não identifica um só cadaver de feliz; não mais deixará arrastar-se para conspirações, mórmente golpes de estado, porque dos protagonistas de uns e outros só os párias são ergastulados, como acaba de succeder numa tentativa de golpe de estado recente, em que foram presos sómente sargentos, ficando os **graúdos** em liberdade, segundo resaram alguns periodicos.

Cautela, pois, pequenos, que eles sobem a cavalgar o pobre **Zé**, á custa do vosso esforço tornado sangue, sacrificio e abnegação, lançando seguidamente ao monturo, a escada porque prepararam!

Cautela, pois, que só por mão de **rufia** é vibrado com arte o gilváz!

ARGUS BEIRÃO.

PREITO DE ADMIRAÇÃO

A' Ex.^{ma} Senhora D. Francisca do Carmo Costa

Vinde, ó musa, inspirar minha canção
Para ver se assim tenho sentimento,
P'ra poder dedicar terno lamento
A alguém que cativou meu coração.

Não ha estrela assim no firmamento
Com um tal poder de fascinação!
As mais vaidosas flores em botão
Murchariam se a vissem um momento!

Jamais as philomelas trinarium,
Os mais cruéis leões se domariam,
Se ouvissem sua meiga e terna voz,

Como eu ouvi naquela noite linda!
Da qual guardo no peito grande e infinda
Recordação tão pura como vós!

Tavira.

Luiz Palma Vaz

MAIS UMA TRANSCRIÇÃO

UM SARGENTO TALASSA

Por determinação da Secretaria da Guerra foi ha pouco licenciado das fileiras do ativo do exercito, «por não convir ao serviço», o 2.^o sargento Rafael Augusto de Sousa Ribeiro, que agora pretende armar em vitima dizendo-se perseguido por haver escrito num jornal alguns artigos em defeza da classe dos sargentos e querendo levar os seus camaradas a abrirem subscrições a seu favor nos quartéis.

Afim de que os sargentos de infantaria 17 não sejam ludibriados e tenham perfeito conhecimento do **republicanismo** do seu camarada Rafael Ribeiro, vamos transcrever uma moção por ele apresentada numa reunião da extinta Associação Esco-

lar D. Manuel II, da Ajnda em 21 de março de 1910. Ei-la:

MOÇÃO

«Sendo o dia d'hoje 21 de março, um dia que faz recordar a todos os bons e leaes monarchicos, e a todos os patriotas, a saudosa memoria de S. A. Real, o Príncipe D. Luiz Filipe, barbaramente assassinado na tarde lutuosa de 1 de fevereiro de 1908, bem como seu augusto pae, S. M. El-Rei D. Carlos, por um despota, que, para vergonha de todos os portuguezes, tambem era portuguez, cujo assassino collocou a nação portugueza numa situação bem vergonhosa perante as outras nações, felizmente já desfeita com a gloriosa viagem de S. M. El-Rei D. Manuel, a Associação Escolar D. Manuel 2.^o, protestando mais uma vez contra o tal atentado, lavra na sua respetiva acta, um voto de sentimento, comemorando assim a data d'hoje.

Sala das Sessões da Associação Escolar D. Manuel 2.^o, 21 de março de 1910. — *Rafael Augusto de Sousa Ribeiro.*»

Al tem os sargentos de infantaria 17 a biografia do seu camarada Rafael Ribeiro, feita por ele proprio. Não se esqueçam de o auxiliar...

N. R.—Fazemos esta transcrição como a melhor resposta ás ferroadas que o sr. Rafael Ribeiro nos dirigiu num seu artigo publicado no jornal *O Sargento*.

Assim o quiz...

Agora o sr. Rafael Ribeiro

Belem, 7 de novembro de 1912.

Sr. proprietario da *Voz do Sargento*.

Como hoje fui informado por um amigo que o n.^o 92 do seu jornal respeitante a 6 do corrente, num éco sob o tituló — *Atenção* — chama a atenção dos seus leitores para uma transcrição que no proximo numero faz de um documento denominado — *Um sargento talassa* — que veio inserto no jornal *O Porvir*, de Beja, referente a 21 de setembro ultimo, e como esse documento se refere á minha pessoa, como diz no seu éco — *Atenção*, — da sua lealdade jornalística, espero que tambem no proximo numero, a seguir á tal transcrição, insira a carta que abaixo transcrevo que em 24 do mez findo, dirigi ao director do jornal *O Porvir*, isto se acaso trancrever d'este jornal a noticia tal qual appareceu no *Porvir*.

De contrario, se se limitar a transcrever a para mim já celebre moção, então acho desnecessario que publique esta carta, porque as explicações a este respeito já foram dadas quando um jornal de Lisboa publicou a referida moção.

Sem mais incomodo sou

Rafael Ribeiro.

Segue a carta:

Belem, 24 de outubro de 1912.

Sr. director do jornal *O Porvir*:

Em resposta á passagem — *Um sargento talassa* — inserta no seu jornal n.^o 337 correspondente a 21 de setembro findo, que diz respeito á minha pessoa, e que só hontem me foi dado vêr por mão amiga me ter feito chegar ás mãos esse numero do jornal, limito-me unicamente a dizer que não pretendo, nem jámais pretenderei armar em vitima d'aquillo que realmente não sou, afim de levar os meus camaradas a abrirem subscrições a meu favor, nem tão pouco está no meu feito, por não se coadunar com o meu modo de proceder, o ludibriar quem quer que seja e a respeito do que quer seja.

Ludibriado foi v. ex.^a, mas não por mim, como dentro de pouco tempo terá occasião de verificar.

Como recorri para o Supremo Tribunal Administrativo da determinação que me mandou licenciar, recurso que está correndo os seus devidos tramites, espero mui brevemente mandar-lhe do acordam que foi proferido para se vêr então a causa verdadeira porque me licenciaram e para mostrar, d'uma maneira mais cabal, que não pretendo armar em vitima, nem ludibriar os

meus camaradas, a respeito do meu licenciamento.

Se não o informo já por qual motivo positivo eu fui licenciado, isto para melhor ilucidação dos meus camaradas de infantaria n.º 17, para os quaes prepositadamente foi escrita a tal passagem, é porque não o conheço, visto que a ordem da Secretaria da Guerra que me mandou licenciar se limitou a dizer que era por não convir ao serviço.

Não entanto, desde já posso dizer que extra oficialmente e de fonte segura — visto que me foi dito por um republicano de cotação que também é maçom, e, também pelo antigo secretario dos drs. Afonso Costa e Antonio Macieira, que ouviu ao actual ministro da guerra quando a meu respeito falou na minha pessoa — sei que a minha não conveniencia e logo por conseguinte o meu licenciamento, parte dos artigos que desde a implantação da Republica, tenho vindo escrevendo no jornal *O Sargento*, artigos que assinava com o meu nome, e por constar que era eu o redactor de todos os artigos que a respeito de sargentos appareciam escritos no jornal *A Alvorada*, de Lisboa.

Veremos, pois, o que diz s. ex.º o ministro da guerra, visto que ha de ser ouvido sobre o assunto do meu recurso.

Então, só então, se poderá dizer com verdade se eu pretendo armar em vitima e se desejo ludibriar alguém.

Faço justiça em acreditar que v. ex.º fui ludibriado na sua boa fé por alguém que vendo que o seu jornal era orgão de propaganda democratica, entendeu que essa propaganda devia ser feita de forma a dar razão a Filadelfie e o Oxunstiern; por isso lamentando que esse alguém desprezasse tão malevolamente as regras da civilidade, deturpando os factos, com o unico fim, decerto, de me colocar mal perante os meus camaradas que, diga-se de passagem, com raras excções, se tem mostrado solidarios comigo, já enviando-me cartas nesse sentido, já concorrendo com auxilios monetarios, espero da sua lealdade que publique esta minha carta no proximo numero do seu jornal.

Sem mais, sou

De v. ex.º

Rafael Ribeiro.

N. R. — Cremos ser desnecessario chamar a atenção dos nossos leitores, para a differença que se nota na maneira como principia e termina a carta que nos é dirigida e a que foi enviada ao nosso colega *O Porvir*.

IDEALISMO

Ex.º sr. D. Francisco do Carmo Costa.

Pobre flôr!... ai!... tão nova e já caiste desfolhada no sepulchro!... Nesta quadra da vida em que os sonhos côr de rosa vinham engrinaldar tuas faces côr de jasmim; nesta quadra em que teu coração começava a sonhar venturas, veiu a morte e desfolhou te, como os ventos do Aquilão desfolham as rosas; — que ainda ha pouco pareciam cheias de viço e frescura.

Pobre flôr!... Sim flôr!... tu eras a mais bela e meiga rosa dos jardins da vida.

Parece-me que estou fitando o teu perfil.

Parece-me que estou ouvindo tuas palavras meigas e sonoras, que comparava com o meigo trinar das philomelas.

Descança em paz, é o que deseja quem era teu amigo, e quem virá depôr sobre teu tumulo — de vez em quando — um ramo de saudades.

Tavira.

Luiç Palma Vaz.

“A IMPEDIMENTA,”

O artigo publicado no nosso ultimo numero com o titulo que nos serve de epigrafe, e que se referia á organização e conservação das bandas de musica, mereceu o protesto injustificado de um ou dois nossos assinantes daquela classe e nomeadamente o de um engraçado, que não só devolveu á redacção o seu jornal, como sem procuração e querendo tomar ares de dirigente, devolveu também os de um ou dois seus camaradas.

Com a publicação do artigo em questão, nós não contrariámos sequer ao de leve o lema «defensor dos interesses dos sargentos e equiparados do exercito e da armada» porque se rege e tem regido o nosso jornal.

Perfilhamos o expellido no referido artigo, porque em nada contraria a aspiração da digna classe musical e dos admiradores da arte de Mozart, frisando o nosso colaborador tão sómente a desorientação dos influentes politicos, que pedem musica e mais musica, descurando por completo todas as imperiosas necessidades que no actual momento assoberbam a Patria, como demonstra e inumera na parte ultima do artigo.

Como sabem, num jornal orgão de classe, aceitam-se e discutem-se todas as opiniões e assuntos que magnamente interessam a classe e seus equiparados.

O Impedimenta nada que os possa agastar nós lhe encontramos, mas se o tivesse, da discussão nasce a luz e como as colunas do nosso jornal são dos assinantes que torem razoaveis...

Plinio Ventura

Requeru para ser admitido ao concurso de facultativos do ultramar, este nosso amigo e inteligente colaborador.

NOTICIAS MILITARES

Recolheu de Lisboa, onde foi em serviço, o tenente de cavalaria e do serviço do estado maior, sr. Judice de Abreu Campos.

— Recolheu de Condeixa-a Nova, onde foi em serviço da comissão de explosivos, o coronel de artilheria, sr. Decio da Rocha Dantas.

— Pela junta hospitalar d'inspecção reunida na segunda feira no hospital militar desta cidade, foi julgado apto para o serviço da reserva o tenente-coronel reformado sr. Francisco Gonçalves Rebordão, e arbitrados 30 dias de licença ao capitão do estado maior d'infanteria sr. João Maria Teles de Sampaio Rio.

— Tem licença para gosar em Lisboa 20 dias de licença, que lhe foram arbitrados pela junta hospitalar d'inspecção, o major d'infanteria 27 José Augusto Ferreira Lopes.

— Apresentou-se nesta cidade, por ter sido colocado em infantaria 35, o alferes d'infanteria 10, sr. Bernardino Mota Tudela de Vasconcelos.

— Requeru para ir servir nas Colonias o tenente adjunto á inspecção d'engenharia da 5.ª divisão, sr. José Maria da Silva Figueiredo.

— Pela secretaria da guerra foi deferido o requerimento do capitão medico sr. José Afonso Baeta Neves, do 2.º grupo de companhias de saude, que pediu 90 dias de licença para ir ao estrangeiro.

— Pelo ministerio da guerra foi mandada marchar para Elvas, onde fica destacada, a banda de musica d'infanteria 35.

— Apresentou-se na inspecção das fortificações da 5.ª divisão, de licença disciplinar, o capitão d'engenharia, sr. José Marques Pereira Barata.

— Foi determinado que um dos medicos militares da guarnição de Aveiro se apresente em 19 do corrente, na Escola de applicação de engenharia.

— Foram concedidos 30 dias de licença disciplinar ao capitão d'infanteria n.º 24 sr. Viegas Junior e tenente d'infanteria 23 sr. Mario Gomes da Silva.

— Pédiu para concorrer ao concurso de lente na escola de guerra o tenente da administração militar em serviço no regimento de cavalaria 8, sr. Carlos Gomes Teixeira.

— Foi mandado sustar o desconto que era feito ás praças de pret, para a Fraternidade Militar.

— Apresentou-se no regimento de infantaria 23, onde foi colocado, o sargento ajudante sr. Germaniano Saraiva.

Balancete de 1 a 31 de outubro de 1912

DESPEZA

Composição e impressão dos n.ºs 88 a 92	31:800
Expediente gasto com os mesmos numeros	12:500
Cobrança postal	16:320
Selo de annuncios	500
Saldo negativo do antecedente	75:280
Soma	136:400

RECEITA

Recebido como consta do n.º 89	6:000
Do n.º 92	66:000
Do n.º 93	17:100
Anuncios: H. Calleya	950
Ribeiro Machado	1:000
Drogaria Vilaça	2:000
Soma	94:250
Saldo negativo	42:150
Soma	136:400

Henrique Herminio Branco

Foi deferido o requerimento em que este nosso amigo pedia passagem ao regimento d'infanteria 23.

Folgamos bastante por termos no nosso seio este estrenuo companheiro de trabalho, que ha bastante tempo nos vem ajudando nas lides jornalisticas.

Partida

A seu pedido, segue para Loanda o nosso amigo e assinante sr. Francisco Carreira, 2.º de infantaria 14, a quem desejamos uma feliz viagem e inumeras felicidades.

Resultado da nossa cobrança

Procedencia	A receber	Recebido
Transporte ..	2042130	692230
Beja	525	—
Elvas	22775	12160
Funchal	42725	—
Mangualde	900	870
Penafiel	12800	—
Porto	152600	42730
Thomar	12675	—
Soma	2312930	752990

N. R. — Nas quantias recebidas está descontado o premio do vale do correio.

PLACARD

Pagaram a sua assinatura até aos n.ºs que lhes vão indicados; até ao

N.º 91

Os srs. Vicente José Pires Antunes, 1.º sargento d'infantaria n.º 12; dr. Diogo Cortez, Goes; Dimas de Jesus da Silva, 1.º sargento d'infantaria n.º 17; Manuel Antonio Correia, 1.º sargento da guarda republicana, Beja; Manuel Vaz, 2.º sargento da guarda fiscal, Tavira; Antonio da Maia, 2.º sargento reformado, Aveiro; Artur Candeias, carpinteiro d'infantaria 24; Leonardo de Campos d'Almeida, 2.º sargento d'infantaria 24; Antonio Lopes de Azevedo, 1.º sargento do presidio militar, Santarem; Albano da Cruz, 2.º sargento de metralhadoras, Valença; até ao

N.º 92

1.º sargento Pires, d'artilheria a cavallo, Queluz; Bernardino Nunes Pereira, 1.º sargento d'infantaria n.º 14; até ao

N.º 95

José Augusto Cardoso, 2.º sargento d'infantaria n.º 13; até ao

N.º 96

Inacio Chumbo, 1.º sargento d'infantaria n.º 32; Manuel Gabriel, 1.º sargento d'infantaria n.º 15; Silvestre José Barreiros, 1.º sargento de infantaria n.º 20; Honorato Borges Monteiro, 1.º sargento d'infantaria n.º 21; José Serra da Silva, 1.º sargento d'infantaria n.º 17; até ao

N.º 97

José d'Araujo, 2.º sargento d'infantaria, Loanda; David dos Santos, 2.º sargento d'infantaria 12; até aa

N.º 98

H. dos Santos Calleya, Lisboa.

AVISO

Prevenimos os nossos assinantes que deixaram devolver os seus recibos **sem serem pagos**, que mais uma vez e ultima os vamos ilucidar sobre a importancia do seu debito, sendo-nos licito depois publicar os seus nomes, para assim provarmos a razão porque não podemos beneficiar as viuvas dos nossos camaradas que anciosamente esperam o nosso prometido auxilio.

A queles que prometeram pagar no fim do mez, temos a declarar que até hoje ainda não recebemos quantia alguma.

Haveria esquecimento?

TIPOGRAFIA DO JORNAL DE COIMBRA

25, 27 - Rua do Pateo da Inquisição - 29, 31

Nesta tipografia, montada com materias modernas, executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos tipograficos, taes como: - Memorias, memorandums, circulares, prospectos, programas, recibos, faturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mapas, papel timbrado, envelopes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc., etc.

**COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO DE JORNALIS
BILHETES DE VISITA
PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO
PREÇOS MODICOS
TRABALHOS A CÔRES**

**DROGARIA VILLAÇA
COIMBRA**
Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.
Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.
Deposito de aguas medicinaes.

BONETS
Modelo francez
Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confeccão e panos finissimos, são os da casa
H. Santos Calleya
Rua de Santo Antão, 82
Proximo ao Colyseu - LISBOA

METHODO JOÃO DE DEUS
Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.
Lições nos domicilios dos interessados. - Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. - UM OFFICIAL DO EXERCITO.

ALFAIATE
Antonio Ribeiro das Neves Machado
Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro
58 - RUA DA SOPHIA - 61
COIMBRA
Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.
Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.
Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.
Especialidade em varinos d'Aveiro
Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra
Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra - **mais de quatro mil endereços** - profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, comerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párcos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.
Preço, 500 réis
Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO
Arimética, Sistema métrico e Geometria
PARA AS ESCOLAS PRIMARIAS
Em harmonia com os actuaes programas de instrução primária
POR
Ricardo Dinis de Carvalho
Amanuense da Secretaria da Inspeccão da 2.ª Circunscricção Escolar, professor diplomado de instrução primária e sócio honorario de El Fomento de Las Artes Madrid
Décima sétima edição
ILUSTRADA COM GRAVURAS
e o novo sistema monetário em escudos e centavos
Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO
Brochado **160 réis**
Cartonado **210**
A' venda na livraria F. FRANÇA AMADO
Livreiro - editor
115 - Rua Ferreira Borges - 123
COIMBRA

Novidade sensacional
TEIXEIRA DE SOUSA
Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depois a monarchia
2 GROSSOS VOLUMES, 1\$600 REIS
Remessas franco de porte contra vale do correio.
Livraria Editora - Moura Marques & Paraizos - 19, Largo Miguel Bombarda, 25 - COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa
PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO
EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS
Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.
Codigo do Registo Civil, 200 réis
Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.
Lei da Instrução Primaria, 100 réis.
Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.
Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.
Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.
Bases da Ortografia Portuguesa, 100 réis.

BONETS
ARTIGOS MILITARES
H. SANTOS CALLEYA
Rua de Santo Antão, 82
Proximo ao Colyseu LISBOA
Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cábedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).
Botões dourados. - Preços limitadissimos.

O FRANCEZ
Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2\$500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 400 réis. O MESTRE POPUIAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregal de Baixo, 31, 2.º - Lisboa. Cuidado com as falsificações.



A Voz do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA
Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA FRANCISCO FERRER, N.º 94

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600 reis
Numero avulso, 30 reis

ANNUNCIOS - Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

DEFEZA NACIONAL

Ensinem-se os povos ruraes a amar a Patria e diga-se-lhe depois que ela periga no atual momento, e ele cooperará espontanea e conscientemente na sua defeza

Está preocupando uma boa parte da nação portugueza a momentosa questão da Defeza Nacional.

A ela dedicam os jornais diarios extensas colunas de prosa, em que pretendem demonstrar ao povo portuguez, a inadiavel urgência de se cuidar a serio e de vez de tão importantissimo assunto, procurando por todos os meios chamar-o á espontanea cooperação em tão mobilissima tarefa.

Essa boa parte da Nação, tem correspondido condignamente a esse patriótico apelo, isto pela cifra já respeitavel, atingida por algumas subscrições, mórmente as do Directorio, *Seculo* e *Mundo*.

Mas porque não poderei dizer que toda a nação, ou todo o povo, corresponde a esse apelo, em vez de uma boa parte? E' triste dizel-o, mas é uma verdade irrefutavel.

Essa parte da nação ou povo que eu excludo, sabe sómente que lhe pedem dinheiro para navios e para aeroplanos; sabe que lhe pedem o sacrificio voluntario de alguns miseros cobres, que certamente lhe vão cereear os já parcos recursos para sua subsistencia e dos seus, e nada mais sabe, ignora tudo, daquí resulta consequente a sua abstenção teimosa, mas desculpavel, porque é ingenua.

Se os que pedem, dissessem a essa parte do povo, que o progresso e autonomia da Patria periga seriamente, porque hoje mais que nunca, o nosso vasto dominio colonial constitue o sonho dourado dos nossos maiores inimigos, e a união ibera o desejo ardente da nossa incomoda vizinha; se lhe dissessem que á sua segurança pessoal corre grave risco, porque quando em casa não houver pão, o socêgo interno deve ser pouco; se lhe dissessem que a honra que seus avós lhe

legaram, se afundará num incmensuravel abismo de lama, se alguma fatalidade nos acontecer; se lhe dissessem que seus filhos e netos, ante a sua renuncia ao sacrificio que agora se pede, lhes amaldiçoariam as cinzas, se para sempre os deixassem escravizados; e, finalmente, se lhe dissessem e ensinassem tudo quanto fosse reputado indispensavel, como elemento de real persuasão, á convicção nitida e clara de que não é para exteriorisar abastanças, mas sim para o fim tão util quão proveitoso, de assegurar a integridade da Patria e para a sempiterna conservação do nome de portuguezes, então sim, concorreria, mas ignorando tudo é impossivel, porque habituado com a *outra senhora* a ser descaradamente roubado, julga que lhe querem arrancar a pele, ultimo farrapo do seu espolio.

Quando essa parte do povo portuguez (povos ruraes) souber, por lhe terem ensinado, tudo o que acima deixo apontado, depois de, por meio de uma intensa e proficua propáganda a favor da Defeza Nacional, se lhes ter despertado o verdadeiro amor patrio, a natural idolatria pelo torrão que os viu nascer e medrar, que se sintam orgulhosos de pertencer a raça de tão gloriosas tradições, então sim, podem exigir dele todos os sacrificios, compatíveis com a possibilidade humana, que ele, dócil e generoso por condição, submeter-se ha de bom grado a todos os holocaustos, a fim de assegurar a indemnidade da sua Patria.

Essa propáganda, cujo fim e utilidade desnecessario se torna encarecer, podia ser levada a efeito por um agregado de subcomissões, organizadas nas cidades e vilas e diretamente orientadas pela grande Comissão de propáganda a favor da defeza

nacional, ha pouco organizada em Lisboa, de que fariam parte elementos militares e civis e que nos domingos iriam a todas as povoações limitrofes, realizar conferencias a favor da defeza nacional.

Só uma intensa propáganda, criteriosamente orientada, poderá chamar os povos ruraes á cooperação espontanea e consciente na defeza da Patria.

Argus Beirão.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos assinantes e colaboradores, que mudámos a nossa Redacção e Administração para a rua Francisco Ferrer, n.º 94; para onde deve ser enviada, de hoje em diante, toda a correspondencia.

Escolas regimentais

Urge que se defina esta questão

Nem só do pão vive o homem. Uma coisa ha, que ocupa um lugar primacial na alimentação da Intellectualidade humana.

Essa coisa é a instrução, alicerce basilar de todo o progresso da humanidade.

Danton disse: «Depois do pão, a instrução é a primeira necessidade».

Numa Republica democratica, criteriosamente orientada, cujos processos não queiram ficar a perder de vista, duas coisas, sómente, devem preocupar as cerebrações de que ella se componha, que são o pão e a instrução dos povos, cujos dois elementos trazem necessaria e consequentemente a completa satisfação de todas as necessidades.

Não pode ser mais desolador o numero de analfabetos que as ultimas estatisticas acusam e continua rão a acusar, se o silencio dos altos pincares governativos, a tal respeito, por misericordia, se não quebrar.

Ha por esse paiz fóra numerosissimas povoações, onde o camartelo da instrução, tem um papel preponderante a desempenhar.

Os seus poderosos efeitos não de sentir-se, já arrancando ás densas trevas do analfabetismo, milhares de cerebros, já, com isso, predispondo o paiz a vanguardiar a senda do progresso, alijando-se assim da pe-

sada carga de apatia ou esmorecimento criminoso, que ha longos anos o tem vergado.

Cá e lá, mas fadas ha. As escolas regimentais, ha dois anos que se encontram fechadas, com grave prejuizo para os militares que, fazendo da carreira das armas seu ganha pão, não podem ali adquirir a instrução que lhes garanta o acesso.

Com isto, sofrem também aqueles que passando transitoriamente pelas fileiras do exercito, bebiam nella a primeira gota desse balsamo revivificador que se chama a instrução. Todavia as classes que, com tal descuido, que outra coisa não é mais, tem sido prejudicadas, são os sargentos e cabos.

Ha dois anos a esta parte, como já acentuei, nenhum cabo nem sargento se tem habilitado com o respectivo curso.

Todavia os concursos para o posto de acesso de ambas as classes, tem-se efetuado, com gravissimo prejuizo daqueles que, por falta de abertura das escolas regimentais, não possuem o respectivo curso de classe.

Ha dias o jornal *O Seculo*, numa local com o título *As escolas regimentais*, offizia que tendo procurado saber a razão porque as escolas regimentais não abriam, lhe foi dito terem terminado essas escolas regimentais, por motivo da reorganização do exercito.

Que os soldados seriam promovidos a cabos, conforme as vagas e logo que soubessem ler, escrever e contar corretamente.

A fim de serem promovidos a sargentos, os cabos estudam, por iniciativa propria, e quando se reconhecerem aptos para exame, apresentam-se aos concursos trimestrais, sendo promovidos tambem a medida que se derem as vagas.

De duas uma: ou o jornal *O Seculo* foi mal informado, ou, evidentemente, o espirito da reorganização do exercito, não obedece a semelhante criterio, ou então, a ter sido o *Seculo* bem informado, houve um lamentavel esquecimento ou o quer que fosse da parte não sei de quem.

Porque não se comprehende, e isto é intuitivo, que sendo esse o espirito da reorganização do exercito, não tivessem sido admitidos aos recentes concursos, os cabos e sargentos que, não tendo o respectivo curso de habilitação, se encontram todavia habilitados.

Seja porém como for, se, efetivamente, o espirito da reorganização do exercito, foi o apresentado pelo *Seculo*, é da mais inteira justiça, reparar sem delongas, tão lamentavel esquecimento.

A. B.

O BRAVO REI

Após os gritos cruciantes de raiva e de sofrimento nas margens do Salado, as hossanas nupciais de Constança, que ao finalizar o ano de 1340 se ajuntava como procreadora no leito, ao herdeiro do reino português.

Mais como mulher e... fêmea a recebeu ele; pois que bem longe andava o seu coração dos negócios políticos a que seu pai se entregara e de que elle fora, como bom filho, o régio cúmplice. Logo no começo, o belo infante o deu a conhecer; porém, como homem bem instruído do seu tempo, escondendo as agruras do coração, os seus pensamentos de falso enamorado, nunca da sua boca ou das suas ações se revelava a fadiga ou o aborrecimento que lhe causava a belêza miúdinha de sua mulher, que o amava mais como respeitosa amiga que como dulcíssima amante.

De mais o infante media e pesava sempre a condição fundamental do seu consórcio: amante alguma, enquanto Constança fosse apta para conceber; recolhia-se no isolamento propício aos trovadores; em suma, matava com feroz energia o sonho carinhoso que lhe trazia vivo o coração de vinte e cinco anos a cuidar no amor duma formosa mulher que nunca vira, mas que dentro em sua alma vivia a realidade da sua aspiração, de todo o seu desejo.

O sonho porém realizou-se; a infeliz esposa lho deu a conhecer? Constança passando da clausura da casa de seu pai, ao férreo despotismo de Afonso XI, viera sem saber, lançar-se no âmbito desguarido e frio dos paços de seu sógro Afonso IV. Como recordações benéficas do passado, restavam-lhe as lembranças da sua meninice sob o carinhoso amor duma velha mãe e a amizade leal e desinteressada duma linda amiga, mais nova, rica e nobre como ella: Ignês de Castro. Lembrando-se dela, chamou-a para junto de si.

A formosa castelhana veiu; e quando ao portal da nau que a trouxera a Lisboa, assomou a gentil belêza da sua carne, o infante que a fôra buscar conjuntamente com sua mulher, sentiu no deslumbramento dos seus olhos a grandêza real e poderosa do seu sonhado amor.

Ao começo o medo e o receio de do escândalo soffream o desejo de lhe falar. De mais Ignês pela sua deliciosa belêza casava a mais sacrosanta virtude. No paço, onde vivia com as damas de Constança, era a verdadeira rainha da formosura e de tal lhe chamaram *colo de garça*.

Mas o mesmo amor no infante, augmentava com o desejo da posse; e, esquecendo tudo, contratos e esposas, cercou-a de atencões, assediava continua e abertamente, mostrando-lhe a grandêza do seu amor. Ignês resistiu; quis fugir; mas, como perfumada flor, deixou-se colher, e amando muito esqueceu a traição a Constança.

Bem depressa o soube o rei, que na rudêza do seu coração imaginou acabar com a mancebia. Ao primeiro neto, Luis, impôs Ignês por madrinha, impedindo assim o amor dos dois namorados, tornando-se compadres, excomungados pela lei canónica.

Mas o novo infante morreu, succedendo a mesmo a sua irmã Maria. Por fim, quando nasceu Fernando, a infeliz Constança amargurando-se mais e mais... morreu, e os dois amantes, tornados libertos pela brutalidade da morte da infanta, vieram domiciliar-se em uma das moradias que junto ao convento de Santa Clara a velha de Coimbra a santa Isabel mandara construir, a descantar das romagens ao apóstolo Santiago de Galiza, os peregrinos que continuamente perpassavam do sul a norte.

regimentaria (Continua.)

ERA DE PREVER

A nossa transcrição d' *O Porvir* influiu de tal forma no animo da féra reaccionaria, que o que nos valeu foi estarmos bastante longe, porque caso contrario seriamos com certeza trucidados á dentada, coice e outras iras de que o bruto é capaz.

Alcunha-nos de Homem Christo, como desabafo á sua bilis peçonhenta, não avaliando a grande diferença que vae na sua apreciação, porque Homem Christo insultava os grandes da Republica, de que se dizia correligionario, e nós desmascarámos os reaccionarios que agora se dizem victimas da Republica.

Não possuímos a vaidade da grande intelligencia que essa entidade tanto apregõa, mas dentro da nossa modestia sempre teremos a força precisa para repellar qualquer afronta sem nos ser preciso recorrer ao insulto.

Mente como um negro, ou como um monarchico, como muito bem disse ainda ha pouco o nosso illustre colaborador Manuel Antonio Vieira, afirmando que nós enviámos aos camaradas de Africa a circular em que diziamos que o sr. ministro da guerra opinou pela transformação

do *Sergento* em *Voz do Sergento*. Sempre os mesmos, estes tartufos!

Tudo lhes serve para a calunia! Poderiamos seguir outros tramites para compellir á obediencia estes irracionaes, mas basta-nos lembrar aqui a circular que enviámos aos nossos camaradas para a propaganda do nosso tão invejado jornal. Eis-a:

Camaradas:

No vasto campo do jornalismo mais um lutador vae surgir: *A Voz do Sergento*, que no proximo dia 31 será dado á publicidade.

Propõe-se elle defender os interesses e direitos da classe dos *sargentos e equiparados, do exercito e da armada*, e a pugnar por tudo quanto seja Belo e Justo.

Procuraremos no nosso programa dar ao jornal, não só uma feição puramente defensora das aludidas classes, como tambem tornal-o util e agradável, com nma leitura que instrua e não enfade.

Os motivos da aparição de *A Voz do Sergento* são o ter o jornal *O Sergento*, de que o nosso director era editor, tomado uma orientação contraria ao nosso modo de vêr, porquanto se estavam publicando nele artigos sem serem submetidos

á sua revisão, alguns dos quaes atinentes a semear a discordia entre a classe que se propoz defender.

A divisa do nosso jornal será: *Pela Patria e pela Republica*, ficando assim definido o nosso dever e sentir.

Será, pois, o nosso programa o seguinte:

Interesses das classes acima indicadas; Defesa das instituições; Uma secção instrutiva; Uma secção litteraria; Uma secção historica; Noticias militares do continente e ultramar; Noticias locais; Placard; Anuncios.

E os nossos fins serão:

1.º — Proteger os filhos dos sargentos e equiparados, falecidos, fornecendo lhes livros para poderem estudar, quando tres assinantes atestem que eles não possuem meios para os adquirir.

Forneceremos os livros e não a sua importancia, em virtude de estarmos num meio academico, onde com mais facilidade os poderemos obter em condições vantajosas.

2.º — Proteger as viuvas dos sargentos e seus equiparados, distribuindo lhes pensões segundo os lucros e pela ordem de inscrição, que irá sendo feita á medida que forem sendo recebidas propostas.

Estas serão feitas por tres assinantes.

Mensalmente será publicado um balancete do recebido e do despendido.

E para que tudo possamos conseguir, contamos desde já com a vossa boa vontade que se traduzirá na coadjuyação que nos dispensardes com a vossa colaboração e assinatura.

Coimbra, 13 de Janeiro de 1911.

Ahi fica desfeita a calunia e em pazamos qualquer pulha a que apresente a outra circular a que o redator do *Sergento* tão criminosamente se refere.

Olhe, sr. Rafael Pinheiro, o pasquim não fez a transcrição do *Porvir* com o fim de o cognominar talassá, creia, porque tal ipeteto, ainda que feles, talvez lhe impressisse um pouco mais de nobreza de carater, o pasquim teve em vista mais alguma coisa, pensou ao contrario de forma bem diversa daquela que o sr. Rafael Ribeiro pensou.

A transcrição teve principalmente em vista ferretar a quente no pêlo do genuino prototipo de camaleão, o estigma indelevel da hipocrisia, personificada num bandalho vaidoso de alto quilate.

O «talassá» é mais alguma coisa do que o sr. Rafael Ribeiro. O «talassá» sincero ou fingido, desinteressado ou interesseiro, defende um só ideal, embora mau e retrogrado, mas defende só um, não segue como o sr. Rafael Ribeiro, ao sabor da corrente e como as velas dos barcos frageis, que quer apanhem ou não «nortada» segue sempre o rumo dos ventos, pelo que perto ou longe sossobram na lama do seu egoismo vaidoso.

O sr. Rafael Ribeiro defendeu mais, defendeu dois e defenderia tantos quantos lhe apparecessem, o que não devia fazer, porque quem muitos burros toca, algum fica para trás.

O sr. Rafael Ribeiro, monarchico sincero como se confessa na «Moção do Cent. o D. Manuel II.» eralhe mais airoso receber indifferente o novo regimen, visto que não é rico (o que ignoramos) porque se o

fosse, tinha a obrigação moral de o receber de mau grado, não alardeando serviços com a pretensão de ser tomado por vitima.

Agora ser sincero monarchico e ser sincero republicano, tudo ao mesmo tempo, não pode ser, sr. Rafael Ribeiro, não vê que é um contraste flagrantissimo?

Então o seu pelo toma ou não toma a côr do logar em que se encontra, da situação que ocupa e dos desejos vaidosos que o alimentam?

Tudo pseudismo!

Tudo mentira!

Sempre hipocrisia!

Todo o ser vivente é suscetivel de possuir vaidade. Nós, neste momento em que o sr. Rafael Ribeiro nos insulta suezmente, sentimo-nos orgulhosos, porque certamente não colheu na mimosa horta do nosso passado, presente e futuro, todos os nomes feios que nos chama, foi buscá-os ao dicionario, podia chamar-nos muito mais, porque o nosso vocabulario tambem é rico em termos de arriero de que o sr. Rafael se serve.

E ponto final, porque o jornal não foi creado para polemicas desta ordem, nem tão pouco vale a pena queimar cera com ruins defuntos, assim como nunca tivemos o arrojo de nos banquetearmos á beira de cadáveres de pessoas de familia.

Aniversarios jornalisticos

Entrou no 4.º ano da sua publicação o nosso colega *O Eco de Extremoz*, bem redigido bi-semanario, de que é director e editor o sr. Benjamim Custodio de Brito, e administrador e proprietario o sr. Adriano da Conceição Mota; a quem por esse motivo felicitamos muito cordalmente.

Entraram respetivamente no seu 2.º e 3.º ano de publicação os nossos colegas *A Folha de Oliveira*, e o *O Intransigente*, a quem por esse motivo felicitamos muito cordalmente, desejando lhes um futuro todo preenchido de felicidades.

Palace Hotel

Abriu no domingo no magestoso edificio que o sr. Julio da Cunha Pinto possui proximo da estação desta cidade, o *Palace Hotel*, que se encontra montado com um luxo desusado em estabelecimentos de tal genero, pois possui, alem de um mobiliario de primeirissima ordem, aposentos cheios de luz e ar, e um serviço de meza deveras esmerado.

Não é exagero dizer-se que rivaliza com os bons hotéis estrangeiros.

As suas proprietarios, as ex.ªs sr.ªs D. Maria da Encarnação Alves de Sousa & Filhas os nossos cumprimentos de felicitações e os nossos agradecimentos pelo amavel convite para o jantar inaugural.

Luiz L. dos Santos Vaquinhas

Pela ultima ordem do exercito foi promovido a alferes de artilharia, este nosso velho amigo e condiscipulo da Escola Central de sargentos.

Felicitando-o pela sua promoção, d'aqui o abraçamos muito cordalmente.

Para infantaria n.º 10 foi tambem promovido a alferes, o sargento ajudante do R. I. R. n.º 35, sr. Lacerda Gomes.

LITTERATURA

NA FEIRA

Ceu d'outubro nimboso, O sol ardente
Envolve num amplexo estonteador
O vasto largo, aonde doidamente,
A multidão se agita com furor.

Dos palhaços, o impavido clamor
Se junta ao vozear, em tom fremente,
Dos feirantes. Agora a fina flôr
Da cidade, lá passa, airosamente.

Namorados dengosos, ao passar,
Permutam entre si um meigo olhar
Que é amor ou capricho ou ironia.

Co'os trajes festivos as serranitas
E as guitarras esbeltas e bonitas
Ao quadro dão a nota da poesia.

Tavira, 5 X 912.

Laurinda Serytram.

Surpreza?

Do nosso colega *O Ecco de Extremoz*, transcrevemos a seguinte noticia:

«Inesperadamente chegou a Elvas a banda de infantaria n.º 35, que ali foi collocada pelo nobre Ministro da Guerra.»

Felicito os habitantes de Elvas, que até os melhoramentos lhe apparecem inesperadamente.

Ca. pela Lusa-Athenas, succede o contrario...

UM CASO DE JUSTIÇA

Por estar perfeitamente segundo a nossa maneira de ver, transcrevemos da *Revista de Infantaria* este bocadinho de ouro:

«Não é meu intento trazer para as paginas da nossa *Revista* discussões politicas. Longe d'isso.

Mas não me sofre o animo calarme ante uma sciã que varios jornaes vem, dia a dia, dando fóros de cidade ao já chamado caso D. João d'Almeida.

Ainda hoje a *Nação* traduz e transcreve um artigo da *New Frei Presse* sobre o assunto.

Ha dias li que uma comissão de officiaes austriacos procurara alguem para lhe pedir cousas a favor do mesmo prezo, etc.

Não conheço D. João d'Almeida, nunca o vi, e não tenho odio pessoal a ninguem.

Tudo quanto sei desse homem é que, sendo portuguez e miguelista, foi para a Austria servir D. Miguel, e achou bem renegar a sua patria para se naturalisar austriaco; e d'ahi concluo que ele era mais miguelista que portuguez.

Depois, uma vez austriaco, volta a este paiz, a que deixou de pertencer, e foi prezo com armas na mão, por occasião de uma pequena invasão; é tudo.

D. João foi prezo, foi julgado por um codigo muito mais liberal que o da ultima monarchia, e, por certo, muito mais ainda que o do sr. D. Miguel.

Para nós, para uso interno, está

o caso liquidado; mas ainda ninguem perguntou a *New Frei Presse*, nem a comissão de officiaes austriacos, o que faria a grande Austria a um official estrangeiro que entrasse no seu territorio, armado, disposto a intervir na politica do Imperio?

E como ninguem perguntou, dê-me a *Revista* licença que eu aqui deixo a pergunta.

Lisboa, 4 de outubro de 1912.

M. Roque,

Capitão de infantaria.

Fez a sua apresentação no regimento de infantaria n.º 23, onde foi collocado o nosso amigo e camarada 1.º sargento João Pereira Pina.

Instrução militar preparatoria

Foram nomeados para ministrar esta instrução, os srs. tenentes Ricardo Freire dos Reis e Herculano Jorge Ferreira.

Ainda A IMPEDIMENTA

Ex.º Sr. Director

Esclareceu V. de uma maneira bem precisa a que visava o artigo *A impedimenta* publicado no jornal *A Voz do Sargento*, n.º 92.

Não era mesmo preciso mais. Mas, para que não restem algumas pontinhas de duvida eu, por minha parte, sou em dizer que, não deixando o referido jornal de sempre defender a classe dos sargentos, musicos e equiparados, não consentindo que haja o mais leve desprimôr para quem quer que seja, nas suas colunas, pugnando sempre pelos direitos adquiridos por todos os acima mencionados, tornando bem patentes os direitos a que tem jus, emfim, combatendo pelos justos interesses de todos, não distinguindo entre sargentos, musicos ou equiparados, pelo que não falta a sua missão, não deve, e creio que assim pensarão os da maioria, tambem sem distincção, de deixar de defender os altos interesses da Patria e da Republica, que, segundo a minha consciencia e o meu modo de ver, devem ser superiores aos de qualquer classe, agremiação, sociedade ou companhia.

E, se assim não fosse, pouco me recimento teria *A Voz do Sargento*, mesmo para os que fazem parte da classe que a sustenta; mesmo não valeria a pena sustentá-la, porque em lugar d'ela trabalhar com proveito, ao contrario seria prejudicial para a classe.

Creio mesmo que a missão de toda a imprensa é não crear incompatibilidades, isto no sentido bem elevado do termo.

Não houve, posto isto, intuito algum em focar por qualquer forma ou maneira, nos direitos adquiridos de quem quer que fosse e nos seus interesses com a publicação do artigo *A Impedimenta*.

E mesmo que por qualquer modo de ver o houvesse, nesta hora bem grave para a Patria Portugueza, em que todos se teem que sacrificar para o bem comum, e em que todos querem ser os primeiros a se manifestarem patriotas, certamente que não ficaria no olvido esta maxima: «O bom religioso verdadeiro, gloria van não pretende, nem dinheiro.»

Repito conforme fica já escrito, não ha nesta carta ou noutro qualquer escrito meu, o mais leve ataque seja a quem for e ao que for.

Tomar, 13 11 912.

Natal.

NOTICIAS MILITARES

Foi collocado nesta cidade, como inspetor de infantaria, da 5.ª Divisão do exercito, o coronel sr. Alfredo Frederico Xavier de Basto.

— Foi collocado na reserva, o coronel sr. Antonio Pedro da Costa Belo, inspetor de infantaria da 5.ª divisão.

— Foi collocado na 1.ª Direcção do Estado Maior do Exercito o capitão de serviço de estado maior, sub-chefe da 5.ª divisão sr. Antonio Mario Figueiredo Campos.

— Foi collocado nesta cidade como sub-chefe do estado maior da 5.ª Divisão, o capitão do serviço do estado maior, sr. Anibal Augusto Ramos de Miranda.

— Foi collocado em infantaria 23, o tenente d'infantaria 21, sr. José Augusto Simões Esteves Lopo.

— Foi collocado em infantaria 28, o alferes Mario Augusto Fonseca Barbosa, d'infantaria 13.

— Foi transferido para infantaria 35, o tenente d'infantaria 10, sr. Paulo Augusto do Rego.

— Foi nomeado comandante do R. I. R. 23, o tenente coronel do 4.º grupo de metralhadoras sr. Francisco Gomes.

— Continua fazendo serviço no Estado Maior do Exercito, o capitão do serviço do Estado Maior, sr. Anibal Augusto Ramos de Miranda, sub-chefe da 5.ª divisão.

— Pediu 30 dias de licença nos termos do regulamento disciplinar, o tenente de infantaria 24, sr. Joaquim Augusto Geraldês.

— Pela Secretaria da Guerra, foi confirmada a licença arbitrada pela junta d'inspecção, ao capitão adjunto da Inspecção d'Infantaria da 5.ª Divisão João Maria Teles de Sampaio Rio.

— Pediu para ser presente a junta hospitalar d'inspecção, o alferes d'infantaria n.º 24, sr. Gaspar Inacio Ferreira.

Foram concedidos dez dias de licença, nos termos do regulamento dos quartéis generais, ao tenente d'infantaria n.º 24, sr. Zeferino Camossa Ferraz d'Abreu, transferido ultimamente para infantaria 18.

— Foi collocado na Inspecção d'Infantaria da 2.ª Divisão do Exercito,

o coronel inspetor d'infantaria da 5.ª Divisão, sr. Francisco Maria Cabral de França.

— Pediu 20 dias de licença disciplinar, o alferes d'infantaria 35, sr. Francisco d'Oliveira Lourenço.

PLACARD

Pagaram a sua assinatura até aos n.º que lhes vão indicados, os seguintes srs: até ao

n.º 83

José Antonio Simões Neves, 2.º sargento d'infantaria 4; até ao

n.º 85

Antonio Rodrigues da Silva Braga, 1.º sargento d'infantaria 8; até ao

n.º 91

José Ramos Barata, mestre de corneteiros d'infantaria n.º 23; José Jorge Tertuliano, musico de 2.ª classe e Eduardo Augusto de Souza, musico de 3.ª classe, ambos tambem d'infantaria 23; Simão José Carneiro, 2.º sargento da guarda fiscal, Porto; Manuel Ferreira dos Santos Junior, seleiro da guarda republicana do Porto; José Joaquim, Manuel Barbosa e Antonio Pedro, todos 2.º sargentos reformados do Porto; João Alexandrino dos Santos, sargento ajudante reformado, Porto; dr. José Maria Nunes Leitão, Porto; João Herminio Barbosa, 1.º sargento, Barcelos; Joaquim José Marques, 1.º sargento d'infantaria 4; Clemente José Junçal, 1.º sargento da guarda republicana de Lisboa; José Barbosa de Campos, ajudante de notario em Soure; Alcídio Lopes d'Almeida, alferes d'infantaria n.º 20; até ao

n.º 92

Albano da Cruz, 2.º sargento do 3.º grupo de metralhadoras; até ao

n.º 94

Francisco Alves, 1.º cabo de infantaria n.º 23 e José Augusto Alves Roçadas, Lisboa; até ao

n.º 96

João Antunes Videira, sargento ajudante, Mangualde; Antonio Amaro Correia, 1.º sargento de infantaria n.º 20; até ao

n.º 97

D. Delfina da Conceição Duarte, Trêmez; até ao

n.º 104

João Alves Arezes, 2.º sargento de infantaria n.º 3; até ao

n.º 105

Francisco Carreira, 2.º sargento de infantaria n.º 14; até ao

n.º 106

Artur José d'Andrade, 1.º sargento do 7.º grupo de metralhadoras; até ao

n.º 117

Francisco Pereira, 2.º sargento do D. R. n.º 7, e até ao

n.º 265

José Maria Moreira, 1.º sargento da 9.ª companhia expedicionaria, Timor.

Coimbra-Centro

Em sinal de sentimento pelo falecimento de um socio, não se realizou no domingo o baile que estava anunciado.

TIPOGRAFIA DO JORNAL DE COIMBRA

25, 27 - Rua do Pateo da Inquisição - 29, 31

Nesta tipografia, montada com materiaes modernos, executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos tipograficos, taes como: — Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programas, recibos, faturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mapas, papel timbrado, envelopes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc., etc.

**COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO DE JORNALIS
BILHETES DE VISITA — PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO — PREÇOS MODICOS
TRABALHOS A CÔRES**

**DROGARIA VILLAÇA
COIMBRA**

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de borachã.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro
58—RUA DA SOPHIA—61
COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.
Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.
Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.
Especialidade em varinos d'Aveiro
Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industrias, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em harmonia com os actuais programas de instrução primaria

por Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscrição Escolar, professor diplomado de instrução primaria e sócio honorario de El Fomento de Las Artes Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado..... 160 réis
Cartonado..... 210

A' venda na livraria F. FRANÇA AMADO

Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 12

COIMBRA

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depôs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 1\$600 RÉIS

Remessã franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora — Moura Marques & Paraizos — 19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Codigo do Registo Civil, 200 réis

Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrução Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da orden (o melhor que se fabrica).

Bolões dourados. — Preços limitadissimos.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2\$500 réis; cada fase (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregal de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

A Voz do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA
Pela PATRIA e pela REPUBLICA



PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA FRANCISCO FERRER, N.º 94

ASSIGNATURAS Contingente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 reis
ANNUNCIOS - Preços convencionaes
Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

UMA CRUZADA

Temos aqui advogado, com humildade, sim, mas tambem com sinceridade e obdecedo a um intenso amor pela nossa independencia, a necessidade inadiavel de nos armarmos.
Ja agora voltaremos a debater no mesmo assunto e continuaremos a insistir, certos de que cumprimos alguma coisa de elevado, de grande.

Não nos fazem deter na marcha que encetamos aqueles que, uns com intuitos bem conhecidos, outros levados por utopias, combatem aquilo que nós aqui temos advogado e continuaremos a advogar.
Nem seria preciso a lição dos factos que nós temos em face da actual guerra turco-balkanica.

Mesmo sem isso, toda a gente de senso e com amor ao seu berço comprehenderia a necessidade de nos precavermos contra a eventualidade de uma investida nas nossas colonias, tão cubicadas, e mesmo á nossa metrópole.

Não nos arremessam para a cruzada em que estamos empenhados intuitos belicosos.

Longe de nós, o aplauso ás carnificinas geradas pela guerra. Mas somos tambem dos que julgamos preparação para a guerra como meio poderoso á garantia da paz, e temos altas razões a justificar o nosso modo de ver.

A propria guerra turco-balkanica vem a reforçar as nossas apreensões a este respeito.

Garantia de posto na Metrópole

Sem pedidos, hoje, não se chega a uma conclusão de se reconhecer Justiça e Equidade!...

As repartições do Estado comportam muita gente... boa que, abstrahindo d'esse predicado que é peculiar aos bons Republicanos, sempre afrontou as instituições e presegue-as com toda a vehemencia e vaidade de espirito, sofismando e tecendo todos os meios para provocar o descontentamento geral; só quem de perto, como eu fôr vendo o papel que se vai desenrolando por esta

Os aliados balkanicos aproveitaram o momento em que a Turquia se achava a braços com uma guerra com a Italia e em lutas intestinas dentro do paiz para a ela se atirarem como gato a bófa. Ai de nós se hoje explodissem certos sentimentos de cubica que já se desenhavam e tomam vulto lib deixo que se avante.
Por muito patriotismo que em nosso sangue gire, por muita valentia que haja em nossos peitos, de nada isso nos valeria de encontro aos meios de destruição que a sciencia moderna poz ao serviço da guerra.

Ingenuos que somos a continuarmos imersos no nosso otimismo e confiados na bravura inegalavel dum passado brilhante!...

Ingenuos que somos confiando uma aliança, a que nós não podemos corresponder com relativa hombridade, a defeza do nosso berço e do nosso patrimonio colonial.

Ou comenaremos-nos, todos, de que temos de obrar sacrificios no sentido de alcançar meios que assegurem a nossa independencia e o nosso dominio ultramarino, ou cruzemos os braços esperando que a cubica estrangeira nos maniete os pulsos com as golilhas dos escravos e a consciencia mundial nos ferreteie, ainda, com o estigma de traidores!

Lisboa fóra, pôde sem receio de con texto asseverar o seguinte:

A corporação dos sargentos foi uma victima de perseguições por parte do pessoal que compunha a tropa dos palacios d'Ajuda e das Necessidades, e não descurando do seu trabalho prestado á Republica, continua sendo odiada e oprimida, não pelos bons republicanos, porque esses devem conhecer o quanto ela fez, mas pelos que investiram, apoz a proclamação, o prognostico de republicanos, e que não o sendo, procuram revestir todos d'um descontentamento para a queda das actuaes instituições.

Não ha qualquer mal intencionado que diga que as perseguições e injustiças que se vão praticando sejam originadas por alguém que seja republicano, todas são mister do microbio talassa que abudda á sucapa por toda a parte e que passando por bons bichos, contaminam tudo quanto é sólido.
Indubitavelmente, se pôde dizer, que não é da ignorancia de todos que esse bichinho não existe, porquanto quem quizer ser servido bem e depressa é preciso arranjar um pedido talassa ou jesuitico!

Casos bem recentes me obviaram taes afirmações, pois que até aqui, supunha-me suggestionado... mas infelizmente não! E digo não, porque esses casos foram passados comigo mesmo, portanto duvida-me não resta de que só se veem perseguidos os que são verdadeiros republicanos e os que mostram tendencia pelo progresso da patria.
Para conhecimento mais claro vou dar as minhas impressões sobre o caso sucedido, e peço para que se dê razão a quem a tem e se faça justiça a quem a merece, já que para mim não se praticou assim, mas que se pratique dum forma mais logica para todos os camaradas que de futuro disso careçam.

No Exército são promovidos a 2.º e 1.º sargentos na Metrópole e nas Colonias, aqueles para não serem prejudicados por estes, concorrem cá em Portugal e estes para não serem prejudicados por aqueles e por as causas que lhes ocasionou ou impulso para taes longinquas paragens a acção perniciososa dos climas tropicaes, concorrem lá e por lá são promovidos.
As clausulas que lhes pedem são extravagantes e sem razão de causa, sob o ponto de vista militar; ao regressarem são submetidos a concurso, mas rigoroso quando o juri é composto do tal bicho daninho que eu domino talassa, e volta e meia, lá se vê desenrolar uma perseguição á classe, reprovando um ou outro que não arranja cunhas das taes predominantes.

Não vejo razão de causa, para que se dê logar a estas arbitrariedades e a razão é simples: — O juri que preside ao exame para 2.º ou 1.º sargento, é constituído por officiaes da Metrópole e algumas vezes, e em razão de falta absoluta, por officiaes dos quadros do Ultramar, mas que não ficam devendo nada em intelligencia áqueles; a matéria interrogada é, segundo a lei, pelo regulamento de 1866, mas que se interroga mais pelo d. 1912; que razão existe ou assiste para que dentro dum só exercito haja tanta falta de confiança nos officiaes que, achando pelo seu criterio um individuo em condições de desempenhar um determinado serviço, o promova ao

posto inherente a esse mesmo serviço?

Nenhuma, tanto mais que ao juri no Ultramar só lhe assiste o direito de classificar, sujeito ainda á revisão de classificações no Quartel General, sendo as promoções da alçada do respectivo Governador Geral.

Por tudo isto ficam num campo ridiculo, não só os jurisdicados, como seus ex., os Governadores Geraes, que ficam sujeitos á represão dos seus procedimentos por quaesquer maiores, capitães, tenentes etc., que fazem gala em desfazer o que se faz com consciencia de criterio!

Mas a piada, não se resume só nisso... a maior calinada é quando muitos officiaes mesmo dos assistentes a promoverem no Ultramar, voltam para a Metrópole, e sendo nomeados vogaes dum concurso destes, desfazem o que fizeram!...

Ora isto é inadmissivel. Se é bom cumpridor dos seus deveres lá, deve ser o cá, e para se saber se o é ou não basta o seu processo individual, que lá tem tudo á disposição do Ministerio para carcteriosamente fazer justiça!

Fui um dos contemplados, mas não me penalisa tal proposito porque acima de tudo assiste-me a razão e o futuro; só uma coisa me vexa, a qual é conhecer que durante o tempo que servi o exercito não soffreu dissabão algum por inesperienza da minha graduação, e só agora me possam suspeitar não conhecendo os casos, mas para isso os faço já scientes que todos partiram d'alguns camaradas classificados no concurso geral para provimento de vagas de 1.º sargento de cavalaria durante os anos de 1912-1913, que jogando o bilhar com um dos officiaes do juri, no regimento se abalançou a praticar tal sendeice.

Bom camarada!
Volto para Angola, sem arrependimentos e os meus veementes desejos são, para que todos os que esse bem me descaíram, não sejam coagidos ou forçados a irem lá dar uma comissão para poderem ascender aos postos d'alferes ou 1.º sargento... lá estou ás suas ordens.

Junqueira, 20 de Novembro de 1912.
M. P. R.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos assinantes e colaboradores, que mudamos a nossa Redacção e Administração para a rua Francisco Ferrer, n.º 94; para onde deve ser enviada, de hoje em deante, toda a correspondencia.

A "ODIVELLAS,"

Dedicado aos meus amigos Antonio Reverso e Manuel do Cabo Passos

1.
 Quizera sem cantar
 a forma sem par
 D'essa a região,
 Onde as passam lédus
 Entre fúria e folguédos
 Que encantam o coração.

4.
 D'essas noites de luar.
 Em que eu ouvia trinar
 Nos salgueiros, rouxinocs,
 Eu nada posso dizer,
 Pois não as sei descrever
 Com sentimento, depois.

2.
 A vida ahí é mais bela,
 E' mais pura e mais singela
 Do que a vida das cidades;
 Ahí não ha as intrigas
 Com que as almas inimigas
 Aniquilam as verdades.

5.
 E esse meigo riosinho
 Que corre tão de mansinho,
 Cantando aos canaviaes,
 Os seus pezares e dores,
 Suas paixões e amores
 Com desventuras e ais...

3.
 O sol é mais lindo,
 E passa sempre sorrindo
 Sobre essa terra encantada!
 E mesmo no frio inverno
 Da-lhe sempre um beijo terno
 Quando desponta a alvorada!

6.
 A mulheres que são fadas,
 Têm nas faces rosadas
 Estampada a simpathia;
 E quem conviver com elas,
 Ha de ver que são singelas
 Sem terem hypocrisia.

7.
 Aceita, oh terra encantada,
 Nestes versos singelinhos,
 Protestos de gratidão
 Em paga de teus carinhos.

Luiz Palma Vaz

VIDA NACIONAL

"O soldado portuguez nas colonias,"

Só hoje li a entrevista publicada pelo jornal *O Mundo*, n.º 4:225, de 12 de junho findo, sobre a epigrafe acima.

Veio essa entrevista fazer abreviar o já amadurecido plano de pedir ao cidadão Ministro das Colonias para que ordene aos Governadores das diferentes possessões que dediquem um pouco das suas horas vagas em atender as necessidades das praças de pret.

Diz o ex.º sr. dr. Rodrigo Rodrigues que o soldado portuguez poderia evitar multiplas doenças e viver muitos anos nas colonias, se conhecesse mais de higiene, com o que plenamente concordo.

Mas permita-me tambem que lhe pergunte: Que poderá fazer o pequeno soldado e qualquer outra praça de pret quando lhe destinem commodos inabitaveis e quando teem contra si o Regulamento Disciplinar que diz «que deve aceitar paga, quartel e rancho que lhe derem». E' facto que tambem lhe dá direito a reclamar pelas vias competentes, mas como o lema de 5 de Outubro parece não ter abrangido todos os portuguezes, as reclamações dos pequenos raro são ouvidas por quem as devia tomar em consideração.

Alem d'isso, parece-me que cumpria mais aos officaes, quer já pela facilidade que teem de

se dirigir ás instancias superiores, quer pela illustração que devem ter, de atender ás faltas dos subordinados, procurando fazer-lhes conhecer o que devem, para seu beneficio fisico, fazer, e angariando o que eles não possam obter.

Os aquartelamentos em alguns pontos que conheço deixam tanto a desejar, que muitos d'elles precisavam, se não todos, de ser arrazados para se poderem sanear convenientemente. Vou falar de alguns que conheci em tempo e que não sofreram até agora (que eu saiba) modificações.

Em 1909, em Tete, estava aquartelada a 7.ª Companhia Indígena d'Infantaria de Moçambique, na Praça de S. Tiago Maior, que é situada num dos pontos mais baixos, se não o mais baixo, da vila. Os poucos commodos que tinha, insufficientes para o pessoal pelo seu pequeno numero, acanhamento e pessimo estado forçaram ao arrendamento de um predio, para habitação dos sargentos, officina de serralheiros e Deposito de Material de Guerra, que pouco lhes melhorava a situação, pelo que estes na maioria viviam em palhotas que tinham melhores condições higienicas, especialmente no que respeita a arejamento e espaço. Quem conhecer Tete e o seu torrido clima sabe bem quanto pode custar o viver na Praça de S. Tiago Maior, onde ao tempo era tambem a cavalariça das muarés do extinto 2.º esquadrão. Alem disso parece que em Tete era ainda desconhecida (para uso de quartéis) a rede metálica

de protecção contra os mosquitos. Não é para admirar que ali fosse desconhecida, porquanto em Lourenço Marques ainda em 1910 ela não era empregada na Companhia de Deposito, onde tambem o aquartelamento deixa muito a desejar com respeito a commodos, mobilia, etc. Calculem que a essa data, e creio que ainda hoje, não tem uma só casa de banho!! Parece incrível, mas é verdade!!

Em Moçambique (ilha, pois que desconheço o interior) os aquartelamentos deixam de ser pessimos para serem infames. A companhia de Deposito e Deposito geral de sentenciados, aquartelados na Praça de S. Sebastião, teem uns quartos tão ordinarios que difficil se torna acreditar que ali possam habitar seres viventes. Estes quartos são situados proximos de umas sentinas que tambem deixam bastante a desejar e donde nas horas mais calidas do dia se exala um fetido tão nauseabundo que causa vertigens. Além disso, sendo Moçambique um foco de mosquitos, não adótam rede protetora. Emfim, a avaliar pelo que deixo dito, pelo que ha nas capitais dos distritos, poder-se-ha avaliar o que será o interior.

Por agora basta para inicio, mas proseguirei, julgando que merecem a publicação esta meia duzia de palayras sem floreios e que encerram verdades, como sempre amargas.

Dilly, 3-10-912.

Majomo.

VIL GABRION

Arrasta-se como o mais nojento reptil; as pernas já não podem com o peso da vida pôdre daquele corpo que mais parece um porco de engorda; sempre atrevido e cobarde; já respondeu por ladrão; mau pae, mau marido, peor cidadão e apesar de estar peor da perna ainda vai dando o seu inofensivo coice.

Universidade Popular

Realizou-se no domingo, como estava anunciado, a inauguração da Universidade Popular. Falaram diversos oradores enaltecendo a obra da *Renascença Portuguesa*, os fins a que obedece a Universidade Popular, difundindo uma instrução solida pelo Povo, creando o Amor e a Concordia, entre todos.

Os oradores foram freneticamente aplaudidos pela numerosa assistencia, entre a qual punham uma nota de destaque algumas senhoras. Resta nos agradecer a gentileza do convite e expressar aqui os nossos votos para que a *Renascença* encontre em todos leal cooperação na sua obra supremamente elevada.

E' do sr. M. Roquete, capitão de infantaria, e não M. Roque, como por lapso saiu, o artigo *Um caso de justiça*, que transcrevemos da *Revista de Infantaria*.

O prometido é devido

Não pagaram a importancia dos recibos que lhes foram presentes, os seguintes cavalheiros:

Hermenegildo Augusto dos Santos, José Silvestre, Pedro de Jesus Sousa, Manuel A. Pinto dos Santos, Antonio José Martins, Manuel Joaquim dos Santos, José Inacio Tavares, José do Espirito Santo, Alfredo da Fonseca Campelo, Anselmo Eugenio da Silva Canajola, Claudino Rasprzykonski, Pedro de Sousa Carneiro, Candido Eduardo Amadio Neves, Carlos Manuel Pires, Augusto de Sousa Medeiros, Eugenio Marques, Francisco Ismael, Mariano Leonardo Rana, Alexandre Magno Dias dos Reis, Francisco Maria da Silva, Alfredo Augusto Pereira, Francisco Rodrigues do Nascimento e Silva, José Francisco Pinto, Joaquim Cabrita, José do Nascimento Ferreira, Porfio Manuel de Paiva, José Maria Alves d'Assis, Armando Lopes Sequeira, Augusto Tavares d'Almeida, João Miguel da Mota, Inacio Nunes, Viriato Nunes, Albino José Teixeira, Manuel Francisco, Luiz Cesar Rodrigues, José Luiz da Cruz, José Teixeira Jacinto, José Rodrigues dos Santos, Eduardo dos Santos.

(Continua.)

Erratas

A nossa distinta colaboradora Laurinda Soryram, está zangada conosco e com justa razão, pois que por mais attenção que dediquemos ao serviço de revisão, sempre a maldita gralha se mete de permcio, saindo no ultimo terceto do seu belo soneto, *guitarras* em vez de *gitanas*, pelo que em satisfação ao seu desejo o publicamos novamente:

«Co's tragos festiyyaes as serranitas
 E as gitanas esbeltas e bonitas
 Ao quadro d'ão a nota da poesia.»

Resultado da nossa cobrança

Procedencia	A receber	Recebido
Transporte	2310930	750990
Alfjox	20500	—
Barcelos	600	570
Braga	30300	570
Faro	40500	10160
Guarda	10200	—
Guimarães	10800	10760
Lagos	775	—
Lamego	10200	—
Oeiras	20700	—
Ponta Delgada	20100	—
Santarém	175	—
Soure	825	—
S. Thiago Cacem	500	—
Tarouca	10050	—
Torres Novas	025	—
Vendas Novas	10150	—
V.ª N.ª de Gaia	20100	—
S.ª M.ª	2500130	800050
Deficit	1790080	—

N. R. — Nas quantias recebidas está descontado o premio do vale do correio.

Em serviço official, esteve nesta cidade o tenente da administração militar, adjunto ao regimento d'infanteria 28, sr. Valerio dos Santos Moutinho.

Tribunal militar e conspiradores

Foi nomeado presidente do tribunal militar desta cidade, o coronel d'infanteria 24, sr. Julio Augusto de Castro Feijó, que por tal motivo já se encontra nesta localidade.

—Respondem hoje no tribunal militar os seguintes individuos: Luiz Gaspar Portela Junior, José Diogo d'Oliveira Junior, José Gonçalves da Conceição, Antonio d'Oliveira Gardalina, José da Costa, Antonio Jorge, Luiz Carvalho e sargento Joaquim, todos dos Marrazes, concelho de Leiria.

Destes individuos, estão seis presos na Penitenciaria de Coimbra e dois ausentes em parte incerta.

—O estudante Augusto Cesar Bolotinhas, aluno de direito, foi ha dias preso, dando entrada na 1.ª esquadra de policia.

Este academico já esteve preso como implicado no complot desta cidade, tendo sido posto em liberdade.

Por concessão do sr. commissario de policia, o preso foi acompanhado á Universidade por um guarda de policia, a fim de fazer actos.

—Do Porto veio para esta cidade o ex-policia n.º 126, José de Almeida, que já esteve preso duas vezes como implicado nos acontecimentos de setembro naquela cidade, e que agora foi novamente preso por requisição desta divisão militar.

Também foi ha dias preso o sr. Augusto Peça, que se achava afiançado.

Instrução militar preparatoria

Devido ao grande numero de mancosos que se tem apresentado para receber esta instrução, foram no mezados para fazer parte, também, do pessoal instrutor, os srs. tenente Mendes Junior, 1.º sargento Pina e 2.º sargento Alves.

Ha grande entusiasmo da parte do povo por esta medida, que considera de grande alcance.

NOTICIAS MILITARES

Apresentou-se na 5.ª divisão, por ter sido transferido para o regimento d'infanteria 23, o tenente d'infanteria 21, sr. José Augusto Simões Esteves Lopes.

—Regressaram de Mortagua, onde foram em serviço, o capitão d'engenharia Abel Augusto Dias Urbano e tenente José Maria da Silva Figueiredo, ambos em serviço na inspecção de fortificações da 5.ª divisão.

—Foi presente á junta hospitalar d'inspecção, que reuniu na segunda feira no hospital militar desta cidade, sendo julgado em condições de continuar na mesma situação, o alferes d'infanteria Miguel Vaz Guedes Pinto Sousa Bacelar.

—Assumiu o comando do regimento de infantaria de reserva 23, o tenente coronel do 4.º grupo de metralhadoras, que ultimamente para ali foi transferido, sr. Francisco Gomes.

—Por ter sido colocado em infantaria 23, apresentou-se na 5.ª divisão o aspirante a official, Luiz Augusto Blanqui Teixeira.

—Marchou para Lisboa, a fim de se apresentar no estabelecimento militar, onde foi colocado, o coronel de artilharia, sr. Joaquim Nunes da Mata.

—Pediú 30 dias de licença nos termos do regulamento disciplinar,

o tenente do 5.º grupo de metralhadoras, Antonio Madeira Montez Junior.

Para o Lubango segue brevemente o nosso camarada e assinante, sr. Manuel Pires Rozendo, 1.º sargento de cavalaria.

Uma feliz viagem e a sua ex.ma esposa, que o acompanha, é o que lhe apeteçamos; e que não esqueça a promessa que nos faz de nos dar sempre as suas noticias.

CARTAS DA OCEANIA

QUESTÕES COLONIAES

O que se fazia no tempo da monarchia e o que no tempo da Republica se faz.

A exportação continuada de individuos, que no tempo da monarchia mais ou menos representavam a autoridade perante o indigena, a sua falta de patriotismo, com rarissimas e honrosas excepções, e a nos sa pessima legislação colonial, foi sempre em todos os tempos a trilogia diabolica do nosso atrazo colonial.

Naqueles tempos de saudosas recordações, para os monarchicos, a autoridade que estava em mais contacto com o indigena, era a militar e esta, como as de mais, não vinham ao Ultramar mudar de ares, segundo excepção do tempo, e isto explica-se, é que então os srs. officiaes que eram os que concentravam em si todos os cargos, que tivessem emolumentos ou gratificações, vinham geralmente, para cá no posto immediato e logo que se apresentavam na secretaria da provincia onde se destinavam, eram distribuidos pelos diversos comandos, segunda as suas cantas de empenho e se algum desprotegido era por casualidade colocado em comando saudavel era pouco depois transferido para dar lugar a algum apadrinhado e muito rarisimamente por administrarem mal!

É notorio que os que tinham a destaquez de nada pedirem, eram os que se julgavam aptos a desempenhar as suas funções sem auxilio de extranhos e por conseguinte os mais sabedores, mas que enojados com tão descarado favoritismo deixavam correr o marfim e esperavam pacificamente, que a sua commissão terminasse.

Estes, desanimados porém, não eram os peiores, apesar de nada fazerem, o que já se não pôde dizer dos que vinham para o Ultramar no mesmo posto, porque estes ou eram meninos bouitos que vinham desempenhar commissões, chorudamente remuneradas, ou então conhecedores da arte de triplicarem os soldos sem com eles entrarem em quaesquer transacções e muito raramente, porque os guiasse um acendrado patriotismo.

Além desta casta havia ainda os dos quadros para quem a lei era tão farta em impôr os mesmos encargos e responsabilidades que aos seus colegas metropolitanos quanto a pintura era nas determinações que regulavam os vencimentos; é verdade que a muitos destes lhe faltava o saber dos seus camaradas da Metropole, mas que culpa tinham eles que a lei lhe não exigisse as mesmas habilitações?!

Admito que algum houvesse nes-

tas condições, mas em compensação supriam muitas vezes tal falta, pelos bons comandos que faziam.

Entre as autoridades de então havia ainda outra — o sargento — cuja esfera de acção tão limitada que nem referencia especial merece.

O mal era igualmente da nossa legislação, porque além de nunca ter passado duma generosa utopia, a autonomia colonial, as leis eram feitas entre os vapores de vinhos finos no Terreiro do Paço, por homens impostos pela politica e raramente pelo seu saber, que no presente caso apenas lhe serviria para a colonia onde tivesse estado alguns annos, porque para outra diferente, onde nunca tivesse estado, tinha de forçosamente errar, embora da sua parte houvesse muito boa vontade de acertar, pela razão de que tinha de haver-se com uma legislação especial para cada colonia!

Tudo o que narrado fica se fazia no tempo da monarchia, classificado de regimen de fraude e ladroerias, agora que estamos em regime republicano classificado de honesto o que se faz?

.....o mesmo para variar.

Timor, julho 1912.

Rôiz.

Coimbra-Centro

A direcção desta simpatica colectividade reuniu 6.ª feira, pelas 19 horas, em sessão extraordinaria para exarar no livro das suas atas um voto de sentimento pela morte do seu saudoso consocio, José Tito da Silva Lizardo.

GUIA MEDICO

PARA OS

COLONOS DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

Sarna

a) Definição — É uma doença de febre, muito contagiosa, isto é, que se pega e passa a um individuo para o outro com muita facilidade, devido a um parasita (acaros scabici) que se não vê a não ser por meio dum instrumento que o aumento de volume muitas vezes (o microscópio) que se caracteriza pela erupção de papulas e vesiculas e por uma comichão muito intensa que apparece sobretudo á noite, ao deitar, afetando principalmente as mãos, os sovacos, os pés, etc.

b) Sintomas — Além dos mencionados já na definição ha o sulco que se nota nas partes afetadas sob a forma de um pequeno troço cinzento escuro mais ou menos simoso, variando de 2 a 3o milímetros de comprimento, tendo uma pinta mais aguçada do que a outra e por vezes pintas diversas mais escuras e também ás vezes saliencias acuminadas, papulas e versiculas. É o sinal bem característico da sarna. Pela arranhama toda a erupção se transforma e por vezes é difficil encontrar os verdadeiros característicos.

Podem assim formar-se sulcos fundos abortos até á derme, crostas, ulceras superficiaes e pequenas que tudo pode dar entrada a diversos microbios que umas vezes vão formar furuncullos, outros erysipelas aduites, etc.

Por vezes parece existir outras doenças também fruriginosas: licheu tropical, eezema, urticaria, ectizema, etc.

c) Tratamento — Se houver uma irritação muito forte da pele, usem-se os banhos tepidos prolongados, seguidos de untura com a pomada mentolada.

Logo que a irritação melhora deve-se usar o seguinte tratamento:

1.º — Banho geral morno, acompanhado de fricções com escova nos pontos afetados, e sabão, por 20 minutos.

2.º — Fricção geral com a pomada de enxofre composta deixando-a estendida em partes nos logares mais afetados.

A melhor occasião para este tratamento é á noite para dormir com a pomada.

d) Profilaxia — Sendo a sarna contagiosa e devida a um parasita, facilmente se comprehende que a destruição desse parasita produz a extinção da doença que para a evitar se deve desinfetar todo quanto esteve em contacto com o doente e principalmente as roupas de uso diario e as de cama e a propria cama, etc.

Ulceras

a) Definição — Ulcera é um perda de substancia (pele mucosa, etc.) acompanhada de pus ou supuração com pouca tendencia á cura ou cicatrização ou mesmo com nenhuma tendencia, tentando antes a aumentar.

Resulta de um processo ou modo de ser que lhe dá origem o que se chama ulceração.

b) Sintomas — As ulceras que são tão casuais na provincia, resultando em grande parte, da falta de limpeza dos seus portadores, que dá lugar ao anichamento de microbios que ali encontram todas as condições de vida, entretendo a supuração que vai corroendo os tecidos.

Os bordos das ulceras são mais ou menos irregulares, umas vezes talladas a pique, outros descolados chamando-se então «ulceras phageadicas».

A côr é a propria dos tecidos, mais ou menos alterada pela idade da ulcera e pelo processo ulcerativo.

Quando a ulcera mostra alguma tendencia á cicatrização, começa a encher-se de gomos comnosos, e côr mais ou menos avermelhada ou rocha e a pellicula cicatricial começa a apparecer da periferia para o centro.

PLACARD

Pagaram as suas assinaturas, até ao N.º 83

O sr. Christovam Pereira, 2.º sargento d'infanteria 11; até ao

N.º 91

José Alves, seleito de cavalaria n.º 7; Amandio da Luz Ramalho de Barros, 2.º sargento d'infanteria 8; Frederico Ferreira de Jesus, 1.º sargento d'infanteria n.º 14; até ao

N.º 96

José Martins Lopes Ribeiro, 1.º sargento de cavalaria; até ao

N.º 104

Arnaldo Gomes Duarte, 1.º sargento Santo Antonio do Zaire;

VENDEM SE OS primeiros 102 numeros da Ilustração Portugueza, formando 4 volumes, 2 dos quaes encadernados.

Deposito de livros medicinaes.

TIPOGRAFIA DO JORNAL DE COIMBRA

25, 27 - Rua do Pateo da Inquisição 29, 31

Nesta tipografia, montada com materiais modernos, executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos tipog-

ficos, taes como: - Memoriaes, memorandums, circulares, prospectos, programas, recibos, faturas, bilhetes para estabelecimentos, factos, mapas, papel timbrado, envelopes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc., etc.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO DE JORNALIS... TRABALHOS A CORES... PREÇOS MODICOS... PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO... BILHETES DE VISITA

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha... Depósito de aguas medicinaes.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confeccao e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu - LISBOA

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. - Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76 - UM OFFICIAL DO EXERCITO

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro 58 - RUA DA SOPHIA - 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia, que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares

Anuário Commercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horários, mdradas de Coimbra - mais de quatro mil endereços

profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc. de todo o distrito. Galeria commercial e industrial. Importante secção de avunçios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMARIAS

Em harmonia com os actuaes programmas de instrucção primaria

POR Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeccão da 2.ª Circunscriçao Escolar, professor diplomado de instrucção primaria e sócio honorario

de El Fomento de las Artes Madrid

Decima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS e o novo sistema monetario em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado 160 réis

Cartonado 210

A venda na livreria F. FRANÇA AMADO

Livreiro editor

115 - Rua Ferreira Borges - 125

COIMBRA

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolucão que depòs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 18000 RÉIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora - Moura Marques & Paraisos - 10, Largo Miguel Bombarda, 25 - COIMBRA

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis

Codigo do Registo Civil, 200 réis

Lei do Recrutamento Militar, 60 réis

Lei da Instrucção Primaria, 100 réis

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis

Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis

Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colysen LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da orden (o melhor que se fabrica).

Botões dourados - Preços limitadissimos.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O Mestre Português, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.ª e Ferregal de Baixo, 31, 2.ª - Lisboa. Cuidado com as falsificações.



A Voz do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA
Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA FRANCISCO FERRER, N.º 94

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 réis
Ultrammar, semestre - 600 réis
Numero avulso, 30 réis
ANNUNCIOS — Preços convencionaes
Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

QUESTÕES MILITARES

A defeza nacional e a reorganisação do exercito — A desigualdade da infantaria perante as outras armas e serviços

Sendo o problema capital da nossa defeza um dos que agora nos preocupa, a por tambem do grande problema economico financeiro, problema verdadeiramente basilar de que aquelle depende, e sendo o exercito de terra um orgão importante da aquella defeza, não é descabido fazer algumas considerações sobre o diploma que o reorganizou.

Entre as muitas reformas promulgadas pelo ministerio da guerra sobressai, como a mais importante, a reorganisação do exercito.

Foi este diploma, ao ser decretado, bastante apreciado na imprensa, principalmente por a arma de infantaria ter ficado numas condições muito inferiores ás outras armas e serviços que tanto melhoraram, ao contrario da aquella que tanto ficou prejudicada.

Não são as linhas basilares do diploma, que reorganizou o exercito, que urge modificar, as quaes, representando um alto espirito patriótico pelos principios estabelecidos no sentido de podermos mobilisar uma grande massa da nação, merecem-nos o maior aplauso.

Todavia nesse diploma ha um ponto fundamental para que é preciso chamar a atenção, sendo urgente que se resolva desde já.

É o que se refere á arma de infantaria.

Será superfluo demonstrar que esta arma foi injustamente tratada na reorganisação do exercito.

Basta dizer que, ao passo que, por exemplo, na engenharia, para preencherem os logares novos, creados nesta arma pela reorganisação, promoveram-se, a capitães, individuos com menos de 4 anos nos postos de alferes e tenente, quando é certo que a lei exige 4 anos só no posto de tenente para a promoção áquele posto; pelo contrario, numa flagrante desigualdade, creando-se

na infantaria novas companhias, não foram os seus comandos preenchidos pela promoção a capitães dos tenentes com mais de 4 anos neste posto, alguns até já com 5 e 6 anos e, portanto com mais um terço do tempo exigido para esta promoção, estando ainda longe de a alcançar, dando-se ainda a circumstancia do comando de outras companhias, já existentes, passar a ser desempenhado por tenentes!

Porque, pois, se preencheram devidamente os logares novos nas outras armas e serviço e não se fez o mesmo para a infantaria que por todos os titulos merece a mesma atenção?

Desta maneira estabeleceram-se desigualdades que muito descontentaram e que nada tem a justifical-as.

O comando efectivo duma companhia na infantaria foi sempre função unica do grau de capitão, cujo posto, pelo seu complexo papel e responsabilidade, devidamente encarado, até deve desaparecer dos quadros de officiaes milicianos que, quando muito, devem ser constituídos por alferes e tenentes.

Taes quadros de officiaes milicianos muito podem valer: devem mesmo fazer parte dos exercitos principalmente de nações pequenas e de regimen democratico. Todavia, devemos ter o maior cuidado em não lhes darmos um exagerado valor, já pelas condições que muito bem são agora exigidas pela reorganisação do exercito, condições a que poucos satisfarão, já pelo grande numero dos mesmos officiaes que pedem a demissão, constituindo um verdadeiro exodo.

Mais uma vez, como official da arma de infantaria, venho levantar o grito de defeza desta arma, a mais importante, já pela sua grande preponderancia na guerra, já pela sua enorme esfera de acção, já por ser ela a educadora

da grande massa da nação, preparando-a para a sua defeza, a defeza da Republica.

Sim, a arma de infantaria é a mais importante pelo papel educador que em tempo de paz representa; é ela que tem duas escolas de recrutas; é ela ainda que tem a instrução militar preparatoria.

Por isso, nada mais justo, nada mais nacional do que respeitá-la, mantendo-lhe os seus direitos.

O contrario, é desprestigiá-la, como se fosse uma arma de excepção, que não tivesse o mesmo fim, a mesma missão que outras armas e serviços.

É preciso não só atender ás circumstancias de natureza tecnica, mas tambem á natureza moral, pois a manifesta desigualdade de promoção na infantaria em relação ás outras armas e serviços, além de nada ter a justifical-a, muito doe, muito custa, sendo forçoso pôr-se-lhe termo.

José Augusto Gonçalves de Freitas,
Tenente de infantaria 18.

NÃO SE ENTENDEM

Certa imprensa monarchica, por outras palavras, meia duzia de jornaes partidarios do regimen que se finou em 5 de outubro de 1910, regimen de falcatura e traição que nos aviltava e a si proprio se suicidou, mas que a sobredita imprensa julga resuscitar com ataques desleaes á Republica e á obra dos republicanos, de vez em quando, do labirinto de intrigas e que escabuja impotentemente, tira a afirmação banal de que o estrangeiro está com os olhos fitos em nós, na avidez cubicosa de quem somente espera oportuidade para nos esfacellar, para nos escravisar.

De entre mil mentiras que todos os dias inventa e reedita, cae-se com esta verdade, apesar de que nem por ser verdade ela merece a aprovação dos honestos, pelas insinuações jesuíticas que encobre sempre.

Poderiam mesmo assim passar despercebidas as intenções da imprensa monarchica e ela ser

acreditada no patriotismo que dia a dia apregoa, ao falar no papão estrangeiro, se ela tivesse o brio de manter um pouco de coerencia com os conselhos paternaes que finge dar.

Mas, porque no paiz se iniciou um movimento em favor da Defeza Nacional, ela arremete em investidas furiosas contra os que nesse movimento andam empenhados, levantando más vontades da parte dos que a leem e lhe dão crédito.

Santa coerencia a deles, apregoando dia a dia a necessidade de nos acautelarmos contra a cubica estrangeira e arremetendo contra os propugnadores da Defeza Nacional!

Como querem os monarchicos que deem crédito ao seu tão decantado patriotismo e valor de crença se eles proprios estabelecem argumentos para a contra dita?!

Afinal, não merece a pena entrarmos em mais divagações: os jornaes monarchicos continuam no mesmo papel em que sempre viveram: o trabalho continuo para a ruina nacional!

ACACIO SERRA.

EXPEDIENTE

Estando o nosso jornal proximo a entrar no seu terceiro ano de publicação, pedimos aos nossos assinantes do Ultramar, a fineza de satisfazerem os seus debitos da assinatura; e áquelles que nos prometeram pagar no principio do mez de novembro, temos a declarar que até hoje ainda não deram entrada nesta administração as referidas importancias.

Desnecessario se torna repetir, que a cobrança postal alem de incerta é muito dispendiosa, e por isso esperamos que os nossos assinantes empregarem os meios para nos evitar maiores despesas.

Coimbra-Centro

A fim de ser feita a apresentação de contas e para eleição da gerencia para o futuro ano, está convocada a assembleia geral dos socios desta acreditada agremiação recreativa, para o dia 8 do corrente, ás 11 horas.

NOVOS UNIFORMES?

Será certo que vamos ter novos uniformes, ou, pelo menos, se pensa já, em introduzir modificações nos atuais, cuja existencia data de muito fresquinho?

Parece que sim. Equivale isto, a dizer que a ser questão assente, se encontra em perspetiva o dispendio de mais uns cobresitos!

Tudo isto é uma ninharia insignificante, para quem aulfere vencimentos que tão condignamente remuneram o seu serviço e lhe permitem a compra de um albornoz de burel, de lustro a lustro!

Bravo rapazes! Assim é que é!

Já que com a revisão das pautas, insistentemente pedida, se não pôde dar incremento a industria Portuguesa, cujo progresso esta tão decaído; já que por meio da mesma revisão pautal se não facilita a exportação dos nossos lanifícios, ao demenos obriga-se o exercito a mudar de farpela de 3 em 3 mezes!

E' uma saída como outra qualquer.

Não vai a fazenda para fóra, gasta-se cá dentro. Por caridade, senhores, um pouquinho mais de coerencia nestes assuntos!

Se é certo que o actual plano de uniformes, nada mais tem a recommenda-lo que as tradições gloriosas do exercito que ha pouco deixou de usa-lo, tambem não é menos certo que renova-lo ou remodela-lo, é obrigar a numerosa familia militar a um gasto superfluo, que, não direi a impericia, porque seria injusto, mas a indolencia de uma comissão não soube poupar, e tambem, mas em ordem secundaria, não é menos certo que não devemos ou pelo menos não temos obrigação de perpetuar a heroicidade de outros povos.

Mas emfim, *errare humanum est*, e se a despeito da boa vontade, que incontestavelmente ha, fôr impossível poupar nos esse dispendiosito e mesmo porque necessidades tão restritas se não devem guardar para ámuhã e sacrificar a pretexto de economia pessoal e individual, reste-nos ao demenos a satisfação de aguardar um plano de uniformes, instavel, definitivo, uma criação nossa, muito nossa, que não tenha vislumbres de copia!

A comissão que fôr nomeada para inovar ou remodelar o actual plano dos uniformes, deve despir-se da mais impercetivel particula de genio imitativo e tomar o proposito firme e inabalavel de fazer uma criação nova no genero, coisa perfeitamente original, porque uma officialidade tão distinta e illustrada como é a portugueza, a cuja sombra se curva a fama dos officiaes da europa, deve fatalmente possuir verdadeiros genios creadores e espiritos de iniciativa e inovação e que, tenham paciencia, só por mandriice, nos saem ou se mostram gorados.

Duas coisas ha, sómente, que devem preocupar a comissão na elaboração do plano, que são a maior comodidade e a maior economia.

Tome a comissão por base de todos os estudos a fazer para a elaboração do plano, aquelas duas coisas, ponha de parte o luxo para só atender á necessidade de adaptar o uniforme ás naturaes necessidades de uma campanha e verá como sae coisa boa.

Argus Beirão

Ditoso aniversario

A terra que tinha servido para berço e educação do valoroso e imortal D. Nuno Alvaro Pereira, nascido em Sernache de Bom Jardim, a 24 de Junho de 1360, que em Portalegre, em 1382, contava apenas 22 anos, mandou a Badajoz carta de desafio ao filho do mestre de Santiago, para com mais nove cavaleiros vir bater-se com ele e mais nove cavaleiros portuguezes, o que não levou a efeito por impedimento do seu irmão fronteiro mór do Alemtejo; que em 1383, emquanto a cruel, sanguinaria e inimiga de Portugal, D. Leonor Teles, rainha viuva de D. Fernando, fugia para Alemquer, despedindo, ameaças contra o povo e rogando pragas, ele o notavel heroe não fazendo caso das supplicas da familia e do abandono dos seus irmãos, com os seus companheiros de armas, todos prontos a dar o corpo e a vida pela Patria, marchou a caminho de Lisboa, a fim de defender a causa do mestre de Aviz. (mais tarde D. João I.º, o rei eleito por vontade do povo) que naquela occasião o mesmo era que defender a integridade do territorio portuguez e a autonomia da Nação; que em 6 de abril de 1384 na batalha dos Atoleiros, com cerca de mil homens derrotou quatro mil castelhanos, respondendo quando em Tomar o judeu David, do partido de Castela o pretendeu comprar, oferecendo lhe dinheiro para abandonar a causa que defendia — *que só recebia dinheiro daqueles a quem servia*; — que no dia 14 d'agosto de 1385 derrotou em Aljubarrota com o seu prestigio e com as suas firmeza, valentia e excelente tatica, á frente de um exercito de oito mil portuguezes, o exercito de 32.000 castelhanos, comandado pelo rei de Castela, que fugiu vergonhosamente para Santarem, tendo a sua bandeira sido derribada aos pés da Luzitana, vitoria que nos livrou do jugo e da tirania castelhana; essa terra da conquista e dos descobrimentos; essa terra linda e encantadora fadada para os mais altos destinos, mãe de corações nobres e sublimes, de feitos epicos e de heroes inegalaveis; essa terra de Egas Moniz, dos doze de Inglaterra, de Duarte d'Almeida, de Afonso d'Albuquerque, de D. João de Castro, de Vasco da Gama, de Pedro Alvares Cabral e mais tarde de João Pinto Ribeiro, de D. Filipa de Vilhena, de Gomes Freire d'Andrada, de Ameixial e Montes Claros, tinha sido entregue algemada pelos jesuitas aos pesados grilhões de Castela em 1580, com satisfação do clero e da nobreza e profunda magua e dôr do povo.

Foram sesenta anos de atroz cativeiro que o povo portuguez suportou; não contando os insultos, os vexames, o despotismo, a tirania dos governantes, a perda irreparavel das suas riquezas e dalgumas das suas colonias.

Reinava Filipe IV de Espanha e III de Portugal, uma creança de 16 anos, mal educada, com horror aos negocios publicos e com entusiasmo pelos divertimentos, amando as artes pelos prazeres que elas proporcionam, como amava as toureadas e os autos de fé pelos corações selvagens mas irritantes que estes espéculos podem proporcionar.

Era seu ministro o conde-duque de Olivares que tinha todos os defeitos dos grandes ministros sem ter

as suas qualidades, homem que cometia quatro desacertos ao mesmo tempo, sempre com os olhos fitos no passado em vez de os cravar no futuro, o que nesta parte (valha a verdade) só andava bem para os portuguezes.

Emfim, os imbecis governantes hespanhoes arredados do estudo governativo por uma educação fradesca sem limites, sem conhecerem nem comprehenderem os seus deveres; eram homens sem qualidades solidas para governar, adotantes de medidas nefastas, de expedientes financeiros, iniquos e odiosos, cheios de cubica vilissima, expoliadores dos infelizes arruinadores da agricultura e da industria.

Ainda mais, para sobrecarregar isto tudo havia na monarchia hespanhola cerca de nove mil conventos e trinta e dois mil só frades franciscanos e dominicanos. O clero secular constituia tambem um exercito assombroso e improdutivo. Só em dois bispados passavam de vinte mil clérigos.

A corda sem recurao não podia pagar aos soldados e marinheiros que vinham á estrada implorar vergonhosamente a caridade dos que passavam ou arrancal-a de bacarmarte em punho.

O desacerto dos impostos mal distribuidos e vexatoriamente cobrados agravava ainda mais a situação.

Pois a todas estas vergonhas que menciona a historia, estava sujeito Portugal, que era tratado peor do que Marrocos; atiravam-se aos portuguezes como feras os hespanhoes, por serem *nuestros hermanos*, e quem sabe lá a que estariamos sujeitos se o não fossem.

Todavia, três coisas restavam ainda ao povo portuguez, eram: o seu caráter, a sua alma e a biblia da Patria — Os Luziadas de Camões; e, por isso no dia primeiro de dezembro de 1640, pelas 9 horas pouco mais ou menos, foi assassinado o traidor portuguez ao serviço de Espanha, Miguel de Vasconcelos e hasteada em Lisboa a bandeira das quinças, vindo se em resumo, depois das intrigas da diplomacia e do Vaticano, Portugal livre das garras do leão de Castela.

E' bom, sempre, lembrar este facto importantissimo da nossa historia, passado ha 272 anos, e não esquecer o que o gorducho Protheu 2.º, que a terra lhe seja leve, ainda ha pouco nos tentou fazer servindo-se dos traidores á Patria e dos jesuitas refugiados em Espanha e dos que cá dentro conspiravam contra a Republica.

Viva o dia 1.º de dezembro.

Viva a Patria.

Viva a Republica.

Natai.

Pela instrução

O paroco da freguezia do Barreiro, concelho de Tondela, sr. Francisco Tavares, requereu para ser inscrito como professor particular.

Ora aqui está um belo exemplo de padre, que devia ser seguido por todos, pois que se todos se competrissem dos seus deveres, a instrução do paiz muito teria a lucrar; mas o que querem, se o guerrear as leis da Republica, lhes é peculiar e agradável!

Um abraço ao nosso amigo, e avante pela instrução!

VIL CABRION

Continua chafurdando no lodacal vilanesco; todas as carapuças lhe servem; por mais cinismo que invente nada nos faz retirar o que aqui temos dito; pode vomitar espuma de raiva e escoucear á vontade, que em nada nos assusta, porque da nossa parte está e sempre estará a razão e a justiça; não ha nada como ter a consciencia limpa para arrostar com todas as afrontas, embora elas venham reforçadas de toda a hediondez; é preciso ser-se revestido de um descaramento inaudito, para pedir provas do seu procedimento, quando é ele tão do dominio publico de Coimbra; apenas lhe conhecemos uma ação benemerita: foi em beneficiar uma viuva *perdoando lhe a divida do marido*, porque com tão abençoado obulo, a viuva foi immediatamente mitigar a fome aos filhos.

Já ha muito que era nosso desejo não discutir este *clow*, mas o *chauvin* não nos deixa com as suas impertinentes e insolentes arremetidas, obrigando-nos a vir a publico em defeza da nossa probidade, e se o que vimos afirmando não é verdade, *Tempus est optimus iudex verum omnium*.

Au revoir!

Balanceta de 1 a 30 de novembro de 1912

DESPEZA	
Composição e Impressão dos n.ºs 93 a 95	170.400
Expediente gasto com os mesmos numeros	60.000
Selo de anuncios	250
Saldo negativo do antecedente	420.150
Soma	650.800

RECEITA

Recebido como consta do	
n.º 94	230.000
Idem do n.º 95	400.000
Soma	270.000
Saldo negativo	380.800
Soma	650.800

Tendo-se-nos queixado alguns assinantes, não receberem regularmente *A Voz do Sargento* pedimos para que nos informem dos numeros que lhes faltam para lhe serem enviados imediatamente.

Outrosim, pedimos tambem, para nos prevenirem em postal, da mudança de residencia, para regularidade de escrituração e remessa do jornal.

Ainda temos alguns numeros do 1.º ano que enviaremos a quem os pedir.

Doente

Aguardando o leito encontra-se bastante doente a esposa do nosso amigo e colaborador Acacio Serra.

Um pronto restabelecimento é o que lhe apeteçemos.

Entraram no goro de licença disciplinar os nossos amigos e assinantes, alferes sr. José d'Albuquerque e 1.º sargento sr. Antonio Nunes Queiroz, ambos d'infantaria 23.

O nosso amigo e colaborador Joaquim Gomes, farmacêutico em Barcouço, mudou a sua farmacia para Santo Antonio dos Olivais.

Inumeras felicidades é o que lhe desejamos.

O REGIMEN TURCO

Por nos parecer ter toda a actualidade, não resistimos a traduzir para este jornal o que um distinto colaborador do S. I. do *Petit Journal* escreveu acerca da Turquia, sob a epigrafe — *O regimen turco*. Diz ele:

«O regimen turco depois de ter originado a guerra, causou as derrotas. Este regimen foi tão funesto aos proprios turcos como as desgraçadas populações da Thracia e da Macedonia, cujos sofrimentos provocaram a intervenção armada dos povos balticos.

Viajantes e escritores, que viveram na Turquia, tem, desde o principio da guerra actual, defendido a causa do povo turco; e, na verdade, devemos lastimar o povo que tão elevadas virtudes tem. O turco é docil, resignado, sobrio, liberal e não sectario. Com todas estas qualidades merecia uma melhor sorte. Mas, o turco é vitima do detestavel regimen administrativo sob que vive.

Este povo succumbe pela venalidade, pela preguiça, pela imprevidencia, ignorancia e barbarie daquelles a quem estão confiados os seus destinos.

Não são só os canhões servios e bulgaros que desmoroaram a Turquia; a incuria criminosa das suas administrações, a injustiça e a improbidade dos seus funcionarios, é que ella deve os seus atuaes desastres.

Devemos admirar que as populações cristãs da Macedonia chamadas sem, em seu auxilio, os seus irmãos dos paizes visinhos, vendo a que regimen de exploração, de roubo, de terror e crueldade, as administrações turcas as tinham submetido?

Um consul francez, querendo mostrar as condições em que vive o desgraçado povo turco, desde sempre, escrevia: Os gendarmes turcos roubam, incendiam e assassinam; as autoridades civis roubam, os officiaes roubam, os soldados roubam, todos roubam, á excepção do pobre povo que, como qualquer pombo, se vê sempre depenado.

Sempre assim succedeu neste paiz. M. Vitor Bérard que o conhece melhor que ninguem, escreve:

«O regimen turco tem o merito da antiguidade. Funcionou sempre no imperio desde a entrada dos turcos no paiz conquistado. Os viajantes francezes dos seculos XV e XVII, Belon, Fournet e Paul Lucas, se cá voltassem hoje, ainda encontravam as «papadeiras» turcas de que tanto se queixavam. A palavra «papadeira» é excelente. É a unica que pode definir e com justeza esta politica. Pelos seus funcionarios, pelos seus officiaes, pelo exercito, pelas repartições, pelas leis e pelos abusos, a Porta só sabe comer, isto é, explorar o povo e roubar as provincias.

Desde o Gran-Vizir até ao ultimo dos gendarmes, o pessoal da Porta não vive senão para comer.

Para a administração turca tudo serve de pretexto para exploração e trafico imundo. Nem mesmo a justiça foge a esta regra dos outros ramos da organização administrativa. A Turquia é o paiz das testemunhas falsas. Paulo de Regla, no seu livro sobre a Turquia official diz que muitos turcos, (effendis) vivem á larga, elles e as familias, da industria do falso testemunho.

Estes industriaes dum novo genero,

diz ele, estabelecem-se nos cafés que existem proximos dos tribunais. Encontram-se ali, facilmente, porque não fazem misterio da sua profissão. Tem tabelas de preços para todas as questões e para todos os clientes, desde o modesto *bechlik*, ou moeda de 5 piastras até á nota de 5 libras.

Os principaes, acrescenta ele, os mais influentes são conhecidos dos juizes, mas este conhecimento não altera em nada a bondade e o poder do seu testemunho — ia dizer da sua mercadoria.

O proprio M. Victor Bérard vai mais longe: afirma que a testemunha falsa entrega ao juiz uma parte dos onorarios que recebem do cliente.

Eis um paiz, como se vê, onde é preferivel não promover processos.

Mas, se por um lado é possível escapar á ladroeira dos juizes, outros funcionarios existem contra os quais o povo turco não pode defender-se, e que o obrigam a pagar tudo; são os recebedores dos impostos e outros empregados do fisco.

(Continua.)

VIDA NACIONAL
«O soldado portuguez nas colonias»

Prometti voltar ao assunto, apesar de não poder ainda saber se mereceram a luz as minhas letras primicias para o jornalismo. Mas vamos ao que importa: «O soldado portuguez nas colonias».

Falei no primeiro artigo em aquartelamentos na Africa Oriental, e agora toca a vez á Provincia de Timor. Se Moçambique está mal, Timor é um horroroso caos. Tem um quartel na capital, do qual metade tomado pelo Deposito de Material de Guerra, sendo a outra metade destinada á Companhia Indígena de Timor. A parte destinada a esta unidade não tem acomodações suficientes para o seu pessoal.

Sucedeu agora com a revolta terem de vir de Moçambique 3 unidades que por acaso vieram cada uma por sua vez, indo as praças indigenas para o Quartel da Companhia de Timor e os sargentos e os officiaes para um extinto convento que é pena estar ao abandono e que a continuar sem obras irá pouco a pouco desmoronando-se como já principiou.

Aos sargentos deram lhes casa, umas barras de ferro com taboas para servirem de cama e colchões não havia. Os cabos tiveram que dormir de mistura com os soldados africanos num pele-mele nojento.

De nada valeram os pedidos feitos, pois que alegraram que tinha seguido tudo para os postos de transitio onde nada faltava, desde a boa alimentação ao bom leito. Atentas as circunstancias de ocasião, sujeitamo nos a dormir 6 dias na tarimba, esperando que ao menos depois das marchas encontraríamos onde descansar os fatigados membros! Qual não é porém o espanto de todos ao chegar ao primeiro posto e encontrar um belo colchão riscado no chão, pois que por desgraça nem tarimbas havia.

Dahi por deante uma odisseia constante de fome, noites passadas em tarimbas feitas com bambu, em palhotas do mesmo material onde o vento girava de forma a enregelar os membros já entorpecidos das fatigantes marchas.

Do ultimo posto em que a companhia de que faço parte esteve até

ao fim das operações, passou-se como foi possível e isso era admissivel visto que eram acampamentos de uma noite, raras vezes estacionando mais tempo.

Mas isso era logico, apesar de que nem deram tendas abrigo nem barracas de campanha e passámos uma grande parte da estação invernosissima nas operações.

Terminadas as operações regressam as unidades a Dilly e ali começa a amalgama de cabos europeus e soldados indigenas, o peditorio de camas, lavatorios, etc.; nada porem se consegue, porque aqui por estas paragens o militar que queira fazer valer os seus direitos é sempre mal visto e nunca atendido. Pois apesar dos pedidos feitos daquilo a que cada um tinha direito, tiveram os sargentos que quizeram dormir em colchões que compral os á sua custa.

Mas esta tambem já vae longa e eu tenho que me referir a outro assunto ainda mais importante: — Alimentação — que reservo para outra carta.

Dilly, 1912.

Majomo

No domingo foi rendido o destacamento de cavalaria n.º 8, desta cidade.

O prometido é devido

Não pagaram a importancia dos recibos que lhes foram presentes, os seguintes cavalheiros:

Ambrosio Augusto Simões, Antonio Jorge, Antonio Mil-Homens Correia, José Soares d'Almeida, Albano Augusto Nogueira, Domingos Afonso Gonçalves, Serafim Pinheiro da Costa, Antonio Soares de Paulo, Antonio da Silva Maçada, José Alves da Cruz, José Tavares Ribeiro, Carlos Alberto Correia Guedes, Antonio Pedro da Silva Soares Junior, Hermenegildo André, José de Sousa Queiroz, Oscar d'Oliveira, José Brites, Adelino Augusto de Moraes, Lucas Fernandes Clemente, Antonio Correia d'Oliveira, José Ferreira, José d'Almeida Val Junior, Manuel Fernandes, Alfredo Augusto Moreira, Antonio José da Conceição, João Lopes, João Pedro Diogenes, Mario Augusto d'Oliveira e Sousa, F. aucisco Godinho.

(Continua.)

NOTICIAS MILITARES

Pela ordem do exercito 22 (2.ª serie) de 22 do corrente, deu-se o seguinte movimento na guarnição desta cidade:

Foram colocados no regimento d'infantaria 23 os alferes, srs. Eduardo José dos Santos e Henrique Alberto de Sousa Guerra.

Foram colocados no regimento d'infantaria 35 os alferes, srs. José da Costa Figueiredo, Viriato Sertorio da Rocha Portugal de Lacerda, Manuel Urbano de Carvalho Melo de Azevedo e Manuel Gomes Fernandes Beirão.

Foi nomeado inspetor de saude da 5.ª divisão do exercito, o tenente-coronel medico, sr. Arnaldo Pacheco Dias Torres, e sub-inspetor do mesmo serviço, o major medico, sr. Julio Ernesto de Lima Duque.

Foi nomeado comandante do 8.º grupo de metralhadoras o tenente-coronel d'infantaria 24, sr. José Domingos Peres.

Foi promovido a capitão e colocado em cavalaria 7, o tenente do 5.º esquadrão de reserva, sr. Francisco Dias da Cruz Porto.

Foi promovido a tenente, a fim de servir nas colonias, o alferes do 2.º grupo de administração militar, sr. José Fernandes Duarte.

Pedi para ser presente á proxima junta hospitalar d'inspecção, o capitão do estado maior d'infantaria, sr. Alberto Augusto das Neves Rocha.

Foi deferido o requerimento em que o capitão do 5.º grupo de metralhadoras, sr. Jorge Aguelo Viana Pedreira, pediu para desempenhar as funções de inspetor dos incendios desta cidade.

Foi indeferido o requerimento em que o secretario do distrito de reserva 35, capelão Antonio Coelho Martins d'Almeida, pedia colocação na guarnição do Porto.

Pedi para ser presente á junta hospitalar d'inspecção, o alferes d'infantaria 35, sr. Amandio Bertoldo Machado.

Pedi 30 dias de licença nos termos do regulamento disciplinar, o tenente-medico d'artilheria 2, sr. Evaristo Augusto Duarte Galdes.

Foram concedidos dez dias de licença ao tenente coronel medico sr. Arnaldo Pacheco Dias Torres, ultimamente nomeado inspetor de saude da 5.ª divisão.

Foi proposto para ajudante do R. I. R. n.º 23, o tenente ajudante do 5.º grupo de metralhadoras, sr. Belisario Pimenta.

Foram classificados para empregos publicos da 4.ª categoria, os seguintes 2.º sargentos: Do regimento d'infantaria 18, sr. Manuel Antonio.

Do regimento de infantaria 31, srs. José Francisco d'Almeida, José Luiz de Carvalho e Manuel da Cunha Osorio Coutinho Rebelo.

Do regimento d'infantaria 32, sr. Florencio de Freitas.

Para empregos de 3.ª categoria os seguintes: Do regimento de artilheria 6, sr. Antonio Augusto.

Do regimento de cavalaria 9, os srs. Luiz Augusto e Antonio Alberto Ferreira de Andrade.

Pela junta hospitalar da 3.ª divisão do exercito, foram arbitrados 50 dias de licença para se tratar, ao 2.º sargento de cavalaria 9, sr. José de Almeida.

Foi deferido o requerimento do 1.º sargento do 3.º grupo de companhias da administração militar, sr. Joaquim d'Oliveira, em que pedia 20 dias de licença disciplinar.

Pedi para ser provido no logar de escriptuario dos caminhos de ferro do sul e sueste, o 2.º sargento do 3.º grupo de metralhadoras, sr. Anibal Gonçalves da Paixão.

Pedi classificação para empregos publicos o 2.º sargento d'infantaria n.º 31, sr. José de Macedo Junior.

Foi promovido a sargento ajudante para infantaria n.º 34, o 1.º sargento sr. Cristiano Guilherme Cordeiro.

Entrou no efetivo do respetivo quadro o 1.º sargento de cavalaria 1, Manuel Francisco Antunes.

Foi transferido para cavalaria 6 o 2.º sargento do deposito de praças do ultramar, sr. Antonio da Silva.

Pedi classificação para empregos publicos, o 2.º sargento de infantaria 11, Artur Alves Caetano.

OSTAES ILLUSTRADOS—O que ha de melhor e mais bonito, só tem a *Tabacaria União*, Rua da Sophia, Coimbra

TIPOGRAFIA DO JORNAL DE COIMBRA

25, 27 - Rua do Pateo da Inquisição - 29, 31

Nesta tipografia, montada com materias modernas, executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos tipograficos, taes como: — Memorias, memoranduns, circulares, prospectos, programas, recibos, faturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mapas, papel timbrado, envelopes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc., etc.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO DE JORNALIS

BILHETES DE VISITA — PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

PREÇOS MODICOS — TRABALHOS A CÔRES

**DROGARIA VILLAÇA
COIMBRA**

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confeccão e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — **UM OFFICIAL DO EXERCITO.**

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industrias, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc., de todo o distrito. Galeria commercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em harmonia com os actuaes programmas de instrução primaria

POR

Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeccão da 2.ª Circunscrição Escolar, professor diplomado de instrução primaria e sócio honorario de El Fomento de Las Artes Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado..... 160 réis

Cartonado..... 210

A' venda na livraria F. FRANÇA AMADO

Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 123

COIMBRA

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do último governo da monarchia

Para a historia da revolução que depôs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 10000 RÉIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora — Moura Marques & Paraizos — 19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Codigo do Registo Civil, 200 réis

Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrução Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 22500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.



A VOZ do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA
Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR, e EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA FRANCISCO FERRER, N.º 94

ASSIGNATURAS
Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 reis
ANNUNCIOS — Preços convencionaes
Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

Apelo a Sua Ex.^a o Ministro da Guerra — Um camarada enterrado vivo ha 10 anos

Ha dez anos que se vem arrastando pelos hospitaes numa situação deveras lamentavel o nosso camarada Herculano Jaime da Silva, 2.º sargento reformado.

Este desditoso camarada, a quem a natureza, prodiga em distribuir confortos superfluos a uns e desconfortos exagerados a outros, escolheu como vitima muito extraordinarias para a posse dos ultimos, para a oferecer em holocausto aos possuidores dos primeiros.

Este infeliz camarada, que ha dez anos não recebe o calor vivificante do sol, senão durante o trajeto de um para outro hospital, ou muito diminutamente através as janelas da enfermaria em que se encontra, recostado no catre, seu companheiro fiel, contorcendo-se com dores horribes, que nascem constantes e cada vez mais agudas do seu chronico padecimento, está reformado com 260 reis diarios.

A diademar esta tremenda desventura e como complemento á gula insaciavel da infelicidade, que quando poisa sobre o mortal uma vez, repete a visita a todo o momento, tem sua familia na mais rasgada miseria, razão porque, não só lhe não pôde minorar a sua triste situação, como tambem e mórmente, lhe não pôde, sem sentir gelada a alma com desespero, exigir um centil para comprar tabaco, a fim

de que o cigarro, companheiro inseparavel de todas as desditas, lhe sirva de lenitivo ás dores que perpetuamente o torturam, porque como já dissémos, tem de prel 260 reis que, inteirinhos, desconta para o hospital!!!

Está igualmente impossibilitado de ir dando a sua familia as noticias do adeantamento em que encontra a morte que involuntaria e lentamente lhe está cavando a sepultura, porque não possui 25 reis para comprar uma eslampilha e papel a tal destinado!!!

Ganha 260 reis, mas esses são para o hospital!

Eis o tristissimo quadro, que repassado da mais verdadeira realidade, se encontra no hospital militar de Chaves.
E, pois, com o coração repassado de magua, que apela-mos para Sua Ex.^a o Ministro da Guerra, como coração generoso e bom formado, a fim de que Sua Ex.^a se digne abrir uma excepção, plena e exuberantemente justificada, que permita ao nosso pobre camarada receber ao menos melade do seu vencimento, ou sejam 150 reis diarios que lhe sirvam para alimentar o vicio e qualquer outro pequeno extraordinario, durante o resto da sua penosa existencia.

Esperamos, pois, que Sua Ex.^a converta em obra este nosso apelo, cuja ação meritoria junta ás que já possui, muito o enobrecerá.

balança da tulula consciencia o equilibrio da razão que recomenda como mais pura uma ou outra doutrina; sou forçado a acreditar que, quer palpavel, quer impalpavel, quer idealizado, quer representado por materia, não existe corpo a que não se deva atribuir uma alma.

Todo este desconexo agregado de palavras que antecedem, tendem somente a provar, ainda

que mediocrememente, que a Republica Portuguesa, teve e tem ainda a sua alma!

E sabem qual é essa alma? Não precisam matutar para responder certa e desassombadamente.

Essa alma foi e é a classe dos sargentos!

Ninguém pode contesta-lo.

E' uma verdade absoluta.

E' uma verdade que foi unanimemente proclamada pelo povo, pelos vencidos e pelos empoeirados!

Sem o concurso dos sargentos, a Republica não teria triunfado.

Seria mais uma quimera desfeita, uma esperança interminavel, sem satisfação!

Seria mais um 31 de janeiro, um 28 de fevereiro.

Com isto, não se disputa, por enquanto, a primazia da heroicidade, nem se repele a formidavel Chaplita de cobardia que houve na proclamação da Republica.

Esse papel, fica destinado aos vindouros, depois de estirado esta geração que não podendo ser taxados de parciais, tirai a historia conscienciosa e circunstanciada do que foi a proclamação da Republica Portuguesa.

Eles então que sejam como Cristo dando a Cezar o que a Cezar pertence.

Por agora somente se gravará em alto relevo a ingratidão com que tem sido tratada a classe dos sargentos.

Eles que estiveram sempre na brecha de todos os acontecimentos; eles que foram sempre a unica esperança, que chegou a termo feliz, d'aqueles que, apoz a sua ascensão ao poder, lhe vibraram o primeiro pontapé; eles e só eles que tanto sofreram para que triunfasse o seu ideal, são eles que mais desconsiderações têm recebido.

São eles os enteados.

Sim, enteados, porque o bôlo não chega para todos.

A meza é pequena e os convivas são inumeros.

Mas pergunto eu: a que atribuir semelhante esquecimento, acinte ou má vontade?

Seriamente, não encontro uma resposta plenamente aceitavel

concreta, sobre a qual não reste ou fique a mais pequenina duvida.

Dis-se que o procedimento anonimo de 2 ou 3 membros da classe, foi incorreto para com certa personalidade, apoz a celeberrima questão da espada.

Mas eu faço a justiça de acreditar, que a dita personalidade, não desempenha aqui, o papel que o Padre cura desempenha na Poesia «o melro», de Guerra Junqueiro, condenando á morte os melrositos pequenos, só porque os paes lhe haviam comido o trigo.

O terem prevaricado, 2 ou 3 individuos, membros de uma classe, julgo eu e talvez toda a gente de bem que não importa a condenação de toda essa classe.

Logo continuo nadando no largo lago da ignorancia a tal respeito.

A classe dos sargentos, a meu ver enferma só d'uma lesão que muito a tem prejudicado e continuará a prejudicar, a desumido.

Enquanto não tiverem por tema, um por todos e todos por um, não pechem em nada que nada conseguirão.

Deram-lhes no fraco e agora, é gramnar.

Argus Beirão

ENTENDAMO-NOS

Os politicos que, nestas horas de incerteza que vão decorrendo para o paiz, atendem mais a fociosos partidarismos, que as paixões mais violentas se agitam em torvelinhos, corrompendo, de que ás multiplas e urgentes necessidades que nos assediam, angustião-nos; os politicos a quem a ambição desorientou, cegando-os a ponto de não se contpenetrarem dessas mesmas necessidades, trabalhando pela sua realização; esses politicos que atiraram ás ortigas o livro em que escreveram o juramento de bem servir a Patria e o Povo, não são dignos de continuar na predominancia em que até hoje tem existido.

Ou o Povo se compenetra

A desunião dos sargentos

Não pretendo ser tomado por adepto fervoroso das doutrinas professadas por Socrates, Platon, Leibnitz e outros filosofos, como não quero ser taxado de materialista, porque nem uma nem outra coisa, soffriavelmente, sei ser.

No entanto, estabelecendo na

desta verdade, retirando-lhes o apoio que um dia, lealmente, de braços abertos, lhes ofereceu, crente de que esse apoio era dado a quem de futuro o justificaria com atos nobres, com trabalho esforçado em prol do resurgimento nacional, ou desde já poder ficar certo de que o torvelinho das paixões em que eles se agitam cavará bem depressa a ruína nacional.

Não vão os tempos favoráveis para deglaciações pessoas no campo em que os altos interesses do paiz precisam de ser tratados com nobreza, com dignidade e, sobretudo, com tacto.

Não está o paiz de forma a poder continuar a consentir em seu seio homens que façam da

política arma que fira reputações e sirva interesses pessoais.

Não deve o Povo continuar a tolerar, nem mais um minuto, políticos que não reconheçam ou não queiram reconhecer a necessidade de esforços para que se consiga remediar os muitos males que afligem o paiz.

O momento que atravessamos é serio de mais para que os homens em quem o Povo confiou os destinos da Patria se continuem a preocupar com as lutas pessoais, abandonando o trabalho em que mais deviam andar empenhados.

Ou eles mudam de tática, ou atire-lhes o Povo com o mais profundo desprezo, ou, ainda, tenham a hombridade precisa para, confessando a sua fraqueza, a sua incompetencia, saírem pela porta por que entraram.

DATA GLORIOSA

1.º DE DEZEMBRO

Portugal! nesta data solene, Rompe em hinos vibrantes de gloria E celebra, orgulhosa, da Historia, Esse facto feliz, valoroso; Ergue, impávida, a fronte soberba P'ra que venham clorar-te de loiro, Com legendas gravadas em ouro Que relembram o dia saudoso!

Portugal! engrinalda de rosas Teu escudo, invocando depois Esses nomes fulgentes de heróis, Num clamor supérnel d'alegria; Sim, invoca-os, nação redimida, Como preito de excelsa homenagem! Do passado éles são grata imagem Que nos enche de eterna ufania!

Expirara, nos campos de Alcácer, O teu rei imprudente, deixando A alavanca suprema do mando Nas mãos debeis dum velho doente, Que depois — oh! nefasto destino! — Por seu turno, ao morrer, te legara A castela que sempre invejara O teu sceptro de gloria fulgente!

Foram eles o augurio da gloria Nesse dia feliz, triumphal, Que jamais esquecerá, Portugal, O teu povo leal, devotado; Em que as mães, patriotas sublimes Resumindo na patria os affectos, Incitaram os filhos diletos A morrer pelo fim almejado! Portugal! minha patria querida, Pequeno tempo perfumado, Foeste já colossal no passado, Hoje humilde, não sempre altaneado, Nesta data famosa recorda Eternas tradições doutro tempo E desfere, soltando os ao vento, Os teus hinos e a tua bandeira!

Tavira, 1912

Laurinda Syritram.

Coimbra-Centro

Como tinhamos anunciado, realizou-se no domingo uma reunião familiar nesta simpatica coletividade recreativa.

Escusado será dizer que decorreu

no meio da maior animação, representando-se um ato de folies bergeries, em que se distinguiram os amadores srs. Francisco Alcantara, Adriano Umbelino, Antonio Brito e Francisco Ferreira, que bem demonstraram, mais uma vez, a graça,

que é o apanagio de todas as representações em que teem entrado.

Seguiu-se o baile, que decorreu tambem esplendidamente, dançando-se animadamente até ás 3 horas.

Agradecemos a gentileza do convite e aguardamos anciosamente a festa que nos prometem para o dia 22 do corrente, que, com certeza, ao que nos dizem, vai ser brilhante.

ALVIÇARAS

Dão-se a quem encontrar a palavra de honra do nosso VIL CABRION.

NOTICIAS MILITARES

Pediu transporte para sua familia de Chaves para Coimbra, o tenente-coronel medico, inspector de saude desta divisão, sr. Arnaldo Pacheco Dias Torres.

Pediu para tomar parte na proxima escola de recrutas, o capitão do 5.º grupo d'artilharia de reserva, sr. Arnaldo Joaquim da Cunha Rôla Pereira.

Foi mandado apresentar na escola de guerra, a fim de fazer serviço como lente adjunto, o capitão d'artilharia 2, sr. João Augusto Crispiano Soares.

Requerer a liquidação do seu tempo de serviço efetivo, o capitão d'infantaria 35, sr. Julio Augusto da Conceição Vilar.

Pediu 20 dias de licença nos termos do regulamento disciplinar, o chefe de musica d'infantaria 24, Antonio Alves.

Marchou para Lisboa, a fim de se apresentar na direcção geral das colonias, o tenente sr. José Fernandes Duarte.

Está nesta cidade, gosando 30 dias de licença nos termos do regulamento disciplinar, o alferes d'infantaria 32, Artur Martins Dionisio.

A fim de ser presente á junta das colonias, seguiu para Lisboa o capitão sr. Anibal Coelho Montalvão, commissario de policia nesta cidade.

No gozo de 30 dias de licença, encontra-se nesta cidade o tenente medico sr. Julio Machado Feliciano Junio.

Foram para Lisboa gosar as licenças que lhes foram arbitradas, os majores, d'infantaria 24 Agostinho Manuel da Silva Ferreira; d'infantaria 27 José Augusto Ferreira Lopes, e alferes d'infantaria 35 Armando Bertoldo Machado.

Está nesta cidade comandando o destacamento de cavalaria 8, o alferes sr. José Antonio Gomes Pôns.

Pediu passagem a infantaria 4, o 2.º sargento do 3.º grupo de metralhadoras, sr. Mario Bensabat.

Pediu 30 dias de licença disciplinar o sargento ajudante de infantaria 19, sr. José Faustino e 15 dias de igual licença, o 1.º sargento de infantaria 31, sr. Manuel Antonio d'Ascenção Sardinha.

Por ter sido transferido para a Guarda Nacional Republicana, apresentou-se no comando da 3.ª Divisão, o alferes de infantaria 18, sr. Augusto da Conceição Fontes.

A fim de gosar licença disciplinar apresentou-se no mesmo comando, o 2.º sargento do 3.º grupo de companhias da administração militar, sr. José Gomes Coelho.

Foi deferido o requerimento em que o musico de 2.ª classe de infantaria 32, sr. José Maria dos Santos pedia 20 dias de licença.

Foram arbitrados 30 dias de licença para se tratar ao sub-chefe de musica de infantaria 9, sr. João Alves.

Pediu passagem a infantaria 2, o 1.º sargento de infantaria 16, sr. Augusto de Sousa Medeiros, e a infantaria 29, o 1.º sargento de infantaria 32, sr. Manuel Mendes.

Pediu para ser readmitido, o 2.º sargento do grupo de baterias de montanha, sr. Antonio Lopes Farinha.

Pediu passagem ao batalhão n.º 5 da Guarda Nacional Republicana, o sargento ajudante de infantaria 34, sr. Cristiano Guilherme Cordeiro.

Pediram para concorrer ao exame para sub-chefe de musica, o musico de 1.ª classe de infantaria 2, sr. Henrique Lopes, de infantaria 20, sr. Aparicio de Araujo Figueiredo e José Antonio Gonçalves, de infantaria 13.

Pediu passagem ao grupo de metralhadoras n.º 1, o 2.º sargento de infantaria 5, sr. Parreira d'Almeida.

Foi transferido para infantaria 2, o 1.º sargento de infantaria 16, sr. Augusto de Sousa Medeiros.

Vai ser colocado na banda de musica da Armada, o chefe de musica de infantaria 17, sr. José Oliveira Brito.

Foi proposto para ajudante do R. L. R. 35, o sr. tenente de infantaria e nosso assinante, sr. Alberto dos Santos Pereira Monteiro.

Pediu passagem a cavalaria 2, o 1.º sargento de cavalaria 3, sr. José Sanches.

Pediu passagem a infantaria 29, o musico de 3.ª classe de infantaria 5, sr. Ilisio Cordeiro Raposo.

No mez de janeiro proximo, devem ser preenchidas as vagas que existem de aprendizes de musica pelos manobos que tenham feito 16 anos de idade e que requeiram o alistamento naquela classe.

Pediu para ser admitido ao concurso, para sub-chefe de musica que se acha aberto no exercito, o musico de 1.ª classe do corpo de marinheiros da Armada, sr. Francisco de Matos.

Teve passagem a infantaria 20, o 2.º sargento sr. José da Costa Rato.

Pediu passagem a companhia de Artilheiros, o 2.º sargento de cavalaria, sr. Miranda Pereira.

Foi mandado apresentar no Deposito de Praças do Ultramar, o 1.º sargento Vitorino da Cruz Nazaré.

Falta de espaço

Devido á absoluta falta de espaço não nos foi possível publicar no nosso ultimo numero, os patrioticos versos da nossa distinta colaboradora Laurinda Seritram, em comemoração ao 1.º de dezembro.

Publicamos hoje, e com certeza não desmerecerão a justa apreciação dos seus admiradores.

Gervasio Albano-Batista de Sousa

Foi colocado no corpo de policia de Lousada, o nosso amigo e assinante, 1.º sargento sr. Gervasio Albano Batista de Souza.

Retribuimos o abraço que aquele nosso amigo nos enviou.

O BRAVO RETEM

(CONCLUSÃO)

Dos monarchas da primeira dinastia, nenhum, como o infante dom Pedro, herdara de seu avô o rei Diniz, as virtudes passionais, em mais apurado grau.

Devotado no íntimo dum paixão familiar, ora, quando a formosa Ignes lhe recordava a existência de seu filho legítimo, Fernando, ora, quando daquela boca breve se fazia lembrança no grave momento de governar o reino, era de vêr o másculo e belo infante, conchegar-se no riso inocentados filhinhos, ao perfumado corpo de Ignes, que no semblante das crianças ia de mansinho poisar o seu olhar amante, a emoldurar-lhes a vida num manancial cantante de belêza, e que... pouco tempo depois, os infelizes haviam de amaldiçoar entre o grito horrendo da mãe gorgolejando o sangue quente, e a insanias dum pai que a dôr fizera mentecapto.

Assim fôra sempre, desde que vivia em Coimbra, e na paisagem dulcíssima dos poénies, se enternecia a olhar numa familiaridade, o povo, que o amava na singelêza da sua vida e na justiça do seu caráter, mal, ou nunca cuidando nas intrigas sangui nolentas que se criavam, avolumando-se, no paço de Lisboa, amadurecidas á sombra de máus conselheiros, que, no cio das honras, bordejavam o presente, sem medir o futuro.

Bom é prometer; assaz difficil é cumprir, um dia dissera Afonso XI a sua mulher, pouco tempo depois da memorável tarde do Salado. E tinha continuado assim com effeito, na rudeza daqueles tempos, malbaratando até a honra da propria esposa, num adulterio porco e enlouquecido.

Porém o rei, como no começo do seu matrimonio, não se contentava já com a ostentação da sua perversa amante; ja mais longe, pretendia dar o throno de futuro, a um de seus filhos naturais. Era de mais, a rainha Maria que ainda tinha leais servidores, apêlou para elles; e lembrando-se de seu irmão, solicitou o seu auxilio.

Bem depressa se esfacelou a ne-

blina do segredo no negocio, em Portugal e na corte de Castela. Os conselheiros de cá, avolumaram a suspeita dum entendimento entre os dois irmãos, não contra o indigno esposo, porém contra o rancoroso pai. Os validos de Castela, pediram a morte da refece, que denunciada, fugiu para Sintra, onde á sombra das arvores seculares, passava a calmaria a corte medieva, inhospita e brutal de Afonso IV.

Na rudeza singela daquêles tempos, contam as velhas crônicas, que Afonso IV, afrontando a falsa injúria, envenenou com frutos, sua própria filha.

Tempo depois, em outubro de 1355, uma pequena cavalgada corria á rédea solta em direção ao norte; dias de viagem e ao pôr do sol entrava a larga porta das muralhas de Monte-Mór o Velho. O que se passou de íntimo, aquella noite, a dentro dos fortes muros da sala nobre do alcaide, ninguem o sabe; ao romper d'alva, o povo que começava moitejando, viu, num relance, os férreos conselheiros de Afonso IV, Alvaro Gonsalves, Pêro Coelho, Diogo Lopes Pacheco, e o proprio rei, numa galopada infrene correrem á rédea solta, caminho de Coimbra.

Chegados ali, e de ante-mão, conhecidos da saída do infante para a caça, foram afoitamente penetrando no pavimento da modesta habitação dos dois amantes.

Ao ruido dos visitantes acorreu Ignes... e eis frente a frente o algoz e a vítima.

Sam passados cinco séculos; e o pó bemdito do tempo amarelendo a pedra tumular do forte cavaleiro do Salado, parece ainda estalar num grito infernal, a clamar perdão ás gerações que vam passando, trombetas vivas do Direito, sobre a Razão e o Amor, daquela, que em Alcobaça, repousa no mais maravilhoso moimento que a arte gótica produziu em Portugal.

Plinio V.

O REGIMEN TURCO

(CONTINUAÇÃO)

A Turquia tem um imposto territorial (o imposto do Verghi) e uma especie de imposto sobre o rendimento (o imposto de Temellu), que é uma taxa sobre toda a especie de rendimento e salarios ou ordenados. Reparem no modo como estes impostos são lançados:

Um grande proprietario que dispõe de grandes influencias ou sabe mostrar-se generoso com os agentes do fisco, verá a sua grande e sumtuosa casa taxada como uma reles mansarda, e a sua fortuna avaliada, em quasi nada; enquanto que o pobre diabo, que só possui uma reles thoupana, e não pode engraxar as botas aquêles senhores, pagará como se tivesse um palacio.

O autor duma interessante obra sobre as finanças da Turquia descreve esta particularidade dos hábitos dos recebedores de impostos deste paiz:

O fisco, diz ele, deixa muitas vezes passar alguns annos sem exigir o pagamento dos impostos e, de repente, sai da sua incuria.

Os contribuintes teem, então, grande difficuldade em satisfazer as quantias em dívida.

Então, o recebedor, faz constar que se poderia entender com elles; e entendem-se efetivamente á custa duma boa gratificação.

Tambem existe o dizimo que não sendo recebido directamente pela administração é concedido por arrematação como noutros tempos, certas taxas, entre nós.

Este dizimo é lançado sobre as colheitas dos cultivadores; e os arrematantes exigem tanto mais, quanto mais caro a arremataram.

Os desgraçados aldeões são, ás vezes, obrigados a entregar ao arrematante do dizimo, 30 p. c. das suas colheitas.

E, por ultimo existem impostos braçais para a execução e conservação das estradas. Mas vai ver-se como as autoridades procedem para

d'este imposto tirarem o maior proveito.

Quando se projeta a construção duma estrada entre duas cidades do imperio turco, diz M. Berard, entre Salonica e Monustir, por exemplo: empregam as autoridades um meio infalivel para não a construir completamente, obrigando a grandes despesas os coletados.

Distribuem os trabalhos, muito engenhosamente, para que aos habitantes de Salonica pertença o trabalho ás portas de Monastir, a cem ou cento e vinte kilometros de suas casas, e, reciprocamente, os de Monastir são convocados para as portas de Salonica.

Os coletados queixam-se. A seguir, as autoridades inventam uma revolta e mandam logo os gendarmes e a tropa para guarnecer as aldeias descontentes. Os coletados são batidos, roubados e até queimados ou enforcados se não chegam a contratar com as autoridades o pagamento da sua coleta. Feito o pagamento, vai uma parte para as autoridades representantes da Porta.

Todos os annos se repete esta comedia e no fim de cincoenta annos a estrada não está feita, mas as autoridades teem recebido dez ou vinte vezes o seu custo.

E assim, neste desgraçado paiz, onde se está desenrolando a guerra, neste momento as estradas são enormes pantanos onde os velhos, as mulheres e creanças que fogem para Constantinopla, se enterram na lama até ao joelho.

A administração do exercito não está menos corrompida que as outras.

Vendem as isenções aos ricos e alistam, á força os pobres; e quando estes julgam ter acabado o seu tempo de serviço são obrigados a continuar nas fileiras para preencher as vagas motivadas pelas isenções escandalosas.

Aos pobres soldados das guarnições da Thracia, da Macedonia ou da Albania, não dão pré, nem pão, nem distribuem uniformes.

Ministros, prefeitos e officiaes, roubam os cofres e os arsenaes, vendem as farinhas, os uniformes e as armas.

O soldado esfomeado resolve-se a roubar. Rouba o habitante. Conta-se que um dia a guarnição de Ipek, morta de fome, abandonou, inteira, a cidade e dirigiu-se para Uskub onde vivia o governador e, ameaçadora, pediu de comer.

E não tiveram outro remedio! E durante duas semanas ali permanecem locupletando-se com alimentos, recusando voltar para os seus postos.

Nas cidades da Macedonia onde o bairro comercial, o bazar, é cristão, as autoridades procedem de maneira que de tempos a tempos se manifeste ali um incendio, e, principalmente todas as vezes que a guarnição militar, cansada de sofrer, manifesta intenções de revolta. Com o pretexto de combater o incendio são enviadas as tropas e, naturalmente, roubam as mercadorias que podem salvar.

Desde Janina a Prizrend, diz M. Berard, não existe um só bazar cristão que não tenha servido, uma ou duas vezes, para pagar, ou para uniformisar, e adquirir mais artigos para as tropas turcas da Albania.

Os soldados que teem desculpar-se dizendo que teem fome e frio e como não lhes dão nem uniformes nem pão, procedem daquela maneira. Estes soldados são bons aldeões

da Asia Menor, transportados para a Europa e a seguir remetidos para a Macedonia onde os abandonam sem uniformes e sem pão.

Esperam por muito tempo resignados e soffredores e, quando já cansados de sofrer, resolvem não esperar mais tempo, transformam-se de simples carneiros em lobos vorazes, passando a roubar e a viver á custa dos habitantes.

E claro que taes soldados nunca recebem pré. Sempre disse que valia mais ter negocios com os peores bandidos que com os gendarmes turcos.

Os gendarmes são efetivamente os mais refinados ladrões. Mas não é para admirar porque na Macedonia deviam receber o vencimento mensal de 30 francos e elles poucas vezes o recebem, e por isso roubam a quem estão encarregados de proteger.

(Continua.)

Foi colocado no 3.º batalhão da Guarda Nacional Republicana, em Evora, o nosso amigo e colaborador sargento-ajudante, sr. Manuel Antonio Vieira, pelo que o felicitamos.

PLACARD

Pagaram a sua assinatura até aos n.º que vão indicados, os seguintes srs., até ao

n.º 78

Francisco José de Figueiredo, 2.º sargento d'infantaria 35; até ao

n.º 91

Manuel Antonio Lucio, 1.º sargento d'infantaria 22; José Pires da Cruz, músico de 1.ª classe; Lourenço d'Almeida, espingardeiro, ambos d'infantaria 23; até ao

n.º 109

Vicente José Pires Antunes, 1.º sargento d'infantaria 12 e Manuel da Silva Piedade, tenente d'infantaria 23.

EXPEDIENTE

Estando o nosso jornal proximo a entrar no seu terceiro anno de publicação, pedimos aos nossos assinantes do Ultramar, a fineza de satisfazerem os seus debitos da assinatura; e aquelles que nos prometeram pagar no principio do mez de novembro, teemos a declarar que até hoje ainda não deram entrada nesta administração as referidas importancias.

Desnecessario se torna rapetir, que a cobrança postal alem de incerta é muito dispendiosa, e por isso esperamos que os nossos assinantes empregarão os meios para nos evitar maiores despesas.

Instalações Electricas — cam-painhas, para-raios

e telefones particulares

Nery Ladeira

63, Rua Visconde da Luz, 65

Telefone 311

TIPOGRAFIA DO JORNAL DE COIMBRA

25, 27 - Rua do Pateo da Inquisição - 29, 31

Nesta tipografia, montada com materias modernas, executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos tipograficos, taes como: — Memorias, memoranduns, circulares, prospectos, programas, recibos, faturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mapas, papel timbrado, envelopes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc., etc.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO DE JORNALIS

PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

TRABALHOS A CÔRES

PREÇOS MODICOS

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confeccão e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado
Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro
58 - RUA DA SOPHIA - 61
COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.
Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.
Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.
Especialidade em varinos d'Aveiro Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — mais de quatro mil endereços — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párcos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeografico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em harmonia com os actuais programas de instrução primária

POR

Ricardo Dinis de Carvalho

Amante da Secretaria da Inspeccão da 2.ª Circunscriçãõ Escolar, professor diplomado de instrução primária e sócio honorario de El Fomento de Las Artes — Madrid

Dezima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra, aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado. 160 réis
Cartonado. 210

A' venda na livraria F. FRANÇA AMADO

Livreiro - editor

115 - Rua Ferreira Borges - 123

COIMBRA

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depôs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 14600 REIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora — Moura Marques & Paraisos — 19, Largo Miguel Bômbarda, 25 — COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Código do Registo Civil, 200 réis

Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrução Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Política da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. Preços limitadissimos

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

A Voz do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR

ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA FRANCISCO FERRER, N.º 94

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 réis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todos as obras offerecidas á redacção

A demissão de Floro Henriques

O ser a *Voz do Sargento* um jornal militar não é motivo para que, haja de deixar sem protesto da sua parte qualquer ato, qualquer gesto que redunde em desprestígio do regimen ou que constitua ingratitude para com aqueles dos mais homens que mais leal e nobremente o tem servido.

Por divisa temos acima, bem explicitamente: *Pela Patria e pela Republica*.

Cremos firmemente que essa divisa a temos nós honrado de maneira que poderá ser igualada mas não excedida.

Por isso mesmo, porque defendemos o prestígio do regimen, mais que uma vez, com energia, sim, e talvez que até algumas vezes com rudeza, mas sempre a dentro das normas que nos impõe a lei, a quem aliás prestamos e sempre prestaremos o mais fervoroso culto, não só o culto que nos impõe a farda, mas, e sobretudo, aquele de que nos consideramos devedores, como cidadãos de um paiz livre, a esse mesmo paiz, temos verberado certos atos politicos menos justificados e justificaveis que, feita a Republica, se veem praticando.

Hoje encontramos-nos novamente em face de um desses atos que precisam ser verberados: a demissão de Floro Henriques do cargo de administrador do concelho de Coimbra.

A hora que escrevemos, o povo de Coimbra acaba de dar um forte exemplo de civismo e gratidão com a manifestação de simpatia que vem de fazer aquele impoluto republicano.

Bem a mereceu o inquebrantavel lutador de sempre e que, proclamada a Republica, soube honrar o espinhoso cargo para que foi nomeado no seu periodo de maior efervescencia.

Floro Henriques, quaesquer que fossem ou sejam as suas opiniões politicas, soube ser sempre e atravez de tudo, no lugar que tão distintamente ocupou, e do qual foi demittido por uma arbitrariedade inqualificavel de

Uma arbitrariedade inqualificavel

um desconhecido, que um dia ai apareceu a tomar conta do governo do distrito, arvorando-se em despota, um verdadeiro espirito de conciliação e justiça.

Ninguém, absolutamente ninguém pode dizer, com verdade, que Floro Henriques algum dia cometeu um ato de menos hombridade, descambou em politica de facções ou cometeu uma represalia contra quem quer que fosse.

E' triste dizel-o, mas exatamente porque Floro assim foi, sacrificando opiniões individuais, mas não se prestando ao miserimo papel de certa politica que de ha tempos se vem fazendo por esse paiz fora, é que o sr. governador civil cometeu contra ele uma violencia indigna, dessas violencias que de ha muito veem esfaqueando o prestígio do regimen e fazendo desanimar os homens que lhe deram vida.

Mas agora perguntamos:

Com quem querem contar, a proceder-se assim, de hoje em diante, os homens que, arvorando-se em senhores de tudo isto, vão a pouco e pouco, com pontapés de tirania, atirando para o canto, votando ao ostracismo os homens que a Republica mais lealmente tem servido?

Em nome de que principios se veem cometendo atos de politica cega e arbitrariedade?

Estamos em Republica, ou em puro absolutismo?

Se estamos na primeira, se realmente estamos em Republica, não se compreendem arbitrariedades;—se estamos no segundo, se estamos em absolutismo, então fóra a mascara e preparem-se já, sem demora, navios que transportem todos os que defendem principios democraticos para as mais inhospitas regiões africanas; ou então, como meio mais radical, ergam-se novamente as forcas simbolicas de D. Miguel 1.º!...

PAGINA DE HISTORIA

Com uma precisão cronometrica deslisarara sobre o tempo, junho de 911...

Nesta data sendo comandante militar de Okussi o sr. capitão Cunha, foi em visita ao referido comando o sr. 1.º tenente Souza Gentil, que ao atravessar os territorios de Bicôme e Tumbaba, quando se dirigia ao nosso posto de Nuê-Muti, foi intimado pelo comandante da ronda volante holandesa, a retirar, porque, segundo eles, aqueles territorios pertenciam-lhes e, em vista dos contratos entre os governos Portuguez e Holandez, nenhuma força portugueza por ali podia passar, sem previa autorisação da autoridade holandesa!

O sr. Souza Gentil depois de rever mais mais uma vez a carta de que ia munido, retorquiu: — Que não lhe reconhecia o direito de o convidarem a retirar, porque os terrenos que contestavam eram portuguezes e que se a algum competia fazer convites de tal natureza era a ele como representante do governo portuguez e que se a algum competia retirar eram eles; todavia, que ia fazer sciente do caso o seu governo, unica autoridade de quem recebia ordens...

Os holandezes retiraram e o referido sr. seguiu ao seu destino...

Sua ex.ª o Governador logo que teve conhecimento de tal o corrençia, reuniu a toda a pressa algumas praças da companhia de moradores de Lacolô, e companhia indigena de infantaria e secção europeia e seguiu para Okussi em 15. Desembarcando em Ponte-Macassar — sede do referido comando — seguiu para os terrenos contestados levando sob a suas ordens os srs. tenentes Ramos Fonseca, capitão Azevedo e alferes Candido e Garcia. Acamparam em Passabe...

No dia seguinte puzeram-se em marcha e enternando-se pelos terrenos contestados de Bicome e Tumbaba foram envolvidos pelos holandezes no lugar de Fato Suba, formou-se quadrado e conservamo-nos na defensiva!...

Ambas as forças se conservaram frente a frente alguns instantes, de cruel incertesa para todos, sem duvida, mas concertesa, dispostas a medirem-se mais uma vez no campo da batalha, onde o nosso soldado tanta gloria tem alcançado...

Passados alguns minutos como o comandante da força holandesa fizesse menção de querer parlamentar, foi mandado ao seu encontro o sr. tenente Barros que, depois de conferenciarem retiraram cada um para os seus a dar conta das suas missões; e, emquanto os holandezes, que estavam em linha de atiradores se união e retiravam ao seu acampamento, procuraram logares apropriados e acamparam...

.....
Ia o sol no ocaso...

Andavam os nossos na asafama da construção d'alguns abrigos, quando no acampamento se apresentou uma ordenança holandesa a fazer entrega de um officio, era o ultimatum que nos dava o praso de 3 dias para abandonarmos o que era nosso!

Em vista disto os nossos trataram de se intrincheirar e no dia seguinte a ronda volante holandesa vendo o que no nosso acampamento se fazia foi o comunicar ao respetivo comandante, este por sua vez mandou um delegado ao nosso acampamento pedir uma conferencia, foi-lhe concedido e ao seu encontro foi o referido sr. tenente Barros.

Chegados á fala e depois de ambos declinarem as suas graduações e funções, o comandante da força holandesa depois de lamentar os acontecimentos, demonstrou a sua estranheza pelo que os nossos faziam, estando ambos os seus governos de amigaveis relações...

O nosso delegado retorquiu que igualmente deplorava taes casos não só por se darem entre duas nações amigas mas ainda porque tendo ambas as nações intesses comuns e um só fim, como é a civilisação do indigena, alem dos amigaveis tratados que entre ambos havia, tinham alem disso todo o interesse uns que as relações amigaveis que

ainda existiam não fossem perturbadas, todavia que se algum era responsável pelas acontecimentos que se estavam dando era ele que se representava da Holanda nos queria usurpar uns terrenos que sabia e reconhecia, embora o não quizesse demonstrar, não serem seus; e que quanto ao nosso entrenchamento nada tinha que se admirar, não só devido ao ultimatum que lhe tinha mandado no dia anterior, mas ainda porque enquanto existissem os contratos em vigor na presente data, nunca reconheceria nem admitiria a Holanda autoridade sobre do terreno em litigio ou que lhe desse ordem em sua casa...

Tornando a falar o delegado holandez lamentou mais uma vez que os acontecimentos e sobretudo a maneira como tinham interpretado a sua carta, que nunca fôra seu intuito hostilizar os portugueses, de quem, como o seu governo, era amigo; porém dado o caso que os portugueses quizessem, ambos retirariam dos

terrenos contestados e deixaria-se a sua resolução aos seus governos...

Sobre esta ultima parte o delegado portuguez disse nada poder dizer porque não era só, mas que ia ouvir os seus camaradas e das decisões que tomarem lhe daria conhecimento...

Houve conselho de officiais e como todos concordassem que a nossa retirada equivalia á abdicção dos nossos direitos foram unanimes em ficar e disto foi dado conhecimento ao delegado da Holanda...

Decorrem dias e os holandezes desembarcam tropas nos seus portos e enquanto meia duzia de portuguezes se dispõe a morrer ao primeiro embate, em serviço da sua Patria, traz-lhes o cabo submarino a vergonhosa ordem de recolher a quartéis.

Timor, 1912.

Agostinho Leonardo Rodrigues,
2.º sargento d'artilheria.

DIVIDA DE AMOR

Se me fosse possível comparar
O amor que recebi com o que dei,
Veria certamente — eu bem o sei —
Que se não de as duas partes compensar.

Não que tivesse a dita de lograr
Sempre um amor igual, dos que eu amei;
Mas também, compensando, — justa lei! —
Nem sempre o alheio amor pode egualar.

Uma divida só tenho impagavel
A qual é para mim o maior bem,
Divida infinda, enorme, inegualavel;

Pois nunca poderei dar a ninguem
Um afeto que seja comparavel
A'quele amor que eu devo a minha mãe!

J. C. Mendes Junior

LENDAS

Nos Lusíadas faz-se derivar a origem da nossa nacionalidade, de Lusc, inseparavel amigo de Bacho. Não pode ser. A razão de principio da nossa existencia em primeiro lugar, seguida logo da épica gloria portugueza, está na mythologia de Thétis; o portuguez tem o berço no mar.

Como ele, é nos momentos intempestivos da luta, duma valentia intemerata e... enlouquecida. Como ele, tem nos longes imortais da sua vida, a gloria do oiro a depurar-se no cadinho rubro da infinita amplidão. Como ele, é na epopeia da sua historia, a amoravel lenda do misterio, santificado e eterno.

A lenda...; a lenda! Sabeis vós o que é a lenda? sim, ouve-se dizer, e ás vezes que jactancia! Mas o seu significado? A sua razão?

A lenda é o misterio; do misterio do passado, legislando sobre a memoria dos fatos, com a lição da His-

toria que, em densos cirros, envolve a verdade crua, e gera a tradição.

E eis, porque, as lendas da nossa historia patria, vivem na memoria do povo, transmitidas de geração em geração, por que este mesmo povo, ao tornal-as verosimeis na dulcissima paisagem do seu paiz, tem dentro do coração toda a razão da sua longa vida; quere na paz santificada da ceifa, quere na lugubre jornada da guerra.

— da promessa de Egas Moniz.

Intempestiva fôra a morte do conde Henrique, pois que á hipocrita desolação da sua viuva, se ajuntara a desesperança do moribundo á constituição dum novo reino christão.

Porém, se no espirito vacilante de agonia imperava o desespero, no pranto sincero dos nobres portugalenses havia na magua do perdido, a forte esperança do filho Henriques, que ficava.

Ora, logo após a viuvez, a condessa Thereza, na oposta lei dos

feudos a governar os condados, ficára muito a contento dos rijos fidalgos de sua casa, na quietação do seu castelo de Guimarães.

Para começar, isto era já muito; mas, a ela que, na fragilidade do sexo, desprezava o perigo, parecera pouco. E assim, entre as discordias caseiras, derimidas a virotóis e lanças nos campos de combate, de sua irman Urraca e seu segundo esposo, lançara-se abertamente no auxilio do mais forte, ora a irman, ora o cunhado, consciente da recompensa, que, felizmente infrutifera para decora da origem da nossa nacionalidade, lhe adviria de sua conduta.

Não saciada ainda, quando do tempo em que era obrigada a prestar vassalagem a seu suzerano Afonso VI, olvidara a homenagem, e eil-a chamada por seus áulicos, *condessa-infanta*.

Então, ajudadas as circunstancias ainda por causas morais... é que no principio de 1128, o rei de Castela, vem numa intempestiva ameaça, cercar Guimarães.

Então, é que um velho, o áio Egas Moniz, na sensatez pesada da sua laboriosa vida, vai, com assentimento do seu pupilo Henriques, ao campo inimigo, prestar a mensagem desejada, em nome de dona Thereza e de seu filho Afonso Henriques.

Sucessos varios tornaram rapido o assento do infante no governo do condado. Em fins do ano de 1128 chega o momento do preito, e... nas lides da guerra, ninguem o recorda.

Então se conta que, Egas Moniz, seguido da esposa e filhos, a pé descalço e segurando pelas espaduas nuas o infame barão, se apresenta perante a cõrte de Afonso VI, que em Toledo o recebe, e

...vendo a estranha lealdade,
Mais pôde emfim, que a ira, a piedade.

O viajor, que na rica paisagem do Minho, entrar no desmoronado mosteiro beneditino de Paço de Sousa, ha de encontrar ao fim de instantes de indecisão, quasi ao meio do igreja, a escultura grosseira e carcomida, lavrada na pedra do sepulchro, onde á sete seculos, repoisam as cinzas desse honrado portuguez, cuja lenda engrinaldada de geração em geração, tem resistido á alavanca poderosa da civilização, e para gloria eterna de Portugal, ha de perdurar na memoria de portuguezes como a mais nobre lição que o passado nos legou.

Plínio V.

Recrutamento

Termina em 20 do corrente o prazo em que os recrutados que tem a sua residencia numa localidade diferente da do recenseamento, possam requerer a incorporação na unidade da sua arma correspondente ao domicilio, querendo.

Os individuos a quem pertença a 1.ª incorporação, devem apresentar-se nos seus destinos entre 12 e 15 de janeiro, solicitando antes as competentes guias, e os que faltarem são notados refratarios, sujeitos a dois anos de serviço efetivo nas fileiras.

Esteve entre nós o nosso amigo Antonio Mascarenhas d'Almeida, a quem nos unem de ha muito laços de fraternal amizade.

Depois do abraço apetecido retirou novamente para o seu querido Luso.

O REGIMEN TURCO

(CONCLUSÃO)

Relativamente aos funcionarios civis teem, pôde dizer-se, a mesma desculpa. Desde o *vali*, governador geral da provincia, até ao ultimo *chaouch*, todos foram obrigados a comprar os seus logares e, todos, desde o mais alto ao mais baixo, só com muita irregularidade recebem os seus ordenados.

Não teem senão o recurso de se desforrar nos administrados não só pelo *balachich* especie de gratificação, mas até pela força e pelas exações de toda a especie.

Mas ainda não é tudo. A' opressão do funcionario turco, e ás ladroerias dos soldados vem juntar-se para os desgraçados Macedonios christãos da raça servia ou bulgara as ladroerias dos Albanезes. Raça forte ardente, e guerreira, os Albanезes, oferecem no nosso século o espectáculo dum povo que ficou com os costumes rudes da Edade-Média.

Desde tempos imemoraveis que vivem á custa dos seus vizinhos.

Em janeiro de cada ano descem das suas montanhas e veem instalar-se em casa dos cultivadores macedonios a quem lançam as contribuições que passaram seis mezes veem receber.

Esta contribuição tem por base a sua apreciação e arbitrio.

Um cultivador é colétado em 15 ou 20 libras turcas, outro cuja exploração lhes parece mais rendosa é colétado em 100 libras.

No mez de junho os chefes albanезes voltam acompanhados de numerosas forças para receber as contribuições e todo o cultivador que se recusa a pagar, ou mesmo se atreve a discutir, é morto a tiro.

Ainda mais: O chefe albanез que, com o seu sequito, esteve alojado, durante 15 dias ou 3 semanas, em casa do cultivador macedonio a quem arruinou, se resolve a regressar ás suas montanhas tem ainda a audacia de exigir um ultimo imposto que designam por uma palavra que significa o *juró do dente* para os indemnizar do trabalho que os queixos tiveram durante todo o tempo que o mesmo chefe e os seus ómens estiveram comendo á custa do pobre cultivador.

Por feliz se deve dar o aldeão macedonio quando só lhe levam o seu dinheiro. Muitas vezes se tem filhas ou mulher bonitas, levam-lhas para adornar o arem do chefe.

Por tudo isto é facil de conceber que esta pobre gente se exasperasse e que os seus irmãos de raça, os bulgaros, os servios, os montenegrinos e os gregos ouvindo os seus justos queixumes se precipitassem em seu auxilio.

E, tambem, sabendo-se o que é o regimen turco, conhecendo-se todo o sistema de concussões e roubos, tambem se concebe que o exercito turco, apesar do valor dos seus soldados, da sua força, da sua sobriedade, e da sua resignação, não podesse fazer frente á admiravel organização militar dos seus adversarios. Estes tudo tinham preparado, a aquelas tudo faltava.

Diz um correspondente dum jornal junto do exercito turco que o que mais o impressionou junto das tropas, foi a falta do serviço de administração.

Os soldados, desprovidos de tudo, morriam de fome e estavam muito enfraquecidos antes dos combates. Já estavam destinados a ser derrotados. Os serviços de saude não estavam melhor. Na frente não tinham

ambulancias moveis nem medicos, e a retaguarda não existiam hospitaes de campanha organisados.

Não tinham nem telegrafos nem telefones de campanha para a transmissão das ordens. A artilharia era insufficiente e muitas vezes sem munições. O material, em geral, defeituoso. Mais uma consequencia da intriga, da gratificação forçadas, e das lutas dos fornecedores.

Eis a obra do regimen turco. Se lhe juntarmos as fraquezas do alto comando, confiado, não ao valor militar, mas ao favor politico, teremos a explicação de todas as fatalidades que pezarão sobre o exercito turco, desde o principio da guerra.

Um povo é sempre senhor dos seus destinos. Se o mesmo povo não tem a energia de impôr aos seus funcionarios e aos seus homens politicos os sentimentos de previdencia, a pratica da probidade, o respeito da liberdade de cada um; numa palavra, os principios da moral social que asseguram a vida das nações, este povo está destinado, fatalmente, a cair e a desaparecer.

O que se está passando no Oriente é mais uma nova prova.

Foi o regimen turco que assegurou as victorias aos confederados balcanicos; será o regimen turco que matará a Turquia.

(a) ERNEST SAUT.

NOTICIAS MILITARES

Foi promovido a coronel e nomeado comandante de artilharia 2, o tenente-coronel de artilharia, sr. José Maria Luiz d'Almeida.

Foram promovidos a tenentes, os alferes d'infantaria 24, srs. João Luiz de Sousa Beirão e Gaspar Inacio Ferreira.

Foram promovidos a tenentes os alferes srs. Henrique de Jesus e Silva, Adelino Lopes da Silva Santos, Anibal de Barros e Pedro José da Guia Real, respetivamente de infantaria 28 e 35.

Foi colocado em artilharia 2, o capitão de artilharia em disponibilidade, sr. Antonio Brandão de Melo Mimoso.

Foi nomeado ajudante do regimento de cavalaria 8, o capitão de cavalaria 7, sr. Alexandre Inacio de Barros Vanzeler.

Foi colocado no estado maior d'infantaria e nomeado encarregado da instrução militar preparatoria no distrito de Angra do Heroismo, o capitão d'infantaria 24, sr. Antonio Silveira Lopes.

Foi colocado em infantaria n.º 23 o capitão d'infantaria 13, sr. José Joaquim Canhão.

Veiu em serviço a esta cidade, o alferes d'artilheria 2, sr. Antonio Duarte Areosa.

Regressou da Figueira da Foz, onde foi em serviço da sua especialidade, o capitão d'engenharia sr. Abel Augusto Dias Urbano.

Foram nomeados jurados do tribunal militar desta cidade, o tenente d'infantaria 23, sr. Joaquim Gonçalves Mendes Junior e alferes d'infantaria 35, sr. Raul Torres Batista.

Foram concedidos dez dias de licença nos termos do regulamento dos quartéis generais, ao capitão sr. Eduardo Gomes da Silva, ultimamente colocado em infantaria 5.

Foram concedidos dez dias de demora, ao major Manuel dos Santos Moutinho, ultimamente nomeado comandante do 1.º batalhão d'infantaria 28.

Pediu licença para se consor-

ciar o alferes d'infantaria 35, sr. Manuel Soares Fernandes Beirão.

Foram concedidos 10 dias de licença ao coronel d'artilheria, sr. João Alves Camacho, que sendo comandante d'artilheria 2, foi colocado em artilheria 7.

Foi deferido o requerimento em que o mestre de corneteiros de infantaria 18, sr. José Ferreira, pedia licença disciplinar.

Pediu passagem a infantaria 29, o 2.º sargento de infantaria 32, sr. João Daniel Soares.

Foram arbitrados 30 dias de licença para se tratar ao 1.º sargento aspirante a picador, de cavalaria 9, sr. Luiz Ribeiro Pinto Bacelar Junior, que pediu para a ir gosar em Valpassos.

Pediu para praticar na montagem e desmontagem de motores, reparações e afinações dos mesmos e mais conhecimentos de automobilismo, a fim de se dedicar á aviação do exercito, o 2.º sargento de infantaria 31, sr. Alberto de Magalhães da Mota e Moura.

Foi deferido o requerimento em que o 1.º sargento de infantaria 32, sr. Antonio Pinto, pedia licença disciplinar.

Pediu para ser classificado para empregos publicos, o 2.º sargento de cavalaria 11, sr. Manuel Pinto Coelho de Andrade, e o 2.º sargento de infantaria 18, sr. Carlos Gonçalves Garrido.

Pediu para ser admitido ao concurso para sub-chefe de musica, o musico de 1.ª classe de infantaria 4, sr. Joaquim da Silva.

Pediu passagem ao batalhão de artilharia de guarnição, o 1.º sargento da bateria de artilharia de guarnição, sr. José Curado e ao regimento de infantaria 18, o 2.º sargento de infantaria 25, sr. Adolfo Ultra.

Foi nomeado definitivamente amanuense do governo civil de Ponta Delgada, o 2.º sargento de infantaria 26, sr. Virgilio da Mota Ambar.

Pediu para ser provido no lugar de escriptorario ou revisor dos caminhos de ferro do Minho e Douro ou Sul e Sueste, o 2.º sargento de artilharia 5, sr. Francisco dos Santos, e para ser provido no lugar de escriptorario nos caminhos de ferro do Estado, o 2.º sargento de infantaria 30, sr. Germano Noronha e Vasconcelos.

Pediu passagem a um dos corpos da guarnição de Braga, o 2.º sargento de infantaria 31, sr. José Vitor, e a cavalaria 5, o 2.º sargento de cavalaria 8, sr. José Francisco Serpa, e a um dos corpos da guarnição de Lisboa, o musico de 2.ª classe de infantaria 17, sr. Joaquim Ordem Pestana.

Pediu passagem aos regimentos de infantaria 5 ou 1, o 1.º sargento de infantaria 16, sr. José d'Oliveira Belo, e ao regimento de infantaria 29, o 2.º sargento de infantaria 32, sr. José Daniel Soares.

Pediu passagem a infantaria 20, o sub-chefe de musica de infantaria 35, sr. Manuel Rodrigues de Oliveira.

Pediu para ser nomeado escriptorario ou revisor dos caminhos de ferro, o 2.º sargento de cavalaria 3, sr. João Ferreira de Carvalho.

Pediu para ser nomeado escriptorario de 3.ª classe dos caminhos de ferro do Minho e Douro, o 2.º sargento de artilheria 4, sr. Albino Carneiro.

Pediu passagem ao 1.º batalhão de sapadores mineiros, o 2.º sargento do batalhão de pontoneiros, sr. Francisco Antonio Neves.

Pediu licença para ser colocado

no hospital militar do Porto, o 1.º sargento do 3.º grupo de companhias de saude, sr. Marcelino Ramos.

Pediu para ser classificado para empregos publicos, o 2.º sargento de infantaria 13, sr. Adriano Candido de Magalhães.

Aceitou o lugar de fiel do material de guerra da torre de Belem, o 2.º sargento da 6.ª companhia de reformados, sr. Artur Bernardo Pereira.

Foi recomendado que ás praças licenciadas para localidades a menos de um dia de marcha (até 25 kilometros) não seja fornecido transporte em caminho de ferro.

PLACARD

Pagaram a sua assinatura até aos numeros que lhes vão indicados os seguintes senhores; até ao

N.º 33

Antonio Pedro da Silva Soares Junior, de infantaria 22; até ao

N.º 65

João Antonio, musico de 1.ª classe de infantaria 35; até ao

N.º 91

José Manuel, 2.º sargento da guarda fiscal, Quintanilha; Alexandre Tomaz Gil e Agostinho de Deus, musico de 1.ª classe, ambos de infantaria n.º 35; Felix Carneiro da Silva, e Aguiar, 2.º sargentos dos grupos de tropas da administração militar; Antonio Marques Carolino, comerciante de Coimbra; até ao

N.º 96

Alberto dos Santos Pereira Monteiro, tenente de infantaria; Augusto Nunes Tiago, 1.º sargento de infantaria 35; até ao

N.º 104

José dos Santos, 2.º sargento da guarda fiscal, Porto; José d'Oliveira Miranda, alferes do secretariado militar; Conde e Visconde do Armeal; até ao

N.º 115

Francisco d'Assis da Silva Ramos, alferes de infantaria, Loanda, até ao

N.º 135

Joaquim Domingues, 2.º sargento da 3.ª companhia indigena d'Angola, Ambrizete; até ao

N.º 171

Augusto Afonso, 1.º sargento da 11.ª companhia indigena de Angola, Bihé.

Antonio Pedro da Silva Soares Junior

Deste nosso camarada recebemos a quantia de 500 réis para pagamento da sua assignatura, sendo o remanescente (325 réis) entregues á viuva do nosso camarada Fernando da Fonseca Mesquita e Sola.

Em nome da beneficiada, os nossos agradecimentos.

Coimbra Centro

Empenha se grandemente uma comissão de socios desta popular coletividade em realizar no dia 22 do corrente uma festa imponente composta de sarau, seguido de baile e uma conferencia pelo nosso dedicado colaborador sr. Acacio Serra, subordinada ao tema — Coletividades recreativas.

Transcrição

O nosso prezado colega o Fama-license transcreveu no seu numero 204, o artigo que publicamos no nosso ultimo numero com o titulo — Entendamo-nos.

Penhoradamente agradecemos tão amavel deferencia.

Adesão

Aderiu ao partido republicano portuguez, o nosso denodado colega *Jornal de Abrantes*.

3.º Batalhão da Guarda Nacional Republicana

Foi colocado neste batalhão o alferes ajudante e nosso estimado assinante, sr. Carlos Ludigero Antunes Cabrita, pelo que o felicitamos.

Tribunal militar de Vizeu

Em sessão de 7 foram absolvidos o 1.º sargento José Sanches, de cavalaria 3, e 2.º sargento Almeida Mamede, d'infantaria 7.

A *Voz do Sargento* abraça os seus camaradas pela justiça que lhes foi feita.

EXPEDIENTE

Estando o nosso jornal proximo a entrar no seu terceiro ano de publicação, pedimos aos nossos assinantes do Ultramar, a fineza de satisfazerem os seus debitos da assinatura; e aquelles que nos prometeram pagar no principio do mez de novembro, temos a declarar que até hoje ainda não deram entrada nesta administração as referidas importancias.

Desnecessario se torna rapetir, que a cobrança postal alem de incerta é muito dispendiosa, e por isso esperamos que os nossos assinantes empregarão os meios para nos evitar maiores despezas.

ARTIGOS FUNERARIOS

NOVA CASA DO POVO

ANIBAL SOARES

Vale da Estrada (Catraia)

LUSO

Encarrega se de quaesquer serviços funerarios, por preços sem competencia. Garante segurança e perfeição como prova com todos os seus freguezes.

Tambem vende artigos de mercearia, vinho e tabacos.

COMENSAES

Recebem-se de ambos os sexos na travessa do Cabido, n.º 1. Os meninos não devem ter idade superior a 14 anos. É casa bastante seria.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado
Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro
58—RUA DA SOPHIA—61
COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.
Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.
Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.
Especialidade em varinos d'Aveiro Uniformes para militares.

Annuario Commercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc., de todo o distrito. Galeria commercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS
Em harmonia com os actuais program. as de instrução primária

Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscricção Escolar, professor diplomado de instrução primária e sócio honorario de El Fomento de Las Artes — Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado 160 réis
Cartonado 210

A' venda na livreria F. FRANÇA AMADO

Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 125
COIMBRA

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensin-a-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicílios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM-CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.
Codigo do Registo Civil, 200 réis.
Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.
Lei da Instrucção Primaria, 100 réis.
Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.
Constituição Política da Republica Portuguesa, 60 réis.
Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.
Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82
Proximo ao Colyseu LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da orden (o melhor que se fabrica).
Botões dourados. — Preços limitadissimos.

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depôs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 1\$600 RÉIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora — Moura Marques & Paraiços — 19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.
Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.
Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

Modelo Francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

TYPOGRAPHIA DO JONRAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO COIMBRA

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatórios, etc.

Composição e Impressão de Jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMODOS

CAFÉ DISTINTO

MARCA REGISTRADA

O MELHOR DA ATUALIDADE

Este primoroso café, devido á sua combinação, é o mais forte, saboroso e aromático

Vende-se em lindas latas acharoadas

Latas de 500 gramas	350	Pacotes de 250 gramas	170
» » 250 »	180	» » 125 »	85
Pacotes de 400 gramas	70 réis		

DEPOSITO GERAL FLOR DO JAPÃO

66, Rua da Sofia, 70 — COIMBRA

CHA' DISTINTO

Preparação especial de DAVID LEANDRO — Recomenda-se este magnifico chá, por ser forte e muito aromatico.

VERDE OU PRETO

Pacotes de 100 gramas	280	Pacotes de 25 gramas	70
» » 50 »	140	Descontos aos revendedores.	

O café e chá DISTINTO, combate todas as marcas do mercado

Cafés moídos desde 300 a 700 réis o kilo

Torrefacção e moagem de café a vapor

David Leandro, Proprietario

A VOZ do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA FRANCISCO FERRER, N.º 94

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 réis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

UMA OBRA DE JUSTIÇA

Por Sua Ex.^a o Ministro da Guerra foi apresentada á Camara dos Deputados uma proposta para que fossem promovidos a alferes os sargentos-ajudantes a intercalár com os cursos saídos da Escola de Guerra e já promovidos a oficial. Aos representantes do Povo Portuguez coube agora tornar em lei a proposta de Sua Ex.^a, e, creiam Sua Ex.^{as}, que, fazendo-o, nas suas consciencias não pode germinar a mais tenue accusação.

A aprovação da proposta do sr. coronel Barreto, o grande amigo da classe dos sargentos portuguezes, é um lenitivo á morosidade que tem sofrido a classe dos sargentos d'infantaria na sua promoção, que vê os seus camaradas das outras armas e serviços caminhando a passos largos na senda do acesso, enquanto eles se viam pouco menos que paralisados.

Em Sua Ex.^a, porém, confia a arma de infantaria; e, se bem que d'alguns sargentos d'esta arma Sua Ex.^a tem recebido agravos, o seu alto e democratico espirito saberá ver que não tem sido a classe que o tem ofendido, mas sim um pequeno numero de precipitados.

A proposta de Sua Ex.^a, por qualquer lado que fosse apreciada, só pode inspirar simpatia aos srs. deputados, a quem coube agora discuti-la: em primeiro lugar porque obvia a que alguns camaradas a quem pertença a intercalação, deixem de ser preteridos; em segundo lugar porque evita que alguns sargentos-ajudantes que hão de ser alferes mais antigos do que individuos saídos da Escola de Guerra, façam serviço com eles, sendo, provisoriamente, seus inferiores; e em terceiro lugar porque vae dar o acesso a uns tantos 1.^{os} sargentos, que vêem muitos camaradas mais modernos feitos sargentos-ajudantes e alferes em outras armas.

Alem d'estes inconvenientes moraes e disciplinares que a proposta vem sanar, ela traz ainda mais uns tantos instrutores para esses milhares d'homens que a infantaria tem prestes a encher-lhe os seus quartéis, e, felizmente, no nosso Parlamento ha bastantes officiais do exercito, para que não seja necessario dizer-lhes, que nam são só os bons materiaes fazem os bons exercitos, mas sim tambem os seus quadros; e Suas Ex.^{as} bem o sabem, e todo o paiz, que os sargentos portuguezes sam competentes para uzarem os galões de official, que nunca envergonharam, como a nossa historia o atesta e como a Revolução de Outubro exuberantemente o prova.

Por alguns nossos camaradas fomos encarregados de redigir uma representação a Sua Ex.^a pedindo o preenchimento do terço, o que fizemos, se bem que incompetentemente, mas com a sinceridade que pômos sempre nos nossos atos.

Sua Ex.^a teve a extrema benevolencia de nos ler, e isso nos basta, como paga do nosso modestissimo trabalho; resta-nos agora agradecer ao Parlamento a aprovação da proposta de Sua Ex.^a, a quem nas colunas d'este jornal, onde temos advogado, sem brilho, é certo, a causa da nossa classe, deixamos o nosso mais veemente agradecimento.

Evora, dezembro de 1912.

Manuel Antonio Vieira,
sargento-ajudante da Guarda Nacional Republicana.

E' TEMPO!

Todos são unanimes em dizer que a situação financeira do paiz é pessima, confessando que só com um vigoroso impulso de patriotismo, numa conjugação forte de vontades, se conseguirá chegar ao fim alvejado de equilibrar o nosso orçamento financeiro.

Todos confessam que, para

isso, deviam cessar as guerras de politica personalista, pôr de parte suscetibilidades mesquinhas, ambições do mando, caprichos, vaidades, que todos os dias se salientam por parte de muitos dos nossos politicos, e unirem-se todos em torno da bandeira da Patria, fazendo trabalho comum por tornal-a novamente engrandecida.

Não ha duvida, assim devia ser.

Mas, afinal, o que vemos nós fazer por esse paiz fóra?

Vemos sempre a mesma luta hedionda de mesquinhos odios, de ambições desmedidas, de revoltantes caprichos, de cegas vaidades, cada qual esforçando-se por firmar um poderio que não deve existir, deixando-se todos arrastar, na furia de orgulhos insatisfeitos, até á insanias das agressões mais vis!

Isto não pode continuar assim! E' preciso opôr um dique á furia louca com que se degladiam os politicos.

Mas isso tem que ser já, sem demora.

E' tempo!

A CARESTIA DA VIDA

As classes proletarias convulsionam-se angustiosamente porque vêm improficuos todos os seus herculeos esforços para repelir, no bremente, a fome.

O comercio, a industria, a agricultura, jazem numa tal estagnação, que difficil se torna conjeturar acerca do terminus de tudo isto.

Porque as fazendas não têm saída, de modo a proporcionar gróssos lucros, que satisfaçam plenamente a ambição sórdida do industrial, este diminue o salario aos seus operarios e vai a pouco e pouco, de forma a não levantar protestos, dispensando dos seus serviços, algumas dezenas de braços.

Mercê do incremento deveras assustador que ultimamente tomou a imigração, nos campos sente-se e nota-se absoluta falta de braços.

D'aqui resulta que a produção horticola e cerealifera se não limita sequer ao rame-rame do pão nosso para cada dia, visto que a todo o momento se importa do estrangeiro, milho e pão.

Os generos de primeira necessidade, estão por tal forma caros, que

as classes pobres, difficilmente entretêm, enganadoramente, o estomago.

As rendas das casas, depois que terminou o ano *berbicacho* da lei do inquilinato, foram acrescidas com quasi 50 %.

Emfim, das mil e uma necessidade de uma casa de familia, não chega a ter satisfação exata ou pelo menos sufficiente, uma, a alimentação!

Em síntese: a fome, o desconforto, a miseria com todo o seu seqüito de horrores, campeia infremente no seio da classe trabalhadora.

Em presença, pois, do que fica exposto, que faz quem tem obrigação de remediar não digo por completo, mas pelo menos em parte, na medida do possível suavizando, pelo menos com boa vontade, as agruras de semelhante situação?

Discute futilidades, estiola a sua energia em apregoar nos comícios ou em conferencias os elixires salvadores deste ou daquele grupo partidario, assiste a banquetes de homenagem, vae lançando o anzol a uma boa comissãozinha de serviço e no parlamento porque se diz que este ou aquele não é republicano historico ou coisa semelhante, bate-se em duelo e come sempre a roca balas sem resultado!

Outras creaturas, e vá que fazem bem mais, levadas a isso por um demaziado zelo patriótico, ou por uma canina fome de evidencia, promovem subscrições para aeroplanos, estatuas, jantares, festins, etc., etc., e preterem uma das primeiras necessidades da vida e da humanidade, a alimentação.

Ninguém vive sem se alimentar. As plantas não crescem sem o competente adubo e rega.

Por consequência, logo que a alimentação do povo é uma das primeiras necessidades, que não pode ser prejudicada e preterida por outra qualquer, seja de que natureza fôr, é urgentissimo tratar-se da immediata adoção de medidas que tornem a vida de mais facil acessibilidade ás classes menos abastadas.

O Povo é a Republica, a Republica é a Patria e a Patria sucumbe á mingua de pão.

Portanto senhores, que sois o Povo, porque esse mesmo Povo em vós delegou a sua representação, reparaí que aqueles que em vós lealmente confiaram têm fome, e que a fome conduz a todas as degradações e justifica todos os atos, ainda os mais violentos.

E' cedo para caminhar um pouco mais e demaziado tarde para retrogradar, razão porque as instituições republicanas estão infiltradas na massa do sangue do Povo Portuguez.

Elas ou serão a salvação da Patria, ou serão a mortalha de todos os Portuguezes!!!

E para que desta afirmação, co-nsciente e categorica, desapareça qual-quer laivo de aparente gratuidade, basta satisfazer ao Povo que trabalha, que produz e nada tem, a sua unica aspiração: dar-lhe pão porque tem fome.

Argus Beirão

A dissolução dos grandes imperios

Portugal antigo e Portugal moderno

Outr'ora, quando a vida na Terra equivalia a uma cruz crivada pelos mais aguçados e martirizantes espinhos, espinhos que representavam as numerosas rudêsas da época dominante; antigamente, em que a humanidade proseguia através dos tempos lutando com as mais cruéis deficiências nas suas comodidades vitais; no tempo em que o homem tinha por unico e exclusivo abrigo das desabridas intemperies da natureza as rispidas e nuas concavidades selvaticas da Terra, porque da terra lhes não surgiam os confortáveis edificios do seculo XX; nesses tempos em que a civilização era então o que é hoje o «famoso» sonho do anarquista inconsciente, desprezando se tudo quanto lhe dizia respeito para unicamente persistir na alma a dominante preocupação da guerra, porque da guerra vinha a amplidão do imperio; naqueles tempos de remota antiguidade em que os espiritos das mais nobres e dignissimas personagens eram dominados pela rude e obscura ignorancia, porque na ignorancia nasceu o mundo; nesses tempos remotos, girava esta velhinha bola na obscura amplidão celeste, envolvida continuamente pelo turbilhão colossal das sangrentas lutas entre os seus belicosos habitantes; errava pelo espaço infinito e insondavel constituindo um verdadeiro misterio da natureza perante a incoerência dos povos que então a dominam!... Mas esses povos conquanto fossem dotados duma rudêsas tal a ponto de chegar a verdadeira selvageria; embora tivessem por unica hospitalidade, a hospitalidade que lhes confiava a superficie da Terra nua e crua, vendo por todo o globo á maneira de ursos, leopardos ou crocodilos; não possuíam, todavia, um coração de «ferro» onde não pudessem ser infiltradas as inolvidaveis leis do amor pela sua Patria; não se cansavam, contudo, de manifestar a sua tempera altruista, orgulhosa e cheia de patriotismo, sacrificando-se até ao derradeiro suspiro da sua alma de verdadeiro patriota, derramando o seu sangue inclusivamente a ultima gota em cumprimento dum dever que eles bem sabiam interpretar e por consequencia o quanto era necessaria e sagrada a defeza da terra que lhes serviu de berço. Sim, porque esses homens rudes e selvagens que então dominavam os grandes e pequenos continentes, preferiam ver espargido por sobre a terra o sangue das suas proprias veias confundindo-se com aquell'outro do seu inimigo, a sonhar, tão somente, que a sua sagrada Patria iria ser tomada pelas garras sangrentas e abominaveis desse odio e detestavel inimigo!... E foi assim que se chocaram poderosos exercitos dos grandes imperios orientais, demolidos os seus castelos, aniquilados os seus fortes, de cujos territorios somente escaparam á tremenda catastrophe uns aca-

nhados vestigios testemunhais, dos quais se ainda hoje podemos tornar as suas diminutas fronteiras, devem-no, em parte, aos louros do seu glorioso passado, no tempo em que tinham a faustosa denominação de imperio. Mas, dirá o leitor cheio de enfado entre si e os seus botões:

«Que tenho eu com isso?

«A que fim virá agora um discurso desta natureza?

Ao que eu amigavelmente respondo:

— Esta palestra, conquanto pareça á primeira vista destituida de fundamento e cheia de garrulices inuteis, encerra no seu todo um fim premeditado que na presente occasião não vem fóra de proposito; mas em virtude da deficiencia de espaço de que pecam as colunas deste jornal, sou forçado a participar ao leitor consciencioso que me não é licito concluir hoje a minha affectuosa discussão, aguardando por isso a saída do numero immediato-se por ventura for interessado em formar uma perfeita ideia da integridade da dita.

(Continua.)

AMADEU.

O que é isto?

A humanidade de agitação; os esforços malevolos empregados a todo o transe por certos politicos desviados para convencer o povo a quem n'outro tempo se fizeram os maiores elogios; a quem se renderam os maiores respeitos e homenagens e os mais alevantados e solenes protestos de grande estima e consideração; a quem se dedicaram palavras de affecto e carinho e a quem finalmente se engrandecera nos comicios e no parlamento e a que se chama agora canalha, sargeta e rua; sim, esses esforços empregados para o convencer de que um grande republicano, alto espirito de verdadeiro patriota, inteligencia prodigiosa, coracão sublime que sente bem os males da sua Patria e que por ella tem soffrido bastante e alma grandiosa de portuguez de lei, tentou fazer mal á Patria e a Republica com um golpe de estado, tudo isto já se vê com o fim de desacreditar, não se concebe muito bem porque motivo, o mesmo digno republicano; esses esforços que só prejudicam o paiz, vão trazer consequencias pesimas que soffrerão esses preciosos, esses inventores de jovens turquias e agora de golpes de estado etc., etc., se porventura não tomarem juizo e, quem sabe, se nós todos os portuguezes.

Mas, enquanto é tempo, para nos salvarmos, temos como cidadãos livres d'um patria livre, o direito de perguntar a esses politicos, para que serve andar a agitar o povo d'esta maneira, a enganar-o, a exaltar-o, para onde vamos, que educação politica é esta assim, que se servem, do povo para mais tarde lhe chamaram nomes; o que é isto?

Natál.

Reivindicações militares

Ao soldado portuguez, como cidadão que é, deve ser concedido o direito de votar.

(Resposta do sr. Ministro da Guerra a um reporter do *Diario de Noticias*.)

CONTRADIÇÃO

No tempo em que os teus olhos sonhadores
Fitavam o meu rosto sem cessar,
Receando os seus mágicos folgôres,
Desviei friamente o meu olhar.

Agora que tu passas indifrente,
Depois dum cumprimento respeitoso,
O meu olhar procura, docemente,
O teu vulto elegante, harmonioso!

Tavira, 1912

LAURINDA SERVTRAM.

LENDAS

II

Quem, por sobre as atuais ideias do materialismo invasor, perpassar dum salto para a sacrossanta *epopeia* da nação portuguesa, a ingenuar na mythologia dos fatos o acrisolado patriotismo do seu autor, e, começar a perscruta duma intenção legivel e *comprehensivel* nas primeiras oitavas do poema, haverá, na admirável redução do raciocínio, de pasmar da afirmativa palpavel e humana, que ali se lê na concreta synthese desta ideia:

E aquelles, que por obras valorosas
Se vão da lei da morte libertando.

Então, consciente em si próprio, na base estável que dá a illustração proba e racional dos fatos scientificos, esse alguém, na bemaventurança de suas ideias puras, ha de admirar e... venerar ainda mais a memoria desse glorioso portuguez, que, na vida da sua Patria, foi um grande exemplo de patriotismo, mas que, sem elle mesmo o saber, foi o extranho revolucionario, ás lições jesuíticas e aos sambenitos da inquisição, que, a Verdade scientifica relegou ás profundezas do chaos, e que ao mesmo tempo fez emergir do soldado o Poeta que, na existencia complexa do seu povo, ha de viver, enquanto Portugal for uma nação tracejada á superficie da terra.

E' que na historia social de Portugal, moldada á luz moderna do método scientifico, não ha lugar para os romanescos amores do poeta; o que restou, ainda que truncado pela santa inquisição, foi a sua Obra: monumento imperecível dum povo, que na revolução do progresso encontra sempre a actual razão da sua existencia: quere na manhan perfumada de 1 de dezembro, quere na alvorada polvorolenta do dia 5 de outubro.

— da Porta de Martim Moniz.

Santarém, a pérola da moirama, era já christan; e, o exercito aguerrido de Henriques ia em paragens successivas, caminho de Lisboa.

Da dominação romana, á governança dos moiros, Lisboa tinha progredido, e muito. Em poder destes últimos conquistadores, a marmórea *Felicitas e Julia*, crescêra, e muito se avantajara dos seus primitivos muros, a ponto que, em 1147 no momento deste reparo historico, continha no tortuoso dedalo das suas vielas, uma imensa multidão de artifices moirejando no comércio com

a região do sul do Tejo, avizinhando o mar, quicá na esperança dum futuro glorioso, e defendida sobre as terras pelas alevantadas ameias de suas novas muralhas.

Nas lutas sangrentas entre christãos e árabes fóra a cidade, várias vezes, teatro sanguinário de titánicas pugnas; mas sempre á vitória dos soldados christãos, sucedia, em tempo breve a reconquista pelos muçulmanos. A última derrota fóra soffrida pelo conde Henrique.

Riquezas, posição natural, glória de conquista, e... decerto, ardor bélico dos bons successo nas emprezas análogas, tudo isto, vinha de contribuir no moço rei, o desejo ambicioso de conquista da *Lissa Bona* dos moiros.

De-mais o momento era propicio á execução do plano, visto que pelo amplo estuário do Tejo se amarravam próximas, algumas embarcações, peçadas de cruzados, que, em descanso na rota da Palestina, se não recusavam á rude peleja, mediante óptima recompensa.

O cerco começou; por toda a parte até pelo Tejo acima, num movimento involvente e mais próximo de dia para dia, se travaram rijos combates, em que a valente dedicação dos aliados, ia soffrendo revêzes de fazendas e vidas, sem alcançar vantagens relevantes sobre os defensores da cidade. E assim foi durante cinco meses.

Ao fim, exasperados os ânimos, o moço rei, como chefe do exercito, na imaginação fecunda de seus pensamentos, imaginou um ardil: o exercito bi-partia se; uma grande parte simularia um ataque geral de escalada ás muralhas do lado do poente, enquanto que o resto, quasi de nobres cavaleiros, iria numa sortida arremeter contra a porta d'Alhama no coração do castello.

Assim se fez. Ao rompêr d'alva do dia 28 de junho de 1147, forçada a porta a golpes de machado e pontuadas de ariete, os portuguezes conseguiram quebrar os rijos ferrólhos que a fechavam. Porém ao impulso de fora, correspondia uma desesperada reacção de dentro, tanto maior quanto mais intenso era o trabalho dos soldados da Cruz, que na denominação da entrada, se vinham ajuntando numa onda imensa a gritar blasphemias, babados de raiva, enlouquecidos de cólera.

Então se conta, que, á frente, ambos contra os madeiros chapeados dos dois batentes, Martim Moniz, aproveitando uma ocasional abertura, se lançara nela, franqueando a passagem aos seus, que no sangue quente do heroi, encontraram a ravão da vitória.

Dos cruzados, tudo foi permitido;

alguns aglomeraram-se a fundar em frente de Lisboa, a vila actual de Almada.

De Martim Moniz, só veio até nós com a recordação do feito, a lápide e o busto em mármore, que um seu descendente mandou colocar no seculo XVII, por sobre a porta que, no actual castelo de S. Jorge, a tradição ficou chamando Porta do Moniz.

Plinio V.

RETALHOS

Uma pagina de historia

(CONTINUAÇÃO)

No centro do pequeno reduto de de Laca Marão fecharam-se 3 covas e 3 corpos dos obscuros valentes que tão longe salvaram a honra de Portugal, desapareceram para sempre ante os olhos marejados de lagrimas dos seus irmãos de armas, que a fatalidade quiz que os apanhasse de surpresa, e da soldadesca inconsciente que ajudou a matal-os, que sem compreenderem a grandiosidade do sacrificio dos obscuros heroes e a enormidade do crime que os seus superiores os levaram a cometer, festejaram em ruidosa alegria, uma vitoria que os envergonha e os estigmatiza de covardes!...

Sem duvida que estes heroes em covardia, sabiam a alta consideração em que o portuguez tem a honra, que eles desconhecem, e as ordens terminantes de não romper hostilidades com uma nação amiga, aliás não se entregavam tão descuidadamente a festejar a sua vitoria.

Os portuguezes em Buló-Belo vêem meter os prisioneiros no meio de numerosa escolta, e ao porem-se em marcha acompanham-nos com a vista até que uma saliencia no terreno os encobriu de todo!...

Passam-se muitos dias e num deles chegou inesperadamente a Lily um crusador holandez. E' o navio que trazia a bordo os prisioneiros desde Laçamarão e o novo residente do Cupang, representante da Holanda, que em nome do seu governo vinha pedir desculpa e patentear o seu pesar pelos acontecimentos ocorridos á nossa autoridade, e dar-lhe inteira satisfação pelo que succedeu...

Trocaram-se cumprimentos, novas afirmações de amizade esfusiarão dos labios dos dois representantes... e o cruzador retirou...

Decorrem mezes e com publicas afirmações de amizade do ministro da Holanda em Portugal... coincide a occupação pelos holandezes de alguns postos nossos em Okusssi, o de Buló Belo em Bolonaro e a rebelião dos naturais!... Timor, 1912.

Agostinho Leonardo Rodrigues,
2.º sargento d'artilharia.

PREVENÇÃO

Prevenimos os nossos estimados assignantes, que por todo o mez de janeiro, vamos proceder á cobrança, a fim de podermos liquidar as contas do 2.º ano e regularisar a tiragem do nosso jornal.

Desde já, pois, pedimos a sua atenção para os recibos que vamos enviar para o correio.

NOTICIAS MILITARES

Pela secretaria da guerra foi deferido o requerimento em que o alferes de infantaria n.º 35, Manuel Soares Fernandes Beirão, pedia licença para se consorciar.

— Foi mandado apresentar em Lisboa ao presidente do jurí de exames para major d'infantaria, o capitão d'infantaria 35, sr. José Inácio da Silva.

— Requereu para ser nomeado alferes medico miliciano, o soldado n.º 41 de cavalaria, sr. dr. Eugenio d'Oliveira Couceiro.

— Pediu licença ilimitada o tenente capelão secretario do D. R. 35, Antonio Coelho Martins d'Almeida.

— Pediu para ser promovido a tenente, o alferes miliciano Antonio Roque Ferreira.

— A fim de desempenhar serviço da sua especialidade, marchou para Aveiro o capitão de engenharia, sr. José Marques Pereira Barata.

— Está nesta cidade, no goso de 30 dias de licença disciplinar, o tenente d'artilharia, sr. Augusto de Matos Sobral Cid.

— Pela junta hospitalar d'inspecção reunida na ultima segunda feira no hospital militar desta cidade, foram arbitrados 50 dias de licença ao capitão d'infantaria, sr. Alberto Augusto das Neves Rocha.

— Marchou para Vizeu, a fim de presidir á junta hospitalar daquela cidade, o tenente-coronel medico, inspector de saude d'esta divisão, sr. Arnaldo Pacheco Dias Torres.

— A fim de desempenhar serviço da sua especialidade, seguiu para Ovar, o capitão d'engenharia sr. José Marques Pereira Barata.

— Regressou da Figueira da Foz, onde foi em serviço, o capitão de engenharia, sr. Abel Augusto Dias Urbano.

— Foram concedidos 50 dias de licença da junta, em sessão de 16 do corrente, ao alferes da administração militar em serviço na inspecção dos serviços administrativos, sr. Alexandre Mascarenhas Viana de Lemos.

— Foi mandado apresentar na biblioteca do ministerio da guerra, o coronel d'artilharia sr. João Alves Camacho.

— Foi deferido o requerimento em que o 2.º sargento do regimento de infantaria 25, sr. Adolfo Ultra, pedia passagem para infantaria 18.

— Foi promovido a musico de 3.ª classe para o regimento de infantaria 26, o aprendiz de musico de infantaria 18, sr. Fernando Viana.

— Foi deferido o requerimento em que o 2.º sargento de infantaria 31, sr. Alberto Magalhães da Mota e Moura, pedia para praticar para aviador do exercito.

— Faleceu em Moçambique, o 2.º sargento sr. Manuel Antonio da Silva.

— Foi proposto para baixar ao hospital, o 1.º sargento do deposito de praças do Ultramar, sr. Antonio Joaquim Pereira Caldas.

— Foram deferidos os requerimentos dos musicos de 2.ª classe do deposito de praças do Ultramar, srs Joaquim Antonio e Rafael dos Santos, em que pediam abono de readmissão.

— Foi augmentado ao efetivo da guarda nacional republicana, o sub-chefe de musica de infantaria 8, sr. Abilio do Nascimento.

— Pediu para ser condecorado com a medalha de prata da classe de comportamento exemplar, o 2.º sargento de infantaria 27, sr. Gre-

gorio Delfim Rodrigues, e com a de cobre, o sr. João Lourenço, tambem 2.º sargento do mesmo regimento.

— Pediu passagem á guarda republicana, o musico de 1.ª classe de infantaria 16, sr. Carlos Magno Sanz.

— Pediu para ser promovido a 1.º sargento, o 2.º sargento do 1.º batalhão de sapadores mineiros, sr. Ignacio Baptista Pereira.

— Pediu para ser classificado para empregos publicos, o 2.º sargento artilheiro da armada, sr. Joaquim Vicente da Rocha.

— Pediu passagem a infantaria 28, o chefe de musica de infantaria 12, sr. Custodio Rodrigues Gouveia.

— Pediu para ser condecorado com a medalha da prata da classe de comportamento exemplar, o 1.º sargento do grupo de artilharia de guarnição, sr. Augusto Maria da Silva Flores, e o 2.º sargento do grupo de baterias de guarnição a cavalo, sr. Alfredo Evangelista.

— Pediu passagem a infantaria 28, o 2.º sargento de infantaria 7, sr. José Pais d'Almeida Mamede, e á banda de marinheiros da armada, o musico de infantaria 29, sr. Guilherme José da Costa.

— Pediu a exoneração do cargo de amanuense da inspecção de fortificações e obras militares da 4.ª circunscrição, o 2.º sargento da 9.ª companhia de reformados, sr. Agostinho da Fonseca.

— Pediu para ser condecorado com a medalha de cobre de comportamento exemplar, o 2.º sargento de infantaria 28, sr. Ernesto Gomes Fernandes.

— Foram arbitrados 50 dias de licença para se tratar ao 2.º sargento de infantaria 18, sr. José Luiz Rodrigues.

— Foi deferido o requerimento em que o 2.º sargento de infantaria 31, sr. José Vitor, pedia passagem a infantaria 29.

— Pediu classificação para empregos publicos o 2.º sargento de cavalaria 9, sr. Luiz Augusto.

— Pediu para fazer serviço no regimento de infantaria 20, o sargento ajudante de infantaria de reserva 20, sr. João d'Almeida Serra.

— Pediu para ser condecorado com a medalha de cobre de comportamento exemplar, o 2.º sargento de infantaria 33, sr. José Francisco dos Santos.

— Pediram para concorrer aos exames para sub-chefe de musica, os musicos de 1.ª classe, de infantaria 12, sr. Antonio da Silva Coutinho, e de infantaria 33, sr. Gustavo Augusto Coelho.

— Pediu para ser promovido a sargento ajudante, o 1.º sargento de cavalaria 2, sr. Avelino Ferreira Barbosa.

Coimbra-Centro

Realizou-se no domingo, n'esta simpatica coletividade, o sarau dramatico, cujo produto se destina á compra de uma bandeira.

O sarau decorreu bastante animado, merecendo todos os interpretes fartos aplausos.

A conferencia feita pelo nosso distinto colaborador, Acacio Serra, mereceu tambem muitas e prolongadas palmas.

O baile que se seguiu ao sarau terminou ás 4 horas, decorrendo animadissimo.

Agradecemos o convite.

Está entre nós o nosso amigo e assignante, sr. Agostinho de Deus, musico de 1.ª classe de infantaria n.º 35.

Promoção

Foi promovido a sargento ajudante no exercito colonial, o nosso amigo e assignante Manuel d'Oliveira Leite, pelo que o abraçamos.

Felicitações

Damo-las com um abraço ao nosso velho amigo e assignante sr. Joaquim dos Santos, pelo seu aniversario, desejando-lhe que indefinidos anos se repitam.

PLACARD

Pagaram a sua assignatura até aos n.ºs que lhes vão indicados, os seguintes srs.: até ao

n.º 26

Semião Gabral, musico de 2.ª classe de infantaria 23; até ao

n.º 104

José Joaquim de Jesus, 1.º sargento de infantaria 15 e José Ramos Barata, mestre de corneteiros de infantaria 23; até ao

n.º 117

Balthazar Falcão, chefe de musica de infantaria 32; e até ao

n.º 122

José Martins Lopes Ribeiro, 1.º sargento de cavalaria e José Serra da Silva, 1.º sargento de infantaria 17.

Esteve entre nós o nosso amigo Alexandre Lopes de Moraes, honrado comerciante em Luso.

Aniversario

Passou no dia 21 do corrente o aniversario natalicio do nosso amigo João Ribeiro Arrobas, director do nosso colega local *Gazeta de Coimbra*, pelo que o felicitamos muito cordealmente.

ARTIGOS FUNERARIOS

NOVA CASA DO POVO

ANIBAL SOARES

Vale da Estrada (Catraia)

LUSO

Encarrega-se de quaesquer serviços funerarios, por preços sem competencia. Garante segurança e perfeição como prova com todos os seus freguezes.

Tambem vende artigos de mercearia, vinho e tabacos.

COMENSAES

Recebem-se de ambos os sexos na travessa do Cabido, n.º 11. Os meninos não devem ter idade superior a 14 anos.

E' casa bastante séria.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado
 Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 - RUA DA SÓPHIA - 61
 COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.
 Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.
 Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.
 Especialidade em varinos d'Aveiro Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, comerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párcos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS
 Em harmonia com os actuais program.as de instrução primária

POR **Ricardo Dinis de Carvalho**

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscrição Escolar, professor diplomado de instrução primária e sócio honorario de El Fomento de Las Artes Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado... **160 réis**
 Cartonado... **210**

A' venda na livreria F. FRANÇA AMADO
 Livreiro - editor
 115 - Rua Ferreira Borges - 123
 COIMBRA

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.
 Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

- Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.
- Codigo do Registo Civil, 200 réis.
- Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.
- Lei da Instrução Primaria, 100 réis.
- Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.
- Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.
- Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.
- Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial do Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82
 Proximo ao Colyseu LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da orden. (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depôs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 14800 RÉIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora — Moura Marques & Paraizos — 19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confeccão e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

TYPOGRAPHIA DO JONRAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUIÇÃO COIMBRA.

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e impressão de Jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMOTOS

CAFÉ DISTINTO

MARCA REGISTRADA

O MELHOR DA ATUALIDADE

Este primoroso café, devido á sua combinação, é o mais forte, saboroso e aromático

Vende-se em lindas latas acharoadas

Latas de 500 gramas	350	Pacotes de 250 gramas	170
» » 250 »	180	» » 125 »	85
Pacotes de 100 gramas		70 réis	

DEPOSITO GERAL FLOR DO JAPÃO

66, Rua da Sofia, 70 — COIMBRA

CHA' DISTINTO

Preparação especial de DAVID LEANDRO — Recomenda-se este magnifico chá, por ser forte e muito aromático.

VERDE OU PRETO

Pacotes de 100 gramas	280	Pacotes de 25 gramas	70
» » 50 »	140	Descontos aos revendedores.	

O café e chá DISTINTO, combate todas as marcas do mercado

Cafés moídos desde 300 a 700 réis o kilo

Torrefacção e moagem de café a vapor

David Leandro, Proprietario